

Pr Enaldo Brito

PROFESSOR

REVISTA DA ESCOLA DOMINICAL

Lições Bíblicas para culto doméstico, devocional e pequenos grupos

MARCOS

O Evangelho do Servo Jesus



www.educacaocristacontinuada.com.br



PROGRAMA DE EDUCAÇÃO CRISTÃ CONTINUADA

MATRIZ CURRICULAR

ESTUDO, LEITURA E CÓPIA MANUSCRITA DA BÍBLIA EM 8 ANOS

Ano	Trim	Antigo Testamento	Trim	Novo Testamento
1º 2021	1º	Gênesis	2º	Mateus
	3º	Êxodo, Levítico	4º	Atos
2º 2022	1º	Números, Deuteronômio	2º	Romanos
	3º	Josué	4º	Marcos
3º 2023	1º	Juizes (Rute)	2º	1 Coríntios
	3º	1,2 Samuel	4º	Lucas
4º 2024	1º	1,2 Reis; 1,2 Crônicas	2º	2 Coríntios
	3º	Esdras, Neemias (Ester)	4º	João
5º Ano Poético 2025	1º	Jó	2º	Salmos de Oração
	3º	Salmos de Celebração	4º	Provérbios, Eclesiastes, Cantares
6º 2026	1º	Isaías	2º	Gálatas, Efésios
	3º	Jeremias, Lamentações	4º	Filipenses, Colossenses 1,2 Tessalonicenses
7º 2027	1º	Ezequiel	2º	1,2 Timóteo, Tito e Filemon
	3º	Daniel	4º	Hebreus e Tiago
8º 2028	1º	Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias	2º	1,2 Pedro; 1,2,3 João e Judas
	3º	Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias	4º	Apocalipse

REVISTA DA ESCOLA DOMINICAL

Lições Bíblicas para culto doméstico, devocional e pequenos grupos

SUMÁRIO

Comentário e adaptação:
Ney Maranhão e equipe editorial

..... / / LIÇÃO 1	MARCOS 1: A CHEGADA DO SERVO	5
..... / / LIÇÃO 2	MARCOS 2 e 3: A OPOSIÇÃO AO SERVO	11
..... / / LIÇÃO 3	MARCOS 4: AS PARÁBOLAS DO SERVO	17
..... / / LIÇÃO 4	MARCOS 5: A AUTORIDADE DO SERVO	23
..... / / LIÇÃO 5	MARCOS 6: O SERVO ENFRENTA A INCREDULIDADE	29
..... / / LIÇÃO 6	MARCOS 7 e 8: O SERVO É O CRISTO	35
..... / / LIÇÃO 7	MARCOS 9: A TRANSFIGURAÇÃO DO SERVO	41
..... / / LIÇÃO 8	MARCOS 10: O SERVO VEIO PARA SERVIR A TODOS	47
..... / / LIÇÃO 9	MARCOS 11 e 12: A ENTRADA TRIUNFAL DO SERVO.....	53
..... / / LIÇÃO 10	MARCOS 13: O SERVO REVELA O FUTURO	59
..... / / LIÇÃO 11	MARCOS 14: TRAIÇÃO E PRISÃO DO SERVO.....	65
..... / / LIÇÃO 12	MARCOS 15: SOFRIMENTO E MORTE DO SERVO	71
..... / / LIÇÃO 13	MARCOS 16: GLÓRIA E TRIUNFO DO SERVO.....	77

Ney Maranhão é casado com Jofrane Maranhão. Desse amor, nasceram duas filhas: Rute e Rebeca. Pastor Auxiliar no Templo Central da Assembleia de Deus em Belém do Pará (Igreja-Mãe). Professor de Escola Bíblica Dominical há mais de 20 anos. Doutor em Direito pela Universidade de São Paulo. Professor do Curso de Direito da Universidade Federal do Pará. Membro da Academia Brasileira de Direito do Trabalho. Juiz Titular de Vara da Justiça do Trabalho da 8ª Região (PA/AP). Bacharelado em Teologia pela Faculdade Internacional Cidade Viva.

Capa: Pintura de Pavel Popov. Fuga do jovem desnudo, narrada exclusivamente no evangelho de Marcos (Mc 14.51,52).

MARCOS

Convido você para ler, estudar e manuscruver o maravilhoso Evangelho de Jesus, escrito por Marcos. Nele, Jesus é apresentado como o Servo Atual: aquele que veio não para ser servido, mas servir e dar a sua vida em resgate por muitos (10.45).

Escrito para os cristãos romanos, seu conteúdo retrata o ministério terreno do Senhor em ritmo acelerado e empolgante, com ênfase mais em suas ações do que em seus ensinamentos. Palavras como “logo” e “imediatamente” aparecem mais de 40 vezes e conferem especial dinâmica ao firme propósito de Jesus de servir e ser obediente até à morte e morte de cruz.

Muito conciso e objetivo, Marcos já principia no primeiro versículo com o título do livro (evangelho) e a síntese do seu conteúdo: Jesus (Sua humanidade), Cristo (Sua missão redentora) e Filho de Deus (Sua divindade). São fatos exclusivos de Marcos: a parábola da semente que germina (4.26-29), a cura de um surdo e gago (7.31-37), o cego curado com saliva (8.22-26) e o jovem que fugiu desnudo (14.51-52).

Vamos, “logo e imediatamente”, no mesmo ritmo, acompanhar os passos triunfantes do Servo Jesus! Guiados pela Bíblia e pelo Espírito Santo!


Pr. Samuel Câmara
Editor

EXPEDIENTE

Conselho Editorial

Samuel Câmara, Oton Alencar, Jonatas Câmara, Philipe Câmara, Celso Brasil, Marcos Galdino Júnior, André Câmara, Luiz Gonzaga de Lima.

Editor

Samuel Câmara

Editores Assistentes

Philipe Câmara
Pádua Rodrigues
Tarik Ferreira

Coordenador Editorial

Jadiel Gomes

Equipe Editorial

Auristela Brasileiro, Elielson Figueiredo, Ivan Martins, Leandro Santos, Enoc Miranda

Supervisão Pedagógica

Faculdade Boas Novas (FBN) e Seminário Teológico da Assembleia de Deus (SETAD)

Repertório Musical

Rebekah Câmara

Distribuição e Comercial

Jadiel Gomes

Editoração e Projeto Gráfico

Nei Neves, Tarik Ferreira, Sara Martins

Conteúdo Digital e Imagens

Jeiel Lopes

Versão bíblica: Almeida Revista e Atualizada (ARA), salvo quando indicada outra versão.

©2022. Direitos reservados. É proibida a reprodução parcial ou total desta obra, por qualquer meio, sem autorização por escrito da Assembleia de Deus em Belém do Pará e do autor dos comentários e adaptações.

Programa de Educação Cristã Continuada.

Avenida Governador José Malcher, 1571, esquina com a Tv. 14 de Março, bairro: Nazaré. CEP: 66060-230. Belém - Pará - Brasil. Fone: (91) 3110-2400. E-mail: pecc@adbelem.org.br



LIÇÃO 1

MARCOS 1: A CHEGADA DO SERVO

SUPLEMENTO EXCLUSIVO DO PROFESSOR

Afora o suplemento do professor, todo o conteúdo de cada lição é igual para alunos e mestres, inclusive o número da página.

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Em Marcos 1 há 45 versos. Sugerimos começar a aula lendo, com todos os presentes, Marcos 1.1-20 (5 a 7 min.).

A revista funciona como guia de estudo e leitura complementar, mas não substitui a leitura da Bíblia.

Olá, professor(a)! Iniciamos esta revista com uma pergunta urgente: temos desempenhado um bom serviço, assim como Jesus desempenhou? Um servo precisa estar decidido a cumprir o que lhe é proposto, apesar da dificuldade.

Não é uma questão de concordar ou de estar com vontade de cumprir, mas de obedecer ao que Jesus ordena. Quando fracassamos, a atitude deve ser a de levantar e prosseguir, como o próprio Marcos fez em relação às viagens missionárias. Quanto às nossas habilidades, devemos usá-las em favor do Reino; foi assim que Marcos compôs seu evangelho de modo a ser convincente e verdadeiro diante de leitores gentios.

OBJETIVOS

- **Compreender** os propósitos do evangelho escrito por Marcos.
- **Reafirmar** nossa fé em Jesus, o Filho amado enviado para remissão dos pecados.
- **Assumir** compromisso com a pregação do Evangelho do arrependimento, como Jesus assumiu.

PARA COMEÇAR A AULA

Professor(a), mostre aos alunos que Marcos nos conta sobre o batismo e, logo a seguir, sobre o deserto e as tentações. Assumir Jesus significa renunciar também a si mesmo e às promessas ilusórias de Satanás. Jesus venceu as tentações, mas não foi descansar. Ao invés disso, passou a viajar, ensinando e curando possessos. Não há outra maneira de assumir o Evangelho senão agindo. Como estamos testemunhando Jesus? Servir é estar disponível. Todos estão?

RESPOSTAS DA PÁGINA 10

- 1) Pedro.
- 2) Isaías (Mc 1.2-3).
- 3) A sogra de Pedro (Mc 1.30-31).

LEITURA ADICIONAL

“Quando o imperador Augusto morreu, no ano 14 d. C., Roma era uma cidade esplêndida. Ele chegou a gabar-se que tinha herdado uma cidade de barro e feito dela uma cidade de mármore. A capital do Império tinha cerca de um milhão de habitantes e hospedava várias culturas, povos e religiões. O Porto de Roma, Óstia, tornou-se o centro do comércio mundial. Havia uma riqueza ostensiva na cidade de Roma. Construções monumentais eram erguidas e o luxo dos ricos era exorbitante. Ao mesmo tempo, havia também uma extrema pobreza e miséria. Os navios despejavam seus produtos por intermédio dos braços suados dos escravos. Na cidade, prevaleciam a corrupção, a anarquia e a decadência moral. A bebedeira e a orgia faziam subir um mau cheiro repugnante da reluzente metrópole (Rm 13.11-14). Foi para essa cidade enfeitada pelo prazer que Marcos escreveu o seu evangelho. Nessa cidade do prazer e do luxo, uma igreja foi implantada. Essa igreja foi duramente perseguida a partir do ano 64 d. C. Os cristãos eram queimados vivos, lançados nas arenas para serem pisoteados pelos touros, enrolados em peles de animais para serem devorados pelos cães raivosos. Foi para essa igreja mártir que Marcos escreveu seu evangelho. Havia martírio atrás de si e à sua frente”.

Livro: **Marcos: o evangelho dos milagres** (LOPES, Hernandes Dias. São Paulo: Hagnos, 2006, pp. 23-24).

LIÇÃO 1

MARCOS 1: A CHEGADA DO SERVO

Texto Áureo

*"Então, foi ouvida uma voz dos céus: Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo."
Mc 1.11*



Leitura Bíblica Para Estudo Marcos 1.1-20

Verdade Prática

Quem confia em Cristo experimenta uma vida de serviço triunfante.

INTRODUÇÃO

I. O EVANGELHO SEGUNDO MARCOS *Mc 1.1*

1. Autor, data e local *Mc 1.1*
2. Marcos e os demais evangelhos
Mc 10.45
3. Características de Marcos *Mc 1.12*

II. PREPARATIVOS DO SERVO *Mc 1.2-13*

1. O servo é profetizado *Mc 1.2*
2. O servo é batizado *Mc 1.11*
3. O servo é tentado *Mc 1.12*

III. INÍCIO DO SERVIÇO *Mc 1.14-45*

1. Jesus prega arrependimento *Mc 1.14*
2. Jesus chama cooperadores *Mc 1.17*
3. Jesus exerce autoridade *Mc 1.39*

APLICAÇÃO PESSOAL

Devocional Diário

S	T	Q	Q	S	S
Mc 1.3	Mc 1.5	Mc 1.13	Mc 1.15	Mc 1.22	Mc 1.24

Hinos da Harpa: 139 - 372

INTRODUÇÃO

Marcos apresenta Jesus como o perfeito Servo de Deus, ou seja, como aquele que executa com firme disposição toda a obra que lhe foi divinamente confiada. Assim, Jesus é visto como servo dedicado e fiel, trabalhador obediente, apesar das espinhosas dificuldades enfrentadas na caminhada.

I. O EVANGELHO SEGUNDO MARCOS (Mc 1.1)

1. Autor, data e local (Mc 1.1)

Princípio do evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus.

Diferentemente da maioria das cartas, os evangelhos não indicam o nome de seus autores. Entretanto, há um antigo consenso entre os estudiosos no sentido de que seu autor é *Marcos*, cujo nome judeu era *João*, daí ser chamado de João Marcos (At 12.25).

Marcos era filho de Maria, uma mulher rica e hospitaleira em Jerusalém (At 12.12). Foi amigo e assistente direto de três dos primeiros missionários: Barnabé, Paulo e Pedro.

De fato, Marcos participou da primeira viagem missionária de Paulo e Barnabé (At 12.25 e 13.5). Todavia, por ter desistido no meio do caminho (At 13.13), Paulo se opôs à sua presença na segunda viagem. Paulo escolheu Silas; Barnabé (seu primo

– Cl 4.10) seguiu com Marcos (At 15.37-40).

Posteriormente, Marcos conquistou a confiança de Paulo (2Tm 4.11; Fm 24). A tradição cristã também o aponta como intérprete fiel do apóstolo Pedro (1Pe 5.13). O Evangelho de Marcos foi escrito em meados do século 1º d.C., na cidade de Roma.

2. Marcos e os demais evangelhos (Mc 10.45)

Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos.

De modo geral, Marcos é considerado o primeiro Evangelho escrito. Assim, serviu de base para os autores dos demais Evangelhos, que acresceram ou editaram seu conteúdo.

Se em Lucas temos Jesus como *Filho do Homem*, em João, como *Filho de Deus*, e em Mateus, como *Rei*, aqui, em Marcos, temos Jesus como *Servo*. Esperava-se que o Messias chegasse como rei conquistador. Marcos apresenta-o, porém, como servo humilde e sofredor que dá a sua vida em resgate por muitos (Mc 10.45).

Marcos foi escrito para leitores gentios, romanos em particular. Por isso, faz poucas citações do Antigo Testamento, não expõe genealogias, traduz frases aramaicas e hebraicas para seus equivalentes gregos (por exemplo, 5.41; 15.34), explica costumes judaicos (por exemplo,

7.3-4; 14-12; 15-42), cita moedas romanas (6.37; 12.42), bem como menciona pessoas importantes em Roma (Mc 15.21 e Rm 16.13).

3. Características de Marcos

(Mc 1.12)

E logo o Espírito o impeliu para o deserto.

Marcos tem estilo compacto, muito apropriado para o espírito prático dos romanos. É o mais curto dos Evangelhos: apenas 16 capítulos, nada tratando sobre nascimento, infância e juventude de Jesus. Todavia, algumas de suas histórias são mais completas, quando comparadas com as mesmas histórias nos outros Evangelhos. É o caso dos eventos em que Jesus cura a filha de Jairo e a mulher com hemorragia (5.21-43).

Marcos também tem estilo ativo, descrevendo Jesus como soldado que se move com agilidade e poder para conquistar uma vitória após outra sobre demônios, doenças e mesmo a morte, característica também muito apropriada ao espírito conquistador dos romanos. As palavras “logo”, “em seguida” e “imediatamente” aparecem dezenas de vezes, dando ritmo acelerado às narrativas e transmitindo a ideia de prontidão militar (por exemplo, 2.1; 3.1; 8.10; 10.1).

Assim, Marcos foca mais as ações que os ensinamentos de Jesus. Contém poucas parábolas. O Sermão do Monte, por exemplo, para o qual Mateus dedica três capítu-

los inteiros, não consta do Evangelho de Marcos. É, portanto, um livro de ação. Jesus está sempre agindo, apresentando-se como perfeito servo do Senhor.

Contudo, ao contrário dos conquistadores romanos, Marcos proclama a boa notícia de que Jesus é o próprio Filho de Deus (1.1) e sua vitória não vem pela força ou violência, mas pelo serviço obediente (14.36) e doação sacrificial (10.45).

II. PREPARATIVOS DO SERVO (Mc 1.2-13)

1. O servo é profetizado (Mc 1.2)

Conforme está escrito na profecia de Isaías: Eis aí envio diante da tua face o meu mensageiro, o qual preparará o teu caminho.

Ao citar o profeta Isaías (1.2), Marcos estabelece importante conexão entre Antigo e Novo Testamento, provando que a chegada de Jesus não foi uma ideia tardia ou ação improvisada de Deus para salvar a humanidade, diante da frustração de um plano anterior. Pelo contrário, revela a continuidade de um mesmo e poderoso plano que envolvia o cumprimento de antigas promessas (por exemplo, Is 40.3-5 e Ml 3.1). Esse registro tinha importância especial para o convencimento dos leitores romanos, conhecidos estrategistas militares.

A descrição de Marcos a respeito de João Batista é a mais resumida dos Evangelhos. Seu foco era destacar João Batista como execu-

tor fiel do papel profético de preparar o caminho de Jesus, o Messias e Filho de Deus (1.1), ou seja, o “mais poderoso” (1.7), que batizaria com o próprio Espírito Santo (1.8).

O estilo rústico e a pregação inflamada de João Batista, realizada em pleno deserto e com ênfase na confissão de pecados e no arrependimento, chamou a atenção de todos (1.4-6). Na antiguidade, antes de um Rei visitar qualquer porção de seu Reino, um mensageiro era enviado para preparar o caminho. João Batista preparou o coração das pessoas para receber o Salvador.

2. O servo é batizado (Mc 1.11)

Então, foi ouvida uma voz dos céus: Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo.

O evento inaugural do ministério público de Jesus foi seu batismo no rio Jordão (1.9). Embora tal batismo demandasse confissão pública de pecados (1.5), não era esse o caso de Jesus, que não cometeu pecado (1Pe 2.22). Seu propósito era “cumprir toda a justiça” (Mt 3.15), ou seja, como servo humilde e fiel, identificar-se com os pecadores que veio salvar, apon-tando para a remissão de pecados na sua morte (Is 53.4-5).

Segundo Marcos, na ocasião, os céus foram literalmente “rasgados” (verbo grego *schzein*) (1.10), descrição suavizada por Mateus e Lucas, que preferiram o verbo “abrir” (Mt 3.16 e Lc 3.21). Esses eventos

são sobrenaturais e provam que Jesus era o Filho de Deus (1.1).

Em seguida, o Espírito Santo desce sobre o Filho no rio Jordão (1.10) e o Pai brada do alto: “*Tu és meu Filho Amado, em ti me comprazo*” (1.11). Era a unção pública de Jesus para seu ofício messiânico. Mais uma vez, o Espírito pairava por sobre as águas e o Pai manifestava seu intenso deleite naquilo que contemplava (Gn 1.2 e 31). O profetizado Servo do Senhor havia chegado e estava cheio do Espírito Santo. O Reino de Deus estava próximo (1.14).

3. O servo é tentado (Mc 1.12)

E logo o Espírito o impeliu para o deserto.

Rapidamente, Marcos conduz-nos da glória do batismo à dureza da tentação de Jesus. A presença de “feras” é exclusividade de Marcos (1.13). Adão, no ambiente favorável do jardim, pecou (Gn 3.6). Mas Jesus, o último Adão (1Co 15.45), triunfou no cenário extremamente desfavorável do deserto.

Marcos é o mais sucinto no relato da tentação de Jesus. A posição de Filho de Deus servia à promoção do Reino de Deus. Assim, enfrentar e vencer o histórico adversário desse Reino era etapa essencial de sua missão. Marcos enfatizou esse fato: a vitória de Cristo sobre Satanás, qualificando-o para seu serviço de destruir as obras do diabo (1Jo 3.8).

No Jordão, ficou provado que Jesus era o Filho de Deus. Agora, conduzido pelo Espírito Santo (1.12), no deserto, para além da natureza humana, ganharia experiência humana triunfante, servindo-nos como paradigma. Jesus estava pronto para começar seu ministério.

III. INÍCIO DO SERVIÇO

(Mc 1.14-45)

1. Jesus prega arrependimento

(Mc 1.14)

Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galileia, pregando o evangelho de Deus.

Seguindo seu estilo sucinto e prático, Marcos oferta-nos sínteses preciosas a respeito do início do ministério terreno de Jesus. Quando? Após a prisão de João Batista. Onde? Na Galileia. Como? Pregando o Evangelho de Deus (1.14).

O quê? Qual a essência dessa pregação? A mesma que todas as fiéis testemunhas de Deus sempre proclamaram ao longo da história: “arrependei-vos e crede no evangelho” (1.15).

De fato, arrependimento e fé constituem o próprio núcleo da mensagem cristã (At 20.21). Afinal, sem abandono do pecado e mudança radical de vida, não há cristianismo verdadeiro. Cumpre nascer de novo, da água e do Espírito, para se entrar no Reino de Deus (Jo 3.5-7).

2. Jesus chama cooperadores

(Mc 1.17)

Disse-lhes Jesus: Vinde após mim e eu vos farei pescadores de homens.

Caminhando junto ao mar da Galileia (1.16), Jesus convoca homens simples. Pedro, André, Tiago e João. São esses primeiros que, prontamente, atendem ao chamado do Senhor, largando afazeres de pescaria e passando a seguir mais de perto o Mestre (1.17-20).

Consciente de que a seara é grande e de que sua missão não se destinaria apenas àquela época, Jesus chama cooperadores. Homens que, por sua fé e disposição, colaborariam diretamente na obra de Deus. Pessoas que, igualmente, pelo seu testemunho oral e escrito, perpetuariam sua obra.

O chamado de Jesus destoa da tradição judaica. A entrada em uma escola rabínica dependia da iniciativa daquele que aspirava ser aluno e não do chamado do Rabi. Todavia, aqui, Jesus toma a iniciativa, pois Ele nos amou primeiro (1 Jo 4.19). Da parte dos chamados, cumpre apenas obedecer, pronta e radicalmente (Mt 19.29).

3. Jesus exerce autoridade

(Mc 1.39)

Então, foi por toda a Galileia, pregando nas sinagogas deles e expulsando os demônios.

Jesus segue para Cafarnaum e, no sábado, põe-se a ensinar na sinagoga, onde os presentes se maravilham com a autoridade com a

qual expõe sua doutrina, em muito superior à dos escribas (1.21-22).

Não tardou para que aparecesse na sinagoga um homem possesso de espírito imundo. Jesus, mais uma vez exercendo sua autoridade, repreendeu o mal e libertou o homem (1.23-26). Também a sogra de Pedro, que se achava acamada com febre, é curada (1.30-31), seguindo-se o mesmo com um leproso (1.40-42).

Marcos registra que muitos enfermos e endemoninhados foram

levados a Jesus, experimentando a mesma libertação (1.34). “Todos te buscam” – diz Simão Pedro para Jesus (1.37), que, àquela altura, nem conseguia mais entrar publicamente em qualquer cidade, mas permanecia fora, em lugares afastados (1.45).

O alvoroço foi geral. O povo que andava em trevas viu grande luz (Is 9.2). Por isso, a fama de Jesus correu célere em todas as direções (1.28). O servo de Deus iniciara sua maravilhosa obra de redenção.

APLICAÇÃO PESSOAL

Jesus cumpriu Seu ministério terreno com total disposição, fidelidade e obediência. Sejam esses também nossos atributos na qualidade de servos de Deus e seguidores de Cristo.

RESPONDA

1) A tradição cristã aponta que Marcos foi intérprete fiel de qual dos apóstolos?

2) Qual profeta Marcos invoca no início de seu evangelho, fazendo importante conexão entre Antigo e Novo Testamento?

3) Que familiar de Pedro foi curado por Jesus no primeiro capítulo do Evangelho de Marcos?



LIÇÃO 2

MARCOS 2 e 3: A OPOSIÇÃO AO SERVO

SUPLEMENTO EXCLUSIVO DO PROFESSOR

Afora o suplemento do professor, todo o conteúdo de cada lição é igual para alunos e mestres, inclusive o número da página.

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Em Marcos 2 e 3 há 28 e 35 versos, respectivamente. Sugerimos começar a aula lendo, com todos os presentes, Marcos 3.1-21 (5 a 7 min.).

A revista funciona como guia de estudo e leitura complementar, mas não substitui a leitura da Bíblia.

Caro(a) professor(a), nesta lição veremos que o ministério do Filho de Deus é muito operante. Nós também podemos transformar vidas se nos mostrarmos, nós mesmos, transformados. O crente é um cego que passou a ver; um paralítico que finalmente andou. Se nós mesmos somos um milagre, outros vão andar e enxergar quando contarmos quem nos transformou. Porém, como aconteceu com Jesus, logo aparecerão opositores que tentarão desacreditar a fé que nos sustenta. Mesmo assim, haja o que houver, sejamos perseverantes. Antes de conhecermos Jesus éramos paralíticos, agora podemos andar. Aleluia! É tempo de levarmos a Jesus todos quantos estejam dispostos a crer e a aceitá-lo como Filho do Altíssimo.

OBJETIVOS

- **Proclamar** o Evangelho e dar testemunho da nossa transformação.
- **Perseverar** na fé em Jesus mesmo sob críticas e acusações.
- **Acolher** todos quantos queiram conhecer Jesus e libertar-se dos pecados.

PARA COMEÇAR A AULA

Podemos começar a aula refletindo sobre o que dizem atualmente os opositores do Evangelho de Jesus. O contexto é de idolatria crescente; atentados à criação através da legalização do aborto e da ideologia de gênero. Há ainda seitas judaizantes e pregações enganosas. Nossos desertos devem nos qualificar, nunca nos desanimar. Não nos cabe julgar, mas convidar cada um a cear com Jesus, como na casa de Levi. A mensagem é de arrependimento e perdão. Sejamos dinâmicos no trabalho que temos a fazer.

RESPOSTAS DA PÁGINA 16

- 1) Cafarnaum (Mt 4.13).
- 2) O Evangelho era incompatível com as velhas tradições religiosas da época.
- 3) Davi (1Sm 21.1-6).

LEITURA ADICIONAL

“Nos versículos anteriores a essa passagem, vemos nosso bendito Salvador sob a acusação dos escribas, que diziam estar ele em aliança com o diabo. (...) Nos versículos que lemos agora, percebemos que essa acusação absurda, feita pelos escribas, não foi tudo que Jesus precisou tolerar naquela ocasião. Somos informados também de que, 'nisso, chegaram sua mãe e seus irmãos, e, tendo ficado do lado de fora, mandaram chamá-lo'. Eles eram ainda incapazes de compreender a beleza e a utilidade da vida que nosso Senhor vivia. Embora, sem dúvida, o amassem muito, eles o teriam, de bom grado, persuadido a interromper suas atividades com a finalidade de 'poupá-lo'. Não sabiam o que estavam fazendo! Pouco haviam observado ou compreendido das palavras de nosso Senhor quando ele tinha apenas doze anos: 'Não sabíeis que me cumpria estar na casa de meu Pai?' (Lc 2.49). É interessante observarmos a tranquila, mas firme perseverança de nosso Senhor diante de todos os desencorajamentos. Nenhuma dessas coisas foi capaz de abalá-lo. As caluniosas insinuações de seus adversários e as bem-intencionadas reprimendas de seus amigos e parentes ignorantes mostraram-se igualmente incapazes de fazê-lo desviar-se de seu curso. Jesus havia voltado o rosto, decididamente, na direção da cruz e da coroa. Ele sabia qual missão viera cumprir nesse mundo. (...) Assim deve acontecer com todos os servos de Cristo. Nada, por um momento sequer, deve desviá-los do caminho estreito ou levá-los a parar e olhar para trás. Que eles não deem atenção às maldosas observações dos inimigos! Que não desistam diante de bem-intencionadas, mas errôneas súplicas de parentes e amigos não convertidos. Pelo contrário, que eles respondam com as palavras de Neemias: 'Estou fazendo grande obra, de modo que não poderei descer' (Ne 6.3). Que eles declarem: 'Já tomei minha cruz e de modo nenhum me desfarei dela!'”.

Livro: **Meditações no Evangelho de Marcos** (RYLE, John Charles. 2. ed., São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2018, pp. 58-59).

LIÇÃO 2

MARCOS 2 e 3: A OPOSIÇÃO AO SERVO

Texto Áureo

*"Retirando-se os fariseus, conspiravam logo com os herodianos, contra ele, em como lhe tirariam a vida."
Mc 3.6*



Leitura Bíblica Para Estudo Marcos 3.1-21

Verdade Prática

Servir a Cristo também significa ser fiel e corajoso em meio às provações e perseguições.

INTRODUÇÃO

I. OPOSIÇÃO SILENCIOSA Mc 2.1-12

1. O paraplítico e seus amigos Mc 2.3
2. Jesus e seus opositores Mc 2.7
3. Perdão de pecados Mc 2.9

II. OPOSIÇÃO EXPLÍCITA Mc 2.13-22

1. Reunião com pecadores Mc 2.15
2. Negligência do jejum Mc 2.18
3. Velhas tradições Mc 2.21

III. OPOSIÇÃO CRUEL Mc 2.23-3.35

1. Porque valorizou as pessoas acima dos costumes Mc 2.27
2. Porque fez o bem Mc 3.4
3. Porque não recuou Mc 3.14

APLICAÇÃO PESSOAL

Devocional Diário

S	T	Q	Q	S	S
Mc 2.2	Mc 2.5	Mc 2.10	Mc 3.5	Mc 3.15	Mc 3.28

Hinos da Harpa: 225 - 305

INTRODUÇÃO

Jesus atinge o auge de sua popularidade. Multidões afluem de todos os cantos em busca de cura e libertação (2.2; 3.7-8). Mas a popularidade de Jesus também atrai terríveis opositores, polêmicas religiosas e resistências familiares.

I. OPOSIÇÃO SILENCIOSA (Mc 2.1-12)

1. O paralítico e seus amigos (Mc 2.3)

Alguns foram ter com ele, conduzindo um paralítico, levado por quatro homens.

Devido à privilegiada localização geográfica, Cafarnaum foi escolhida por Jesus como sua cidade-base (Mt 4.13). O Servo encontrava-se “em casa” (2.1), provavelmente a casa de Pedro (Mc 1.29). Havia uma multidão no local (2.2).

De repente, percebeu-se que algumas pessoas enfrentavam dificuldades para conduzir um paralítico até Jesus. Somente Marcos revela que eram precisamente quatro homens os que carregavam o paralítico (2.3-4).

Esse grupo tinha uma fé persistente e criativa: o peso do paralítico, a impenetrabilidade da multidão e as tentativas frustradas de acesso a Jesus pelas vias usuais não os fizeram desistir. Confiantes de que Jesus cura-

ria aquele desafortunado, não mediram esforços: engenhosamente, contornaram a multidão, destelharam a casa e, pelo teto, baixaram diante de Jesus o leito em que jazia o paralítico (2.4; Lc 5.19). O que nos tem impedido de levar pessoas a Cristo?

2. Jesus e seus opositores (Mc 2.7)

Por que fala ele deste modo? Isto é blasfêmia! Quem pode perdoar pecados, senão um, que é Deus?

A fé daqueles homens chamou a atenção de Jesus. Por isso, sua resposta foi igualmente surpreendente: “Filho, os teus pecados estão perdoados” (2.5). Ora, a expectativa geral era a cura do corpo, porém Jesus decidiu tratar antes com o verdadeiro problema daquele homem: seu coração. Arrancou o mal pela raiz ao perdoar seus pecados, oportunizando salvação espiritual – propósito principal de sua vinda (Mt 1.21).

Nesse ponto, o foco passa para a oposição dos doutores da lei. É que a menção a perdão de pecados suscita acusação silenciosa de blasfêmia por parte de alguns escribas ali presentes (2.6-7), uma vez que só Deus pode perdoar pecados (Êx 34.6-7). O equívoco foi não perceber que aquele que estava entre eles era o próprio Deus.

3. Perdão de pecados (Mc 2.9)

Qual é mais fácil: Dizer ao paralítico: Estão perdoados os teus pecados, ou dizer: Levanta-te, toma o teu leito e anda?

Para seus críticos, Jesus era um charlatão e não poderia perdoar pecados (2.7). A prova disso era que tinha se limitado apenas a proclamar esse perdão, todavia sem prová-lo. Para eles, a prova irrefutável seria fazer o paralítico andar.

Então, não por ostentação pessoal ou pressão humana, mas como mais um ponto da sua maravilhosa aula (para que “saibais” – 2.10), Jesus se revela como o prometido Filho do Homem (Dn 7.13-14) e ordena ao paralítico que se levante, tome seu leito e retorne para casa.

No mesmo instante, o homem não só é curado, como também obedece à risca aos comandos do Servo de Deus, deixando todos admirados (2.10-12). Jesus faz a obra completa em nossas vidas.

II. OPOSIÇÃO EXPLÍCITA (Mc 2.13-22)

1. Reunião com pecadores (Mc 2.15)

Achando-se Jesus à mesa na casa de Levi, estavam juntamente com ele e com seus discípulos muitos publicanos e pecadores; porque estes eram em grande número e também o seguiam.

Marcos agora mostra que a autoridade de Jesus para perdoar pecados se estende inclusive para o coletor de impostos Levi, também chamado de Mateus (Mt 9.9). “Segue-me! Ele se

levantou e o seguiu” (2.14).

Ora, por cooperarem com o governo romano e explorarem o povo, não raro cobrando além do devido, essa classe social, também chamada de “publicanos”, era profundamente desprezada pela comunidade.

Levi prepara, então, um banquete em sua casa. Convidados? Jesus e seus discípulos, além de “muitos publicanos e pecadores” (2.15). A oposição, que antes fora um simples questionamento silencioso consigo mesmo (2.6-7), agora se torna verbalizada, todavia ainda não diretamente para Jesus, mas para seus discípulos: por que ele come e bebe com publicanos e pecadores (2.16)?

Porém, o próprio Jesus responde: “os sãos não precisam de médico, e sim os doentes; não vim chamar justos, e sim pecadores” (2.17). De fato, Jesus chama para si exatamente os cansados e sobrecarregados (Mt 11.28).

2. Negligência do jejum (Mc 2.18)

Ora, os discípulos de João e os fariseus estavam jejuando. Vieram alguns e lhe perguntaram: Por que motivo jejuam os discípulos de João e os dos fariseus, mas os teus discípulos não jejuam?

A lei apontava para um jejum anual, no dia da expiação (Lv 16.29-34). Todavia, os fariseus, por exemplo, orgulhavam-se de jejuar pelo menos duas vezes por

semana (Lc 18.12). Eles faziam do jejum o palco de um teatro onde apresentavam o show de uma piedade inexistente e hipócrita.

A pergunta agora é feita diretamente a Jesus (2.18). A oposição se torna cada vez mais explícita. Em resposta, Jesus compara a sua presença na terra com uma festa de casamento: *“Durante o tempo em que estiver presente o noivo, não podem jejuar”* (2.19). Ora, casamento é sinônimo de quebra de rotina, novidade de vida e alegria abundante. Não faz qualquer sentido jejuar em plena festa de casamento.

É bom destacar que Jesus não estava contra o jejum. Ele denunciou o jejum dos hipócritas, mas não era de modo algum contra o verdadeiro e legítimo jejum que teria lugar na Igreja depois da Sua ressurreição até os nossos dias.

3. Velhas tradições (Mc 2.21)

Ninguém costura remendo de pano novo em veste velha; porque o remendo novo tira parte da veste velha, e fica maior a rotura.

O Evangelho implica em vida radicalmente nova (2Co 5.17). Para clarear essa profunda verdade, Jesus se vale de duas figuras próprias ao cotidiano da época: remendo de roupas e acondicionamento de vinho.

Jesus afirma que não se costura remendo de pano novo em veste usada (2.21). De fato, quando esse remendo novo for molhado,

ele encolherá e rasgará o tecido velho. Da mesma forma, não se põe vinho novo em recipientes de couro (odres) velhos (2.22). É que o vinho novo fermenta e se expande, rompendo a vasilha antiga, frágil e já inflexível.

Jesus trouxe novidade de ensino e de vida (Mc 1.22 e 27; 2.12 e 3.34-35). Portanto, o cristianismo não é um adendo ou apêndice ao judaísmo, tampouco reforma dos antigos costumes judaicos. Trata-se, em verdade, de algo incompatível com a religiosidade exterior e as velhas tradições veneradas pelos líderes de então. Seu sangue constitui uma nova aliança (1Co 11.25), com uma nova comunidade (3.35) e novas práticas (Mt 5.3-15).

III. OPOSIÇÃO CRUEL

(Mc 2.23-3.35)

1. Porque valorizou as pessoas acima dos costumes (Mc 2.27)

E acrescentou: O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado.

A oposição a Jesus vai se tornando cada vez mais insistente e alarmante. Agora o Servo será testado em relação a outro tema caro aos fariseus: a questão do sábado.

Ao observarem que os discípulos de Jesus colheram e comeram espigas, após debulhá-las com as mãos (2.23; Lc 6.1), os fariseus os acusam de violação do sábado (2.24; Ex 20.8-11).

Jesus aproveita a oportunidade para resgatar o autêntico sentido da lei divina, rememorando o episódio em que Davi e seus companheiros, com fome e desespero, entram no tabernáculo (“casa de Deus”) e comem pães sagrados (1Sm 21.1-6), então destinados exclusivamente aos sacerdotes (Lv 24.5-9). Ora, ritos não valem mais que o ser humano. Assim, conclui que o sábado foi estabelecido por causa do homem e não o contrário (2.27).

Como se vê, o conhecimento da Palavra é antídoto contra o legalismo e o amor é a chave de compreensão da Lei de Deus (Dt 6.5).

2. Porque fez o bem (Mc 3.4)

Então, lhes perguntou: É lícito nos sábados fazer o bem ou fazer o mal? Salvar a vida ou tirá-la? Mas eles ficaram em silêncio.

O debate a respeito do sábado se prolonga. Desta feita, Jesus entra em uma sinagoga e se depara com um homem cuja mão direita estava ressequida (3.1). Insensíveis, seus opositores observam atentamente para ver se curaria em dia de sábado, a fim de o acusarem (3.2).

Jesus não se faz de rogado: É lícito fazer o bem no sábado? Marcos é o único que registra o silêncio sepulcral dos opositores. Mateus 12.11-12 detalha mais: *“Qual dentre vós será o homem que, tendo uma ovelha, e, num sábado, esta cair numa cova, não fará todo o esforço, tirando-a dali? Ora, quanto*

mais vale um homem que uma ovelha?”. O argumento é irrefutável. Jesus conclui a magistral lição: *“Logo, é lícito, nos sábados, fazer o bem”*.

Em seguida, sai da teoria para a prática: à vista de todos, cura o homem, restaurando-lhe a mão (3.5). Para os fariseus, a verdadeira religião consistia em obedecer às leis. Para Jesus, porém, em amar o próximo (Jo 13.34-35; Tg 1.27).

Mesmo apenas fazendo o bem, a oposição ao Servo de Deus se acirra: uma surpreendente coalizão político-religiosa entre fariseus e herodianos (defensores da dominação romana) contra Jesus. O objetivo? Matá-lo (3.6). Os homens amaram mais as trevas do que a luz (Jo 3.19).

3. Porque não recuou (Mc 3.14)

Então, designou doze para estarem com ele e para os enviar a pregar.

Perseguições nunca frearam o Reino de Deus. Pelo contrário, expandiram-no (Êx 1.12; At 8.1 e 4). No auge da perseguição, inclusive com conspirações pela sua morte, Jesus segue resolutos em sua missão (3.7-11). Mais que isso: Jesus decide amplificar o poder de alcance de seu ministério ao separar entre seus discípulos doze homens para estarem mais próximos de si e os enviar para pregar e exercer a autoridade de expelir demônios (3.14-15).

O conflito cósmico se agrava. A reação maligna é dura e cruel: a sanidade mental de Jesus é posta

em xeque por sua própria família (3.21). Não bastasse, a seguir vem a sórdida acusação da parte dos líderes religiosos: *“É pelo maioral dos demônios que expele os demônios”* (3.22).

Na articulação de sua resposta, Jesus demonstra plena saúde intelectual e espiritual: de início, prova a contradição lógica das acusações (3.23-26); depois, afirma, por parábola, sua franca oposição a Satanás (3.27); por fim, faz solene advertência a respeito do perigo do pecado de blasfêmia contra o Espírito Santo (3.28-29).

Frustrados os ataques ao *espírito* e à *mente*, é chegado o momento da tentativa de contenção *física*: a família de Jesus aparece para levá-lo (3.31-32). A provável intenção de dar-lhe proteção, alimento e descanso (3.6, 9 e 20) era nobre e compreensível. Entretanto, a missão do Servo era fazer a vontade de Deus (Jo 6.38). Por isso, para Jesus, vínculos espirituais haveriam de redimensionar o conceito de família: todos que abraçassem essa vontade seriam a sua própria família (3.35; Sl 27.10).

APLICAÇÃO PESSOAL

Aquele que serve a Cristo caminha triunfantemente em meio a toda espécie de perigos e oposições.

RESPONDA

1) Qual a cidade-base de Jesus em seu ministério público na Galileia?

2) O que Jesus quis dizer ao afirmar: “ninguém costura remendo de pano novo em veste velha”?

3) Ao se defender da acusação de violar o sábado, que importante personagem do Antigo Testamento Jesus invocou?



LIÇÃO 3

MARCOS 4: AS PARÁBOLAS DO SERVO

SUPLEMENTO EXCLUSIVO DO PROFESSOR

Afora o suplemento do professor, todo o conteúdo de cada lição é igual para alunos e mestres, inclusive o número da página.

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Em Marcos 4 há 41 versos. Sugerimos começar a aula lendo, com todos os presentes, Marcos 4.3-34 (5 a 7 min.).

A revista funciona como guia de estudo e leitura complementar, mas não substitui a leitura da Bíblia.

Olá, professor(a)! Nesta lição vemos a variedade do ministério do Servo. Entre leituras feitas nas sinagogas e curas diversas, há tempo para contar parábolas que ensinam os propósitos do Reino de Deus. A imagem do mundo rural – o semeador e a germinação – mostram o cuidado de fazer com que todos tomem para si aquelas verdades eternas. A candeia, que representa a manifestação clara do Reino de Deus na pessoa de Jesus, mostra que se fosse trazida à luz toda a verdade sobre o Reino, muitos poderiam acolher a mensagem em seus corações fazendo-a frutificar a cem por um. Essas e outras imagens – como a do grão de mostarda – mostram a beleza e a força transformadora da boa-nova que veio aos homens.

OBJETIVOS

- **Compreender** que a obediência – acolher a semente da boa-nova – gera frutos espirituais.
- **Proclamar** ao mundo que Jesus é a salvação revelada.
- **Assimilar** que a soberania de Jesus garante a expansão do Seu Reino.

PARA COMEÇAR A AULA

Para introduzir esta lição, podemos continuar com as imagens rurais que Jesus usou. Cabe a cada um de nós priorizar o Evangelho e retirar das nossas vidas pedras e espinhos. Vale lembrar que o Reino de Deus será implantado soberanamente, pois é semente de crescimento infalível. O mesmo que plantou também colherá; não há tempestade capaz de impedi-lo, pois Ele é o Messias. O Reino manifesto em Jesus alcançará todo o mundo. Quanto a nós, somos convidados a cooperar.

RESPOSTAS DA PÁGINA 22

- 1) Os que ouvem a Palavra, mas estão divididos com preocupações mundanas.
- 2) A parábola da semente que germina.
- 3) Cerca de 166 km².

LEITURA ADICIONAL

“Um semeador que está lançando sementes não é apenas uma imagem familiar da vida agrícola diária; é uma imagem de Deus semeando Israel novamente em sua própria terra, depois de longos anos no exílio; de Deus restaurando a sorte de seu povo, tornando a fazenda familiar frutífera novamente, depois de os espinhos e cardos terem nascido e crescido por tanto tempo. (...) O problema é que as pessoas estavam esperando um grande momento de renovação. Elas acreditavam que Israel iria resgatar seu destino como um todo; o reino de Deus eclodiria sobre o palco do mundo em um arroubo de glória. Não, declara Jesus: é mais como um semeador lançando a semente, que, em grande parte, aparentemente, se perde, pois o solo não é apropriado para ela e não consegue mantê-la. (...) algumas pessoas se aproximavam, enquanto outras ficavam à distância. (...) Algumas ouvem e esquecem; outras ficam entusiasmadas, porém por pouco tempo; outras têm outras coisas em suas mentes e em seus corações. Sim, há algumas frutíferas, muito frutíferas (qualquer agricultor estaria contente com uma safra cem vezes maior); mas Jesus está fazendo uma advertência codificada de que pertencer ao reino não é algo automático. O reino está chegando, mas não da maneira como eles haviam imaginado. Tudo o que Jesus faz cria uma divisão dentro de Israel em seus dias. As parábolas não somente explicam isso, como também são parte do processo. (...) Jesus não quer que todos recebam a mensagem? Sim e não. O que ele está dizendo é tão explosivo que não pode ser dito diretamente, bem no meio da rua”.

Livro: **Marcos para todos** (WRIGHT, N. T. Tradução de Jorge Camargo. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, pp. 64-66).

LIÇÃO 3

MARCOS 4: AS PARÁBOLAS DO SERVO

Texto Áureo

“Os que foram semeados em boa terra são aqueles que ouvem a palavra e a recebem, frutificando a trinta, a sessenta e a cem por um.”
Mc 4.28



Leitura Bíblica Para Estudo Marcos 4.3-34

Verdade Prática

Fomos chamados para frutificar abundantemente no Reino de Deus.

INTRODUÇÃO

I. A PARÁBOLA DO SEMEADOR

Mc 4.3-20

1. Sua importância Mc 4.13
2. Seu tema central Mc 4.4
3. A dinâmica do Reino de Deus Mc 4.20

II. MAIS PARÁBOLAS DO REINO

Mc 4.21-34

1. Parábola da candeia Mc 4.22
2. Parábola da semente que cresce automaticamente Mc 4.27
3. Parábola do grão de mostarda Mc 4.31

III. UMA AULA PRÁTICA Mc 4.35-41

1. O cenário da aula Mc 4.35
2. A confiança de Jesus Mc 4.38
3. O poder de Jesus Mc 4.39

APLICAÇÃO PESSOAL

Devocional Diário

S	T	Q	Q	S	S
Mc 4.8	Mc 4.15	Mc 4.17	Mc 4.21	Mc 4.37	Mc 4.40

Hinos da Harpa: 224 - 578

INTRODUÇÃO

Marcos é um evangelho de ação. Contém poucas parábolas. Apenas seis, das quais quatro estão neste capítulo. As outras duas são: a parábola dos lavradores maus (12.1-12) e a parábola da figueira que brota (13.28-37).

A parábola da semente que cresce automaticamente (4.26-29) é exclusiva do evangelho de Marcos.

I. A PARÁBOLA DO SEMEADOR (Mc 4.3-20)

1. Sua importância (Mc 4.13)

Então, lhes perguntou: Não entendeis esta parábola e como compreendereis todas as parábolas?

Jesus usava parábolas não porque desejava ocultar a verdade ou negar salvação a quem quer que seja (1Tm 2.4). O problema é o coração humano (Pv 4.23; Jr 17.8). A chave para acessar o significado das parábolas está em ter um coração aberto, humilde e sensível (Mt 13.14-15; Mc 4.11-12).

A parábola do semeador é uma das mais conhecidas parábolas de Jesus. Além de estar retratada nos três evangelhos sinóticos (Mt 13.3-8; Mc 4.3-8; Lc 8.5-8), foi considerada pelo próprio Senhor como chave de compreensão para qualquer outra parábola (v. 13), na medida em que revela, com impressionante simplicidade, a terrível problemática do coração

humano e a especial dinâmica do Reino de Deus.

2. Seu tema central (Mc 4.4)

E, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho, e vieram as aves e a comeram.

Nesta parábola, o solo representa o coração humano. A parábola do semeador ajudou os discípulos a entender o porquê de Jesus não se impressionar com multidões: a grande maioria de seus componentes representa solo improdutivo, ou seja, corações inapropriados ao cultivo da boa semente.

De fato, muitos que ouvem a Jesus têm corações *insensíveis* (solo endurecido: bastante pisado pelos homens, porque “à beira do caminho” – v. 4). Movidos por outros interesses, são indiferentes ou mesmo resistentes à Palavra. Por isso, Satanás retira-lhes com facilidade a semente (v. 15). Outros possuem corações *superficiais* (solo pedregoso – v. 5). Até recebem alegremente a Palavra, mas tudo não passa de ligeira experiência emocional. Logo com as primeiras aflições e angústias, decepcionam-se com a vida cristã e desistem da fé (v. 17).

Há ainda os portadores de corações *divididos* (solo espinhoso – v. 7), ou seja, recebem a Palavra com alegria e até se firmam na fé, porém preocupações mundanas disputam ferozmente pela atenção de seu coração (riqueza, po-

der, fama etc.), impedindo a geração de frutos (v. 19).

Mas, felizmente, sempre há também corações *acolhedores* (solo fértil – v. 8). Servos corajosos e frutíferos, que amam ao Senhor de todo o seu coração. Esses triunfam sobre o diabo, a carne e o mundo – os três grandes inimigos do coração humano revelados ao longo da parábola.

3. A dinâmica do Reino de Deus (Mc 4.20)

Os que foram semeados em boa terra são aqueles que ouvem a palavra e a recebem, frutificando a trinta, a sessenta e a cem por um.

Para o observador superficial, a parábola em estudo pode ser desestimulante. O semeador parece distraído: desperdiça sementes em locais não promissores. A semente parece frágil: depende de condições perfeitas de semeadura. O solo parece improdutivo: apenas 25% do terreno é verdadeiramente cultivável. A parábola insinua ação humana um tanto desordenada, até displicente, em meio a um cenário altamente adverso. Tudo sinalizando para uma colheita desastrosa.

Recorde-se que muitos tinham expectativas culturais e espirituais equivocadas a respeito do Messias: aguardavam um rei conquistador, forte e poderoso, que, comandando ação militar arrasadora, enfim libertasse o povo judeu da opressão romana.

A parábola do semeador serviu como ferramenta pedagógica para corrigir expectativas irreais. Apesar das circunstâncias desencorajadoras, a colheita é impressionante, frutificando “a cem por um” (v. 20), ou seja, uma colheita sobrenatural.

Assim, a parábola revela a especial dinâmica do Reino de Deus em Jesus: começo humilde, mas garantia de frutos miraculosamente desproporcionais para as circunstâncias da semeadura e os méritos humanos.

II. MAIS PARÁBOLAS DO REINO (Mc 4.21-34)

1. Parábola da candeia (Mc 4.22)

Pois nada está oculto, senão para ser manifesto; e nada se faz escondido, senão para ser revelado.

“Candeia” era um pequeno vaso de barro com óleo e um pavio, servindo como espécie de lamparina. Seu lugar era onde melhor irradiasse luz no ambiente. Não fazia sentido, portanto, colocar a lâmpada debaixo da cama ou do “alqueire” (cesta grande usada para medir cereais), abafando a sua luz. Antes, convinha que se colocasse no “velador”, suporte em que se punha a lamparina para melhor iluminar o ambiente.

Ora, toda verdade será revelada (v. 22). E as verdades do Reino de Deus, outrora ocultas (v. 11-12), agora estavam sendo enfim reveladas em Cristo (Hb 1.1-2).

“Atentai no que ouvis. Com a medida com que tiverdes medido vos medirão também, e ainda se vos acrescentará” (v. 24) é um provérbio popular judaico derivado do comércio que aponta para a ideia de transação justa.

Aqui, significa que ouvir atentamente ao ensino de Cristo gerará recompensas (Hb 11.6). Entretanto, para aqueles que não respondam em reciprocidade, *“até o que tem lhe será tirado”* (v. 25).

Com isso, Jesus fazia severas críticas, em especial aos judeus da época, sobretudo aos líderes religiosos, que estavam escondendo a luz da Palavra de Deus debaixo de uma grossa camada de religiosidade externa, tradições humanas e busca por glória própria.

2. Parábola da semente que cresce automaticamente (Mc 4.27)

Depois, dormisse e se levantasse, de noite e de dia, e a semente germinasse e crescesse, não sabendo ele como.

Parábola exclusiva do evangelho de Marcos. Em certo sentido, dá prosseguimento à parábola do semeador: mesmo no caso dos corações acolhedores (solo fértil), gerar frutos envolve um processo misterioso (Jo 3.8).

A parábola da semente aponta também para a *inevitabilidade* da vinda do Reino. O semeador semeia e depois só lhe cabe observar o natural desenvolvimento da semente na terra. R. N. Champlin

afirma que nada pode resistir para sempre à força da semente, já que sua eficácia é assegurada pelo senhorio de Deus – e nesse poder os discípulos poderiam depender serenamente.

Esta parábola acalma discípulos ansiosos, especialmente os que desejam praticar medidas mais agressivas e imediatas para estabelecer o Reino.

3. Parábola do grão de mostarda (Mc 4.31)

É como um grão de mostarda que, quando semeado, é a menor de todas as sementes sobre a terra.

A semente da mostarda é minúscula. Na cultura da época, sua invocação era um conhecido provérbio para destacar tudo o que era muito pequeno (Mt 17.20). Contudo, seu arbusto pode chegar de três a quatro metros de altura, proporcionando providencial refúgio às aves do céu (v. 32).

Jesus faz desse dito proverbial uma bela ilustração do mundo espiritual, descortinando a ideia do alcance abrangente de seu Reino, onde mesmo os gentios encontrarão descanso (Gn 12.3; Jr 17.23). Também há nítido contraste entre a singeleza da semeadura e a grandiosidade da colheita.

Importante perceber que, na parábola do semeador, a ênfase está na *responsabilidade humana* (cultivar um coração acolhedor); já na parábola da semente que cresce em segredo, a ênfase recai

na *soberania divina*. Agora, Jesus revela que, havendo santa cooperação entre esses dois agentes, o que parece insignificante resulta em bênção abundante.

III. UMA AULA PRÁTICA

(Mc 4.35-41)

1. O cenário da aula (Mc 4.35)

Naquele dia, sendo já tarde, disse-lhes Jesus: Passemos para a outra margem.

É hora de uma rica aplicação prática. Marcos capricha: em comparação com Mateus (8.23-27) e Lucas (8.22-25), seu relato do grande temporal no Mar da Galileia é o mais rico em detalhes: menciona, entre outros pontos, a hora do dia (v. 35), a presença de outros barcos que o seguiam (v. 36) e o fato de Jesus dormir sobre um travesseiro (v. 38).

O chamado Mar da Galileia é, na verdade, um grande lago de água doce com uma extensão de 166 km². Sua superfície está muito abaixo do nível do mar, em uma bacia cercada por montes e montanhas bastante íngremes. Quase 50 km a nordeste está o monte Hermon, a 2.804 metros acima do nível do mar. O contato do ar frio do alto com o ar quente que sobe do lago faz com que até hoje seja comum na região a ocorrência de fortes tempestades.

2. A confiança de Jesus (Mc 4.38)

E Jesus estava na popa, dormindo sobre o travesseiro; eles o desperta-

ram e lhe disseram: Mestre, não te importa que pereçamos?

A presença de outros barcos demonstra que o clima parecia tranquilo para a navegação. Todavia, Marcos reporta o abrupto advento de um “grande temporal de vento”, com fortes ondas açoitando impiedosamente o barco (v. 37).

Pescadores experientes percebem que a situação fugira do controle (v. 37). O que parecia ser só mais um costumeiro problema climático ganha ares de incomum dramaticidade. Só uma intervenção divina os salvaria da tragédia que se anunciava.

A aflição dos discípulos contrasta com a tranquilidade de Jesus. Ironicamente, a única vez em que vemos o Servo dormindo nos evangelhos é durante uma assustadora tempestade. A cena confere vida às recentes lições teóricas: como o homem que jogou a semente no solo e depois adormeceu tranquilamente (v. 26-27), Jesus descansa confiante que Deus cuidará dele e da semente que plantara.

Não sem razão: Jesus estava cumprindo a vontade do Pai (Mc 1.38-39). Ele não era um Jonas, fugindo da ordem divina (Jn 1.10,15).

3. O poder de Jesus (Mc 4.39)

E ele, despertando, repreendeu o vento e disse ao mar: Acalma-te, emudece! O vento se aquietou, e fez-se grande bonança.

Jesus é despertado não pela fúria da natureza, mas pelo sar-

casmo humano (v. 38). O Servo volta-se para o vento e o mar e, com autoridade, repreende-os. O Criador bradou com a sua criatura (Gn 1.3). Não poderia ser diferente: obediência imediata (v. 39).

Os discípulos entram em um novo e mais profundo estado de assombro: o terror em relação ao que Jesus fez supera o terror inicial causado pela força da tempestade. *“Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?”* (v. 41). A lição che-

ga ao seu momento mais importante: as narrativas parabólicas e a experiência prática deixam evidente que Jesus é o Messias. Ele faz coisas que só Deus pode fazer.

O perigo maior para o ser humano não é a fúria do mar ao seu redor, mas a incredulidade em seu interior (v. 40).

Aprendemos que o descanso não vem da calma, mas da confiança. Quem confia descansa, mesmo nas piores tempestades.

APLICAÇÃO PESSOAL

Nada impedirá a implantação do Reino de Deus. Em situações desesperadoras, é essencial manter a fé em Jesus e seguir dando frutos para o Seu Reino.

RESPONDA

1) Na parábola do semeador, quem as sementes que caem entre espinhos representam?

2) Qual parábola é exclusiva do Evangelho de Marcos?

3) Segundo a lição, qual a extensão do Mar da Galileia?

SUPLEMENTO EXCLUSIVO DO PROFESSOR

Afora o suplemento do professor, todo o conteúdo de cada lição é igual para alunos e mestres, inclusive o número da página.

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Em Marcos 5 há 43 versos. Sugerimos começar a aula lendo, com todos os presentes, Marcos 5.21-43 (5 a 7 min.).

A revista funciona como guia de estudo e leitura complementar, mas não substitui a leitura da Bíblia.

Caro(a) professor(a), nesta lição reafirmamos a certeza de que a soberania de Jesus sobre toda atividade espiritual é o que nos liberta do maligno. A cena da libertação de um homem seguida da possessão de uma vara de porcos nos faz pensar se também nós não estamos cuidando mais do nosso patrimônio do que da nossa salvação. Que seria de nós sem Jesus? Que poderíamos fazer por nós mesmos ou por nossas famílias sem Jesus? Jairo e a hemorrágica encontraram graça quando confessaram que o Cristo era sua única esperança. Precisamos aprender a nos esvaziar de nós mesmos para vermos as maravilhas de Jesus se manifestarem na nossa vida pessoal e na vida coletiva da Igreja.

OBJETIVOS

- **Compreender** que a fé exige renúncia a si mesmo.
- **Confessar** fé exclusiva em Jesus Cristo.
- **Testemunhar** o poder de Jesus sobre a morte.

PARA COMEÇAR A AULA

Professor, leve seus alunos a examinarem seus corações. Se o centro da sua adoração é o seu sofrimento ou o sofrimento do seu ente querido, então você está cultuando a si mesmo ou a outra pessoa. Se nada acontece é porque nenhum de nós tem poder. Somente quando o homem confessa sua impotência é que o caminho fica livre para Jesus manifestar Sua glória. Jairo e a mulher hemorrágica depositaram fé incondicional em Jesus. Temos examinado nossos corações?

RESPOSTAS DA PÁGINA 28

- 1) Cerca de seis mil soldados.
- 2) 12 anos (Mc 5.25).
- 3) A força do amor.

LEITURA ADICIONAL

“Você acha estranho que, ao chegar à casa de Jairo, Jesus tenha dito que a menina estava apenas dormindo? Os relatos paralelos dos Evangelhos de Mateus e Lucas deixam claro que Jesus compreendia que ela estava morta. Ela não estava apenas quase morta; ela estava inteiramente morta. Então, por que Jesus fala que ela estava dormindo? A resposta está naquilo que Jesus faz em seguida. Lembre-se, Jesus senta-se ao lado da menina, toma a mão dela e lhe diz duas palavras. A primeira é *Talita*. Literalmente, significa menina, mas isso não capta o sentido do que ele estava dizendo. Ele estava usando um diminutivo, uma forma carinhosa de se referir à menina. Uma vez que é um diminutivo que uma mãe usaria em relação à sua filha, é provável que a melhor tradução para essa palavra seja 'meu amorzinho'. A segunda palavra que Jesus diz é *cumi*, que significa 'levanta'. Não significa 'ressuscita'; significa somente 'levanta'. Jesus está fazendo exatamente o que os pais dessa menina fariam em uma ensolarada manhã de domingo. Ele senta, segura a mão da menina e diz: 'Meu amorzinho, é hora de levantar'. E ela se levanta. Jesus está enfrentando a morte, o inimigo mais implacável e inexorável da raça humana, e o poder dele é tão grande que ele segura essa menina pela mão e gentilmente a traz para o mundo dos vivos. (...) as palavras e os atos de Jesus não são somente poderosos; são também repletos de amor”.

Livro: A cruz do Rei (KELLER, Timothy. Tradução de Marisa Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2012, p. 88).

LIÇÃO 4

MARCOS 5: A AUTORIDADE DO SERVO

Texto Áureo

*"E ele lhe disse: Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz e fica livre do teu mal."
Mc 5.34*



Leitura Bíblica Para Estudo Marcos 5.21-43

Verdade Prática

Jesus triunfa frente a qualquer inimigo. Mesmo a morte não tem poder para detê-lo.

INTRODUÇÃO

I. AUTORIDADE SOBRE OS DEMÔNIOS Mc 5.1-20

1. A ação de Satanás Mc 5.5
2. A ação da sociedade Mc 5.3
3. A ação de Jesus Mc 5.19

II. AUTORIDADE SOBRE AS DOENÇAS Mc 5.21-34

1. A condição da mulher Mc 5.26
2. A fé da mulher Mc 5.28
3. A cura da mulher Mc 5.29

III. AUTORIDADE SOBRE A MORTE Mc 5.35-43

1. Contraste entre situações Mc 5.24
2. Continue crendo Mc 5.36
3. A força do amor Mc 5.41

APLICAÇÃO PESSOAL

Devocional Diário

S	T	Q	Q	S	S
Mc 5.8	Mc 5.14	Mc 5.20	Mc 5.23	Mc 5.30	Mc 5.34

Hinos da Harpa: 116 - 65

INTRODUÇÃO

Jesus já havia demonstrado sua autoridade sobre a natureza (Mc 4.35-41). Agora, na sequência, Marcos aprofunda o assunto, registrando a eficácia da autoridade do Servo de Deus sobre demônios, doenças e, por fim, sobre a própria morte.

I. AUTORIDADE SOBRE OS DEMÔNIOS

(Mc 5.1-20)

Nessa cena, Warren Wiersbe vê três forças diferentes em ação: Satanás, a sociedade e Jesus.

1. A ação de Satanás (Mc 5.5)

Andava sempre, de noite e de dia, clamando por entre os sepulcros e pelos montes, ferindo-se com pedras.

Após vencer uma terrível tempestade ao longo da travessia (Mc 4.35-41), Jesus chega ao lado leste do mar da Galileia, terra de gentios. Mas a oposição satânica é impiedosa: outra “tempestade” o aguarda. Desta feita, a fúria advirá de uma multidão de demônios.

De fato, Marcos relata com detalhes o horripilante resultado da ação do mal na vida humana: alijado de sua família e da sociedade, totalmente desprovido de dignidade, aquele homem vivia como uma besta fera enlouquecida: perambulava dia e noite pe-

los sepulcros e montes, ferindo-se com pedras e emitindo gritos infernais (v. 3-5).

O propósito do diabo será sempre roubar, matar e destruir (Jo 10.10), ou seja, implantar em nossas vidas caos, dor, tristeza e indignidade.

2. A ação da sociedade (Mc 5.3)

O qual vivia nos sepulcros, e nem mesmo com cadeias alguém podia prendê-lo.

Tudo o que a sociedade poderia fazer por aquele homem possesso de demônios foi feito, mas sem resultados. As diversas tentativas de controlá-lo foram todas frustradas. Sua força era descomunal, espalhando terror e medo, de maneira que ninguém podia subjugar-lo (v. 3-5). Cadeias e grilhões eram-lhe como fios de algodão: despedaçavam-se com facilidade. A única opção foi abandoná-lo em sua triste condição degradante.

Força humana não tem poder para libertar almas aprisionadas por Satanás. Aqui, qualquer esforço, ainda que movido pela melhor das intenções, tocará apenas o superficial. Nesse campo, ouro e prata nada podem fazer. Somente Jesus é capaz de libertar o oprimido e tratar a verdadeira fonte do problema humano (At 3.6; Jo 8.36).

3. A ação de Jesus (Mc 5.19)

Jesus, porém, não lho permitiu, mas ordenou-lhe: Vai para tua casa, para os teus. Anuncia-lhes

tudo o que o Senhor te fez e como teve compaixão de ti.

A simples presença de Jesus anula toda a agressividade do possesso: ao invés de violência, rendição (v. 6-7). A inegável verdade, infelizmente recusada por muitos ainda hoje, é objeto de pública confissão até entre os espíritos imundos (Tg 2.19).

Jesus aproveita o momento para fazer revelações profundas. “Qual é o teu nome?” A resposta é surpreendente: “*Legião é o meu nome, porque somos muitos*” (v. 8). Ora, legião designava a maior unidade de tropas do exército romano: cerca de seis mil soldados. Tratava-se da mais poderosa e destrutiva arma de guerra da antiguidade. O diabo age sem dó nem piedade e, se puder, com o máximo de sua força (Mt 12.45).

O curioso atendimento ao pedido dos espíritos impuros — de serem transferidos a uma manada de porcos — objetiva ofertar-nos mais uma importante revelação: não apenas o interior do homem possesso estava em desordem, mas também o coração de toda aquela comunidade.

Afinal, mesmo diante da libertação miraculosa do outrora possesso, então visto em perfeito juízo e sentado aos pés de Jesus (v. 15), a população deu mais atenção para o prejuízo econômico advindo da perda dos animais que para a glória de Deus (v. 17). Inversão

de valores também é sinal de desordem espiritual (Mt 6.33).

Apesar da forte resistência maligna, Jesus não mediu esforços para chegar até aquela terra, quebrar o poder do inimigo e ali implantar um missionário (v. 19-20; Lc 8.39).

II. AUTORIDADE SOBRE AS DOENÇAS

(Mc 5.21-34)

1. A condição da mulher

(Mc 5.26)

E muito padecera à mão de vários médicos, tendo despendido tudo quanto possuía, sem, contudo, nada aproveitar, antes, pelo contrário, indo a pior.

Outro cenário caótico irá testar a autoridade de Jesus. Agora, o Senhor é procurado por uma pessoa culturalmente desvalorizada (mulher), fisicamente debilitada (doente), economicamente arrasada (falida), emocionalmente frágil (frustrada), espiritualmente desfavorecida (impura) e socialmente rejeitada (abandonada).

Foram doze anos de uma terrível hemorragia, cujo tratamento arruinou suas finanças e destruiu sua autoestima, agravando ainda mais sua situação (v. 25-26). A problemática com o sangue lhe impôs também o afastamento de sua família e comunidade, porque considerada impura segundo a Lei Mosaica (Lv 15.25-27). Deploável situação a dessa mulher: sequer seu nome é revelado.

2. A fé da mulher (Mc 5.28)

Porque, dizia: Se eu apenas lhe tocar as vestes, ficarei curada.

Nada obstante a tragédia que vivia, essa mulher possuía algo especial: fé em Jesus (v. 27). Porém, para conquistar sua bênção, ela deveria romper a enorme multidão e conquistar a atenção de Jesus, que, na ocasião, estava inteiramente comprometido com a cura da filha de um homem influente da região (v. 22-24).

Ora, em si, essa já era uma missão impossível, especialmente quando atentamos para a dificuldade de sua execução, que implicava grande esforço físico (apesar da debilidade decorrente da hemorragia), disposição psicológica elogiável (apesar do histórico de frustrações de tentativas de cura) e uma coragem diferenciada (além de tocar no próprio Jesus, inevitavelmente também tocaria nas pessoas da multidão).

A solução? Simples e audaciosa: em um último e desesperado esforço físico-emocional, a ideia era assumir todos os riscos, invadir a multidão, ganhar espaço pouco a pouco e, por trás, discretamente, apenas tocar nas vestes de Jesus (v. 28).

3. A cura da mulher (Mc 5.29)

E logo se lhe estancou a hemorragia e sentiu no corpo estar curada de seu flagelo.

Contrariando a todas as expectativas, a mulher do fluxo de

sangue consegue cumprir à risca o seu plano e, ao tocar nas vestes de Jesus, recebe cura imediata (v. 29). Há um nítido contraste entre o poder de cura dos médicos que se debruçaram atentamente sobre o seu caso (sabedoria humana – v. 26) e o poder de Jesus, involuntariamente acionado. Expectativas religiosas de então também caem por terra: ao invés do toque da mulher transmitir impureza a Jesus, um incrível poder curativo foi transmitido de Jesus para ela.

“Quem me tocou nas vestes?” (v. 30). Impressiona a sensibilidade de Jesus: ora, em meio à caminhada, inúmeras pessoas o comprimiam (v. 24). Todavia, ainda assim é capaz de perceber os que lhe tocam diferente, porque movidos por espírito quebrantado e coração contrito (Sl 51.17).

Mas a cura física foi só o início de um processo mais profundo: aquela mulher – outrora doente, frustrada, abandonada e desvalorizada – libertou-se de seu mal, ganhou um testemunho poderoso, desenvolveu uma fé preciosa e ainda foi explicitamente acolhida na família de Deus (v. 34). Cura completa: física, emocional, social e espiritual.

III. AUTORIDADE SOBRE A MORTE (Mc 5.35-43)

1. Contraste entre situações

(Mc 5.24)

Jesus foi com ele.

Contrastes dramáticos marcam Jairo e a mulher do fluxo de sangue. Ao contrário desta, Jairo detém grande prestígio social e religioso, com acesso direto a Jesus (v. 22). Ademais, ao invés dos doze anos de tristeza da mulher com hemorragia, Jairo vivenciara doze anos de alegria com sua filhinha, cuja vida agora estava por um fio por conta de uma terrível doença (v. 23 e 42). Não bastasse, Jesus acatou suas súplicas públicas e aceitou ir até sua casa para curar a criança (v. 23-24), ao passo que a mulher anelou apenas um discreto toque na roupa do Servo.

Todavia, apesar dessas vantagens pessoais e circunstanciais, Jairo precisou gerir com paciência suas emoções: enquanto sua filha sucumbia, ele teve de assistir a todo o profundo processo de cura da mulher anônima. O propósito? Jairo buscava simples cura, mas Jesus preparava algo maior: ressurreição. Era a vez da morte se sujeitar à sua autoridade.

2. Continue crendo (Mc 5.36)

Mas Jesus, sem acudir a tais palavras, disse ao chefe da sinagoga: Não temas, crê somente.

Jairo seria testado em sua fé com mais um doloroso conjunto de contrastes. De saída, à alegria pela cura da mulher com hemorragia se seguiu a tristeza pela notícia da morte de sua filha (v. 35). O tempo havia se esgotado...

Jesus foi negligente? Sua autoridade havia encontrado limites?

O Servo de Deus não perde tempo: olha nos olhos de Jairo e declara, com firmeza: *“Não temas, crê somente”* (v. 36). Ou seja: “Estou no controle de tudo, Jairo. Permaneça firme na sua fé. Confie em mim!”. Verdadeiramente, somos chamados a viver pela fé.

Retoma-se a marcha rumo à sua casa. Porém, quanto mais próximo do destino, mais evidente fica que sua filha estava mesmo morta: desespero e pranto era tudo o que se via (v. 38). Mas, de novo, Jesus ousa contrariar todos e, pacientemente, insiste: *“A criança apenas dorme”* (v. 39). Os presentes debocham (v. 40).

3. A força do amor (Mc 5.41)

Tomando-a pela mão, disse: Talitá cumi!, que quer dizer: Menina, eu te mando, levanta-te!

Jesus mantém no local apenas aqueles movidos por amor incondicional: os pais da criança e aqueles que abandonaram tudo para o acompanhar (v. 40). O Servo enfim entra no cômodo onde estava a menina. O embate atinge seu ápice: vida e morte estão frente a frente. Quem será o mais forte?

Esperava-se talvez um estrondoso embate cósmico. Gritos? Relâmpagos? Terra tremendo? Nada disso. Para vencer o último inimigo (1Co 15.26), Jesus se vale

apenas da sutileza do Seu amor e poder. Tomando-lhe pela mão, calmamente diz à criança: *“Menina, levanta-te!”* (v. 41). Imediatamente, a menina se levantou e pôs-se a andar (v. 42). Eis a arma com que Jesus vence a morte: a

força do Seu eterno amor e soberano poder.

O capítulo 5 de Marcos aponta para o triunfo da fé em Jesus e a consequente subjugação do diabo, das doenças e mesmo da morte.

APLICAÇÃO PESSOAL

Devemos ser corajosos e abundantes na obra do Senhor. A plena autoridade de Jesus nos céus e na terra é garantia de vitória para todo aquele que Nele confia.

RESPONDA

1) Segundo a lição, quantos soldados havia em uma legião (maior unidade de tropas do exército romano)?

2) Por quantos anos já perdurava a doença da mulher do fluxo de sangue?

3) Segundo a lição, qual arma Jesus usou para vencer a morte?



LIÇÃO 5

MARCOS 6: O SERVO ENFRENTA A INCREDULIDADE

SUPLEMENTO EXCLUSIVO DO PROFESSOR

Afora o suplemento do professor, todo o conteúdo de cada lição é igual para alunos e mestres, inclusive o número da página.

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Em Marcos 6 há 56 versos. Sugerimos começar a aula lendo, com todos os presentes, Marcos 6.1-16 (5 a 7 min.).

A revista funciona como guia de estudo e leitura complementar, mas não substitui a leitura da Bíblia.

Olá, professor(a)! O evangelho de Marcos vem nos mostrando como a autoridade e o poder de Jesus foram questionados por muitos. Ainda hoje, várias pessoas se referem a Ele como apenas um profeta, um místico; no máximo, um líder político.

Irmãos, Jesus nos serviu com tanta humildade que ainda hoje muitos tentam rebaixá-lo. Por ser soberbo, Herodes não reconheceu o ministério do Cristo; mas um povo literalmente faminto corria para ouvir as palavras do nazareno. O Servo foi tão humilde que até os apóstolos demoraram a entender o Seu poder, mesmo assim Ele cura e liberta quantos o aceitam como Salvador.

OBJETIVOS

- **Defender** a fé única e verdadeira em Jesus.
- **Imitar** o caráter humilde do Cristo.
- **Servir** a quantos queiram conhecer Jesus.

PARA COMEÇAR A AULA

Professor(a), leve seus alunos a perceberem que o evangelho de Marcos nos faz reavaliar nossos valores e critérios éticos. Jesus ordenou que servíssemos uns aos outros; que não buscássemos os primeiros assentos a fim de sermos elogiados, mas que vivêssemos de tal modo que pelo amor fôssemos reconhecidos. Com grande poder sobre males físicos e espirituais, Jesus não buscou honras, mas procurou no meio do povo quem pudesse crer. Estamos seguindo os passos do nosso Mestre?

RESPOSTAS DA PÁGINA 34

- 1) Por causa da incredulidade do povo.
- 2) Tetrarca (Lc 3.19).
- 3) Das três às seis da manhã.

LEITURA ADICIONAL

“Marcos diz abertamente que Jesus ‘não pôde fazer ali nenhum milagre’. (...) A ênfase da conclusão recai sobre a não disposição do povo dessa cidade em crer. Somos confrontados mais uma vez com o mistério do Reino de Deus: alguns daqueles que tiveram todas as oportunidades de crer não o fizeram e outros que, como o geraseno endemoninhado, não se esperava que acreditariam, passam a crer. (...) Deus se surpreende com a dureza de coração da humanidade e sua relutância de crer nele, e não com a pecaminosidade e propensão para o mal. Essa dureza do coração é o maior problema do mundo e nisso repousa o julgamento divino sobre a humanidade. A humanidade quer um sinal espetacular de Deus ou, como o demônio, uma grande demonstração do poder divino (Mt 4.1-11; Lc 4.1-13). Contudo, ela não quer que Deus se torne um ser humano como um de nós (Jo 1.11). O povo de Nazaré vê só um carpinteiro, só um filho de Maria, só outro dos filhos do vilarejo que cresceu e voltou para uma visita. Se ao menos Deus fosse menos comum e mais único, então eles creriam. A imagem de servo do Filho é muito prosaica para amealhar a credulidade. Deus se identificou muitíssimo com o mundo para que o mundo o visse, muitíssimo com a cidade de Nazaré para que esta reconhecesse em Jesus o Filho de Deus. A humanidade quer algo distinto daquilo que Deus dá. O maior obstáculo à fé não é a falha de Deus em agir, mas a relutância do coração humano para aceitar o Deus que digna a se apresentar a nós em apenas um carpinteiro, o filho de Maria”.

Livro: **O comentário de Marcos** (EDWARDS, James R. Tradução de Helena Aranha. São Paulo: Shedd Publicações, 2018, pp. 227-228).

LIÇÃO 5

MARCOS 6: O SERVO ENFRENTA A INCRELDULIDADE

Texto Áureo

"Não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão? E não vivem aqui entre nós suas irmãs? E escandalizavam-se nele."

Mc 6.3



Leitura Bíblica Para Estudo Marcos 6.1-16

Verdade Prática

O Servo Jesus triunfa até sobre a incredulidade dos Seus discípulos.

INTRODUÇÃO

I. A INCRELDULIDADE DOS NAZARENOS Mc 6.1-13

1. Local de incredulidade Mc 6.3
2. Efeitos da incredulidade Mc 6.5
3. Reações à incredulidade Mc 6.6

II. A INCRELDULIDADE DE HERODES Mc 6.14-29

1. Homem devasso Mc 6.18
2. Homem perturbado Mc 6.16
3. Técnica de "sanduíche" Mc 6.22

III. A INCRELDULIDADE DOS DISCÍPULOS Mc 6.30-56

1. Ao alimentar cinco mil homens Mc 6.37
2. Ao andar sobre as águas Mc 6.50
3. O exemplo de fora Mc 6.56

APLICAÇÃO PESSOAL

Devocional Diário

S	T	Q	Q	S	S
Mc 6.2	Mc 6.12	Mc 6.20	Mc 6.31	Mc 6.41	Mc 6.51

Hinos da Harpa: 11 - 467

INTRODUÇÃO

O capítulo 6 de Marcos, objeto desta lição, destaca a tragédia da incredulidade dos nazarenos, de Herodes e dos próprios discípulos. Esse contraste serve para realçar a importância de se desenvolver fé sincera no Servo de Deus.

I. A INCRECULIDADE DOS NAZARENOS (Mc 6.1-13)

1. Local de incredulidade (Mc 6.3)

Não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão? E não vivem aqui entre nós suas irmãs? E escandalizam-se nele.

À época, Nazaré, lugar onde Jesus fora criado, nada mais era que um acanhado vilarejo repleto de casas de barro espalhadas por cerca de 30 mil metros quadrados de uma encosta pedregosa, com uma população de, no máximo, quinhentas pessoas. Era uma pequena aldeia, sem importância, inclusive objeto de preconceito por parte do povo da região (Jo 1.46).

No trecho bíblico em estudo, Jesus volta a Nazaré ("sua terra" – v. 1). Esperava-se que fosse bem recepcionado pelos que o conheciam desde a infância. Porém, infelizmente, para os nazarenos, Jesus não passava de um homem comum, membro de uma família comum, praticante de uma profissão comum (v. 3).

A menção de que era simples "filho de Maria" (v. 3) revela algo mais: na tradição judaica, um homem sempre era descrito pelo nome de seu pai, ainda que falecido, exceto por insulto/ofensa (Jz 11.1-2; Jo 8.41). Mas havia algo pior: como um homem comum poderia ter tamanho poder e sabedoria (v. 2)? Só haveria duas opções: Deus ou Satanás. Ou seja, ao serem movidos pela incredulidade (v. 6) e ao recusarem-se a reconhecer o Pai na pessoa de Jesus, restava a triste insinuação de que a fonte de seu poder era maligna – tese já defendida por alguns (Mc 3.22).

2. Efeitos da incredulidade (Mc 6.5)

Não pôde fazer ali nenhum milagre, senão curar uns poucos enfermos, impondo-lhes as mãos.

Em Nazaré, ao contrário do que vinha ocorrendo em outros locais (Mc 3.10, por exemplo), Jesus não pôde fazer ali nenhum milagre, senão curar uns poucos enfermos (v. 5). Recorde-se que não era a primeira vez que a comunidade onde Jesus crescera negava seu ministério (Lc 4.16-30). Tratava-se, portanto, de um povo persistentemente incrédulo. E, sem dúvida, esse ambiente de total descrença operou limitações ao Servo.

Todavia, não se trata de Jesus não ter desejado ou podido realizar milagres em Nazaré. É que os habitantes daquele local

endureceram seus corações e alimentaram um obstinado preconceito contra o Senhor. Eles simplesmente não o desejavam. Assim, houve limitação, não do Seu poder, mas de Sua missão. Não faltou poder a Jesus, mas, sim, fé aos nazarenos.

Afinal, Jesus não agia para impressionar, mas para transformar a vida de pessoas que, movidas pela fé, reconheciam sua inteira dependência dele (Mc 2.17; Hb 11.6). Quem curava apenas para impressionar eram os mágicos pagãos da Antiguidade. Cuidado: incredulidade limita o agir de Deus (2Rs 13.14-19; Hb 3.12-13).

3. Reações à incredulidade (Mc 6.6)

Admirou-se da incredulidade deles. Contudo, percorria as aldeias circunvizinhas, a ensinar.

Expressando sua humanidade, mesmo Jesus admirou-se da incredulidade dos nazarenos. Até onde se sabe, ele nunca mais retornou a Nazaré. Em certo sentido, espiritualmente, o ceticismo dos nazarenos era um símbolo da cegueira do próprio povo judeu (Jo 1.11).

Mas quando uma porta se fecha, o Senhor abre outras. A incredulidade dos nazarenos em nada afetou o prosseguimento do ministério terreno de Jesus. Lutas e decepções não podem parar o povo de Deus. Após um ligeiro momento de espanto, eis a firme e imediata reação do Ser-

vo: ampliar seu poder de alcance através do comissionamento dos apóstolos, enviados a pregar o Evangelho, expelir demônios e curar enfermos, em seu nome (v. 7, 12-13).

A urgência dessa missão demandava deslocamento rápido e confiança plena: pouquíssimos itens poderiam ser levados, o que não incluía pão e dinheiro (v. 8-9). Os emissários deveriam em tudo depender da provisão divina. O justo viverá pela fé (Hb 10.38).

II. A INCREULIDADE DE HERODES (Mc 6.14-29)

1. Homem devasso (Mc 6.18)

Pois João lhe dizia: Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão.

Notícias sobre os embaixadores de Jesus chegaram até Herodes Antipas, filho de Herodes, o Grande (Mt 2.1). Pelo costume local, era chamado de “rei” (v. 14), embora seu título verdadeiro fosse “tetrarca” (Lc 3.19). Governou as regiões da Galileia e da Pereia de 4 a.C. a 39 d.C.

Herodes Antipas era devasso: deixou a esposa para se casar com Herodias, sua sobrinha e mulher de seu meio-irmão Herodes Filipe, estando este ainda vivo. Sua atitude adúltera e incestuosa foi denunciada por João Batista, que acabou preso por tamanha ousadia (v. 17-18).

Em verdade, Herodes parecer ter percebido que o ministério

de Cristo era maior que o de João Batista (Lc 9.7-9). Todavia, o temor de sofrer oposição do povo o impediu de aproximar-se do Servo. A personalidade maliciosa e impetuosa de Herodes Antipas foi duramente criticada por Jesus (Mc 8.15; Lc 13.31-33).

2. Homem perturbado (Mc 6.16)
Herodes, porém, ouvindo isto, disse: É João, a quem eu mandei decapitar, que ressurgiu.

Herodias era muito segura quanto ao que nutria por João Batista: ódio mortal, literalmente (v. 19). Já Herodes Antipas alimentava sentimentos conflitantes: ao tempo em que o temia, reconhecendo-o como homem “*justo e santo*” (v. 20a), cogitava matá-lo (Mt 14.4); maravilhava-se com suas palavras (v. 20b), mas não hesitou em lançá-lo ao cárcere quando confrontado com seus pecados (v. 17-18).

Igualmente, quando a filha de Herodias, instruída pela mãe, pediu a cabeça de João Batista e encurralou a Herodes Antipas, cobrando publicamente que cumprisse com sua insensata promessa (v. 21-25), este “*entristeceu-se profundamente*”, todavia cumpriu com sua palavra e matou o profeta (v. 26-28).

Ao ouvir sobre a fama de Jesus, sua mente logo veio perturbá-lo: “*É João, a quem eu mandei decapitar, que ressurgiu*” (v. 16). A verdade é que, mesmo morto,

a mensagem de João Batista continuava a martelar no coração de Herodes. Todavia, via-se florescer de tudo, menos arrependimento e fé (Mc 1.15).

3. Técnica de “sanduíche”
(Mc 6.22)

Entrou a filha de Herodias e, dançando, agradou a Herodes e aos seus convivas. Então, disse o rei à jovem: Pede-me o que quiseres, e eu to darei.

Na teologia bíblica, tem-se por técnica de “sanduíche” a modalidade redacional muito usada no evangelho de Marcos em que determinada história é abruptamente interrompida por uma segunda, com posterior retomada daquela primeira. Essa técnica segue a fórmula A-B-A, em que a narrativa B serve de chave teológica para compreensão adequada das metades que a ladeiam.

Recorde-se que a cura da filha de Jairo foi repentinamente suspensa para dar espaço à cura da mulher do fluxo de sangue, demandando de Jairo o exercício de uma fé diferenciada (Mc 5.22-43). São pelo menos nove ocorrências dessa técnica ao longo do evangelho de Marcos (mais algumas: 3.20-35; 11.12-21; 14.1-11).

Na seção bíblica em estudo, o tema principal da missão dos apóstolos (v. 7-13) é pausado para ceder ao relato de João Batista e Herodes (v. 14-29), sendo depois retomado (v. 30-44).

III. A INCREDULIDADE DOS DISCÍPULOS (Mc 6.30-56)

1. Ao alimentar cinco mil homens (Mc 6.37)

Porém ele lhes respondeu: Dai-lhes vós mesmos de comer. Disseram-lhe: Iremos comprar duzentos denários de pão para lhes dar de comer?

Na ocasião, os doze retornam com êxito de sua missão evangelística (v. 7-13), porém exaustos, pelo que Jesus os convida para, de barco, irem a um lugar isolado a fim de descansarem (v. 30-32). Mas a oportuna pausa para recuperar forças físicas e mentais não vinga: uma multidão, a pé, chega antes ao local, demandando atenção e cuidado (v. 33).

Neste ponto, há uma forte diferença entre as reações de Jesus e de seus discípulos: ao invés de os encararem como invasivos ou impertinentes, Jesus os viu como *“ovelhas que não têm pastor”*, passando a *“ensinar-lhes muitas coisas”* (v. 34). Todavia, ao final da tarde, seus discípulos demonstram impaciência: recomendam que a multidão seja liberada, mesmo cansada e faminta (v. 35-36).

“Dai-lhes vós mesmos de comer” – desafiou-os, porém, Jesus (v. 37). Diante da postura incrédula de seus seguidores mais próximos, Jesus opera mais um milagre e todos participam de um farto banquete (v. 38-44). Mesmo o círculo mais íntimo do Servo não estava imune à incredulidade e impa-

ciência, posturas opostas ao verdadeiro amor (1Co 13.4-8).

2. Ao andar sobre as águas (Mc 6.50)

Pois todos ficaram aterrados à vista dele. Mas logo lhes falou e disse: Tende bom ânimo! Sou eu. Não temais!

Os discípulos serão submetidos a outro teste de fé: agora, sem a companhia de Jesus. Desta feita, o Mestre sobe a um monte para orar e os discípulos, por orientação do próprio Jesus, seguem de barco rumo a Betsaida (v. 45-47). Todavia, o tempo passa bastante (já era a “quarta vigília da noite”: das três às seis da manhã) e os discípulos não conseguiram desenvolver a viagem, pois o vento lhes era forte e contrário (v. 48).

Percebendo o fracasso dos discípulos em vencer mais esse desafio espiritual, Jesus anda por sobre as águas e se aproxima do barco para resolver a situação, mas, ao vê-lo, os discípulos gritam de assustados, imaginando se tratar de um fantasma (v. 49). *“Sou eu. Não temais”* – disse Jesus. E logo subiu ao barco e o vento cessou, deixando-os atônitos (v. 50-51).

Cegueira e incredulidade: marcas dos corações não apenas dos opositores de Cristo (Mc 3.5; 10.5), mas também, incrivelmente, de seus próprios embaixadores (v. 52; Mc 8.16-18).

3. O exemplo de fora (Mc 6.56)

Onde quer que ele entrasse nas aldeias, cidades ou campos, punham

os enfermos nas praças, rogando-lhe que os deixasse tocar ao menos na orla da sua veste; e quantos a tocavam saíam curados.

Quando Jesus e seus discípulos desembarcam nas planícies férteis de Genesaré, o povo se mobiliza para trazer seus enfermos às praças, os quais desejam apenas um toque na orla da veste do Servo de Deus. A fé desse povo era tão viva e intensa – talvez inspirada na experiência da mulher do fluxo de sangue (Mc

5.28) – que, verdadeiramente, todos que a tocavam saíam curados (v. 56).

Marcos utiliza mais um valioso contraste: à surpreendente incredulidade do círculo mais íntimo de Jesus segue-se a abundante fé daqueles mais afastados. O contato com a fé pura e exemplar de pessoas simples e anônimas era uma preciosa fonte de aprendizado para os discípulos – que, como vimos, ainda estavam em processo de cura de seus próprios corações (v. 52).

APLICAÇÃO PESSOAL

Examinemos, corriqueiramente, os nossos corações. Em nossos testes de fé, devemos tirar os olhos das circunstâncias e sempre confiar em nosso Salvador.

RESPONDA

1) Em Nazaré, por que Jesus curou poucos enfermos e não fez milagres?

2) Herodes Antipas era chamado de “rei” (Mc 6.14). Porém, como autoridade romana, segundo a lição, qual era o seu verdadeiro título?

3) Segundo a lição, a “quarta vigília da noite” (Mc 6.48) equivaleria a que horário?

MARCOS 7 e 8: O SERVO É O CRISTO

SUPLEMENTO EXCLUSIVO DO PROFESSOR

Afora o suplemento do professor, todo o conteúdo de cada lição é igual para alunos e mestres, inclusive o número da página.

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Em Marcos 7 e 8 há 37 e 38 versos, respectivamente. Sugerimos começar a aula lendo, com todos os presentes, Marcos 8.11-30 (5 a 7 min.).

A revista funciona como guia de estudo e leitura complementar, mas não substitui a leitura da Bíblia.

Querido(a) professor(a), Jesus enfrentou rejeição e acusações ao longo de suas caminhadas. Mesmo assim, seguia com enorme senso missionário e messiânico a fim de alcançar quantos o quisessem conhecer. Ele cumpriu a Torá com justiça, recusando uma religiosidade corrompida e motivada pelo desejo de manipular e explorar as pessoas. Ninguém precisa se ocupar de uma santidade ritualística, pois um coração convertido não se deixa arrastar por costumes e tradições seculares. Jesus foi até os impuros e encontrou mais fé entre eles do que entre os fariseus. Vamos vigiar para que Satanás não nos leve a agir contra os propósitos do Reino, como, por um instante, aconteceu com Pedro.

OBJETIVOS

- **Assumir**, como servos, o compromisso missionário.
- **Praticar** a justiça e a humildade, seguindo o exemplo de Jesus.
- **Ensinar** a todos que Jesus os convida à salvação.

PARA COMEÇAR A AULA

Professor(a), mostre aos seus alunos que o crente vai a qualquer lugar onde o Evangelho deva ser ministrado, pois não somos chamados para excluir as pessoas do Reino. Ao contrário, empenhamos nossas vidas na tarefa de revelar Jesus a todos que queiram conhecê-lo. É no cotidiano das nossas atividades seculares, entre incrédulos, que devemos testemunhar com firmeza e generosidade para que muitos creiam e sejam libertos pela fé em Jesus, o Cristo.

RESPOSTAS DA PÁGINA 40

- 1) A lei de “Corbã” (Mc 7.11-13).
- 2) As curas do surdo e gago e do cego de Betsaida.
- 3) Da verdade de que Jesus é o Cristo (Mc 8.29).

LEITURA ADICIONAL

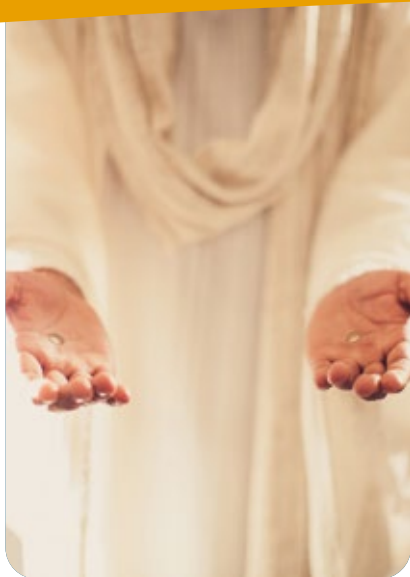
“A pureza moral não depende de lavar ou não lavar, de tocar ou não tocar em coisas, de comer ou não comer certas coisas, conforme os fariseus e escribas ensinavam. (...) Nossa pecaminosidade original e nossa inclinação natural para o mal raramente são consideradas como convém. A iniquidade dos homens, frequentemente, é atribuída aos maus exemplos, às más companhias, a tentações peculiares ou às armadilhas do diabo. Parece que esquecemos o fato de que cada homem traz, dentro de si, o manancial de sua própria iniquidade. Não precisamos de qualquer companhia má para nos ensinar ou de qualquer demônio para nos tentar a cair em pecado. Já temos dentro de nós a fonte de cada pecado debaixo do céu. (...) Ao lermos essas palavras, precisamos entender claramente que nosso Senhor estava referindo-se ao coração humano em geral. Ele não aludia somente ao devasso de má reputação ou ao preso na cadeia. Todos nós, grandes ou pequenos, ricos ou pobres, patrões ou empregados, idosos ou jovens, eruditos ou ignorantes – todos nós temos, por natureza, um coração como aquele que foi descrito por Jesus. As sementes de todos os males aqui mencionados jazem escondidas dentro de nós. Podem ser reprimidas pelo temor às consequências, pelas restrições da opinião pública, pelo medo de sermos descobertos, pelo desejo de parecermos respeitáveis e, acima de tudo, pela graça onipotente de Deus. Porém, cada indivíduo possui, dentro de si mesmo, a raiz de todo pecado. (...) Aos olhos de Deus, 'todos nós somos como o mundo' (Is 64.6). Deus vê, em cada um de nós, incontáveis iniquidades que o mundo jamais será capaz de perceber, porquanto Deus lê nossos corações. (...) Certamente, a pessoa que não se gloria no evangelho reconhece pouco da praga que abriga em seu interior”.

Livro: **Meditações no Evangelho de Marcos** (RYLE, John Charles. 2. ed., São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2018, pp. 124-125).

LIÇÃO 6
MARCOS 7 e 8:
O SERVO É O
CRISTO

Texto Áureo

"Então, lhes perguntou: Mas vós, quem dizeis que eu sou? Respondendo, Pedro lhe disse: Tu és o Cristo."
Mc 8.29



Leitura Bíblica Para Estudo
Marcos 8.11-30

Verdade Prática

Cristo é o único que pode transformar o nosso ser de dentro para fora.

INTRODUÇÃO

I. VERDADEIRA

ESPIRITUALIDADE Mc 7.1-23

1. A acusação Mc 7.5
2. A refutação Mc 7.8
3. O ensino Mc 7.20

II. O EVANGELHO ALCANÇOU OS GENTIOS Mc 7.24-37

1. Território gentio Mc 7.24
2. A mulher siro-fenícia Mc 7.26
3. O surdo e gago Mc 7.32

III. JESUS É O CRISTO Mc 8.1-38

1. Alimentando gentios Mc 8.4
2. Cego de Betsaida Mc 8.24
3. Quem dizem que eu sou? Mc 8.29

APLICAÇÃO PESSOAL

Devocional Diário

S	T	Q	Q	S	S
Mc 7.6	Mc 7.13	Mc 7.21	Mc 7.28	Mc 8.2	Mc 8.12

Hinos da Harpa: 299 - 45

INTRODUÇÃO

Nos capítulos 7 e 8 de Marcos, a essência da verdadeira espiritualidade é revelada por Jesus. Ademais, ao palmilhar por terras gentílicas e promover milagres entre gentios, o Servo demonstra o alcance universal da redenção. Após, no ápice do evangelho de Marcos, Pedro, representando os discípulos e inspirado pelo Espírito Santo, enfim professa a identidade messiânica de Jesus. No capítulo 8, destaca-se a cura do cego de Betsaida, narrada exclusivamente por este evangelista.

I. VERDADEIRA ESPIRITUALIDADE (Mc 7.1-23)

1. A acusação (Mc 7.5)

Por que não andam os teus discípulos de conformidade com a tradição dos anciãos, mas comem com as mãos por lavar?

Segundo a tradição rabínica, Moisés recebeu duas leis no Monte Sinai: a Torá escrita e a Mishná oral. Esta consiste em comandos verbais prescrevendo, com riqueza de detalhes, como a Torá deveria ser aplicada nas mais variadas circunstâncias do cotidiano, sendo transmitidos às gerações sucessivas. Na época de Jesus, para os fariseus, a adesão à tradição oral era tão importante quanto a obediência à própria Torá.

Questões de pureza ocupam 25% da Mishná, daí o motivo da ob-

sessão farisaica pelo tema. “Pureza”, porém, aqui, não tem a ver com higiene, mas com ritos de purificação. Mesmo que não implicasse sujeira, o simples contato com utensílios ou pessoas “impuras” demandava sujeição a rigorosos rituais de lavagem e purificação (7.3-4).

Fariseus e escribas se escandalizaram com o fato dos discípulos de Jesus não lavarem as mãos antes de comerem (7.5). No entanto, essa conduta em nada ofendia a Lei de Moisés, que, de sua parte, apenas exigia dos sacerdotes que lavassem suas mãos e pés antes de oferecerem sacrifício (Êx 30.18-21). A verdade é que diversos preceitos humanos foram acrescentados à lei de Deus, impondo à vida espiritual do povo um fardo pesadíssimo de carregar (Mt 23.4).

2. A refutação (Mc 7.8)

Negligenciando o mandamento de Deus, guardais a tradição dos homens.

Jesus foi contundente em sua resposta, denominando seus contendores de “hipócritas” (7.6).

Para demonstrar a pertinência de sua colocação, o Servo invoca a lei e os profetas. Cita Isaías: “*Este povo honra-me com os lábios, mas seu coração está longe de mim*” (7.6; Is 29.13). Após, Moisés: “*Honra a teu pai e a tua mãe*” (7.10; Êx 20.12). Resgata, assim, a primazia da lei de Deus para guiar a vida do ser humano (Sl 119.105).

Um exemplo concreto vem à tona: a lei de “Corbã” (7.11-12).

Segundo o costume rabínico, uma pessoa poderia dedicar alguns de seus bens ao Senhor (Lv 27.28; Nm 18.14), embora mantendo o exclusivo controle sobre eles enquanto vivesse. Ou seja, somente com a sua morte esses bens passariam ao uso no templo, nenhum sacrifício real demandando do “ofertante”.

Essa medida não passava de ardiloso artifício para privar sobretudo pais, em sua velhice, de usufruir da propriedade desses bens, com ampla aceitação dos sacerdotes, dispensando os filhos de seus deveres para com pai e mãe (7.12). Tradição humana francamente violadora da lei de Deus (7.13). Como amar a Deus e desobedecer à sua Palavra (1Jo 5.3)? Jesus foi certo: pura hipocrisia.

3. O ensino (Mc 7.20)

O que sai do homem, isso é o que o contamina.

O sistema de purificação dos fariseus partia do pressuposto de que a fonte do mal é exterior – o que vem de fora é o que contamina o homem (7.15). Jesus inverte essa afirmativa. Antes, “*o que sai do homem é o que o contamina*” (7.20).

De fato, o alimento que se ingere apenas desce pelo aparelho digestivo (7.19). No coração, porém, residem nossas genuínas motivações e propósitos (Mt 12.34), inclusive contaminações morais e espirituais que afetarão a todos os que nos circundam (7.21-23).

Assim, o mal não vem de fora, mas de dentro. Sua fonte não está

no “sistema” ou em objetos, mas, sim, no coração humano. Antes de atentar para nossas palavras e ações, o Senhor contempla a qualidade do nosso coração (Gn 4.4b; 1Sm 16.7), pois dele procedem as fontes da vida (Pv 4.23).

II. O EVANGELHO ALCANÇOU OS GENTIOS (Mc 7.24-37)

1. Território gentio (Mc 7.24)

Levantando-se, partiu dali para as terras de Tiro [e Sidom].

A partir desta seção, Marcos passa a relatar o ministério de Jesus na região de Tiro e Sidom (7.24), local com ampla predominância de gentios, forte paganismo e histórica inimizade para com os judeus. Ali, por exemplo, nasceu a rainha Jezebel, que seduziu Israel para práticas pagãs (1Rs 16.31-32).

Logo, tal visita de Jesus era não apenas embaraçosa, mas até escandalosa para os seus. Porém, tudo que Jesus faz tem um sábio propósito: as lições sobre pureza e impureza deveriam continuar. Afinal, já se declarou que não há alimento impuro (7.19). Agora, é tempo de proclamar que também não há terras ou pessoas impuras. O Evangelho deve chegar em todos os lugares e alcançar a todas as pessoas (Mt 28.19; At 1.8).

2. A mulher siro-fenícia (Mc 7.26)

Esta mulher era grega, de origem siro-fenícia, e rogava-lhe que expelisse de sua filha o demônio.

Como é de seu costume, Jesus aplicará a lógica de seu ensino anterior (7.1-23) em experiências concretas. Para tanto, a personagem que surge é perfeita: mulher, grega, de origem siro-fenícia, habitante de terra infame e com uma filha endemoninhada (7.26). Para um judeu médio da época, o cúmulo da impureza.

Mas a frustrante incredulidade do povo escolhido contrasta com a surpreendente sabedoria dessa mulher: diante de uma necessidade desesperadora, prostra-se aos pés de Jesus e roga-lhe que liberte sua filha (7.25-26). Segue-se, então, um diálogo profundamente espiritual: com uma resposta aparentemente dura, o Servo testa a qualidade de sua fé (7.27).

A mulher não decepciona: em reação, revela não apenas fé persistente, como também compreensão correta do plano divino, reconhecendo a preferência dos judeus nas bênçãos de Deus (Rm 1.16), mas não sua exclusividade (7.28). Mesmo sendo gentia, tem plena convicção que o amor de Jesus é tão abundante que pode saciar a todos os povos da terra (Gn 12.3b).

3. O surdo e gago (Mc 7.32)

Então, lhe trouxeram um surdo e gago e lhe suplicaram que impusesse as mãos sobre ele.

Com esse milagre, só encontrado no evangelho de Marcos, Jesus oferece alimento salvífico a gentios com o mesmo amor e compaixão que o ofertou aos judeus (Marcos 6). O Servo está reforçando o

alcance abrangente de Sua missão redentiva.

Jesus continua aplicando aos “impuros” a obra que iniciou entre os judeus. Chega a Decápolis, ainda terra gentílica. Aproxima-se outro gentio, mas, agora, com dificuldades singulares: nunca ouviu acerca de Jesus tampouco dialogou a respeito. Deficiência na audição e na fala. Porém, esse rigoroso bloqueio não impediu que alguns por ele intercedessem, levando-o perante o Servo (7.31-32).

O Senhor o colocou à parte e o tratou com dignidade, com ele interagindo diretamente. Demonstrando intensa compaixão (“suspirou”), após tocar em seus ouvidos e língua, disse: “Abre-te!” (7.33-34). Instantaneamente, tanto os ouvidos quanto a língua ficaram desembaraçados (7.35).

Nosso Mestre concretiza a visão de Isaías da era messiânica da salvação: surdos ouvindo e mudos cantando (Is 35.5-6). A lição principal está cada vez mais evidente: Jesus é o Cristo (8.29) e Seu Reino de amor não tem limites étnicos ou geográficos (Sl 96.3; Mc 13.10).

III. JESUS É O CRISTO

(Mc 8.1-38)

1. Alimentando gentios (Mc 8.4)
Donde poderá alguém fartá-los de pão neste deserto?

A segunda multiplicação de pães e peixes guarda, pelo menos, duas importantes singularidades em comparação com a primeira (Mc 6.35-44): a) o papel mais ativo de

Jesus: é o próprio Senhor quem percebe o problema (8.1-3) e, do início ao fim, protagoniza a dinâmica dos acontecimentos; b) os destinatários do milagre: na alimentação dos quatro mil (Marcos 8), Jesus oferece alimento salvífico a gentios com o mesmo amor e compaixão que o ofertou aos judeus (Marcos 6). O Servo está reforçando o alcance universal de sua missão redentiva.

Entretanto, à diferença dos gentios, o povo judeu continua resistindo ao ministério do Servo, pedindo “*um sinal do céu*” (8.11). Tamanha incredulidade continua a incomodar profundamente a Jesus, que rejeita qualquer exposição gratuita de poderes (8.12-13; Mt 7.6). Afinal, pelo contrário, é preciso crer para ver (Jo 20.29).

Infelizmente, até os discípulos continuam com corações endurecidos, fato evidenciado em outro evento de falta de alimento. Desta feita, porém, Jesus repreende a contínua falta de discernimento espiritual de seus companheiros mais próximos, que permanecem presos a uma visão por demais superficial e materialista de suas falas (8.14-21), como ocorrera, inicialmente, com Nicodemos (Jo 3.1-10).

2. Cego de Betsaida (Mc 8.24)

Vejo homens, porque como árvores os vejo, andando.

Deparamo-nos, agora, com outro episódio bíblico exclusivo de Marcos: a cura gradual do cego de Betsaida. Tomando-o pela mão, Je-

sus o leva para fora da aldeia, aplica-lhe saliva aos olhos e impõe suas mãos (8.22-23). O homem sinaliza que sua visão fora restaurada em parte, pois enxergava imagens ainda borradas (8.24). Após novo toque de Jesus em seus olhos, fez-se perfeita restauração da visão (v. 25).

A cura em duas etapas não se deve a limitações do poder de Jesus (Mc 6.56 e 10.51-52). Pelo contrário, essa curiosa dinâmica de restauração gradual foi deliberadamente escolhida pelo Servo para servir de símbolo da própria obra que estava realizando no povo judeu, especialmente nos discípulos, cujo processo de discernimento espiritual também acontecia lenta e progressivamente, com importantes avanços e incômodos recuos (8.14-21 e 27-33).

3. Quem dizem que eu sou?

(Mc 8.29)

Respondendo, Pedro lhe disse: Tu és o Cristo.

O evangelho de Marcos chega ao seu ponto alto. Em meio a todo esse contexto de avanço do Evangelho junto aos gentios e embaraço junto aos judeus, Jesus prepara o cenário para, enfim, descortinar com maior riqueza de detalhes a natureza e o propósito de sua missão, bem como o nosso papel em Seu Reino.

A culminância desse amoroso processo acontece exatamente quando Jesus, no caminho de Cesareia de Filipe, debate com seus discípulos sobre o que os homens diziam a seu respeito. Em meio a muitas respos-

tas, todas equivocadas, o Mestre, enfim, pergunta: *“Mas vós, quem dizeis que eu sou?”*. Pedro, então, responde: *“Tu és o Cristo”* (8.27-29). A identidade messiânica de Jesus estava plenamente revelada e crida!

O verdadeiro cristão não teme destoar da convicção das massas e posicionar-se ao lado da verdade, com amor e sabedoria (1Tm 1.7). Afinal, não devemos nos conformar com este mundo, mas, sim, sujeitarmo-nos à transformação pela renovação das nossas mentes, pois só assim experimentaremos a boa, agradável e perfeita

vontade de Deus (Rm 12.2).

Sobre a sólida verdade de ser o Cristo (8.29), Jesus passa a descortinar detalhes de seu sofrimento, morte e ressurreição (8.31). O vacilo de Pedro, deixando-se ser usado por Satanás para tentar convencer Jesus a não morrer por nossos pecados (8.32-33), dá ensejo a mais uma lição: a batalha espiritual contra o diabo será dura, mas devemos ser firmes em resistir-lhe (Ef 6.10-18). Para tanto, cumpre-nos viver uma vida de total abnegação e entrega a Jesus (8.34-38; Tg 4.7).

APLICAÇÃO PESSOAL

Jesus é o Filho de Deus. Por Sua graça, pode alcançar a todos, agindo onde reside o verdadeiro problema humano: no coração.

RESPONDA

1) Para provar a hipocrisia de seus contendores, que lei decorrente de costume rabínico Jesus denunciou?

2) Nesta lição, temos duas curas que Jesus operou cujos registros só existem no evangelho de Marcos. Quais são?

3) Segundo a lição, a partir de que sólida verdade espiritual Jesus passou a descortinar detalhes de seu sofrimento, morte e ressurreição?

MARCOS 9: A TRANSFIGURAÇÃO DO SERVO

SUPLEMENTO EXCLUSIVO DO PROFESSOR

Afora o suplemento do professor, todo o conteúdo de cada lição é igual para alunos e mestres, inclusive o número da página.

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Em Marcos 9 há 50 versos. Sugerimos começar a aula lendo, com todos os presentes, Marcos 9.2-29 (5 a 7 min.).

A revista funciona como guia de estudo e leitura complementar, mas não substitui a leitura da Bíblia.

A Paz do Senhor, professor(a)! Nesta lição, vamos acompanhar os momentos de preparação de Jesus para a cruz. Veremos como o Pai conforta seu Filho de forma maravilhosa, prenunciando a glória que viria após as dores. Como imitadores do Cristo, precisamos atravessar vales se quisermos chegar ao monte; ser os últimos em tudo, se quisermos ser os primeiros. Ninguém atravessa a vida cristã sem obstáculos, mas ninguém vence os obstáculos sozinho. Precisamos de Jesus, pois ele é o nosso socorro, aquele a quem devemos buscar em incessante oração. Na vida diária, cultivemos uma fé prática que se mostre na nossa disponibilidade de servir como os menores empregados do Reino.

OBJETIVOS

- **Perseverar** no caminho da vida cristã até que estejamos com Jesus.
- **Testemunhar** uma fé genuína e incondicional em Jesus.
- **Servir** a todos os necessitados com alegria.

PARA COMEÇAR A AULA

Professor(a), nesta lição, temos a oportunidade de aprender que a vida cristã exige humildade e atitude. Para vencer batalhas espirituais precisamos cultivar uma rotina de oração, mas o jejum também nos ensina a procurar mais a glória do céu do que os prazeres terrenos. É por essa disciplina que o espírito se fortalece e resplandece na atitude prática de servir com disponibilidade e fé genuína. Ensine aos seus irmãos que apenas os que renunciarem a si mesmos verão Jesus na plenitude de sua glória.

RESPOSTAS DA PÁGINA 46

- 1) Elias e Moisés (Mc 9.4).
- 2) A do sofrimento e morte do Servo (Sl 22; Is 53).
- 3) Aquele que é servo de todos (Mc 9.35).

LEITURA ADICIONAL

“Quem poderia imaginar que alguns poucos pescadores e publicanos seriam dominados pela competição e pelo desejo de supremacia? Quem esperaria que homens pobres, que haviam desistido de tudo por amor a Cristo, seriam perturbados por contenda e dissensão quanto ao lugar e à precedência que cada um merecia? Não obstante, foi isso que aconteceu. (...) É um fato horrível, mas, admitamos ou não, o orgulho é um dos mais comuns pecados que assediam a natureza humana. Todos nós nascemos fariseus. Naturalmente, todos nós imaginamos que merecemos algo melhor do que aquilo que possuímos. Esse é um pecado muito antigo. Começou no Jardim do Éden, quando Adão e Eva pensaram que não tinham tudo o que seus méritos mereciam. Esse é um pecado sutil. Governa e dirige muitos corações sem ser detectado e pode até mesmo revestir-se de humildade. (...) as máximas do mundo são diretamente contrárias à mentalidade de Cristo. Dominar é a ideia que o mundo faz da grandeza; mas a grandeza do crente consiste em servir. A ambição do mundo consiste em receber honrarias e atenções; porém, o desejo do crente deve ser o de dar e não o de receber; o de servir ao próximo e não o de procurar ser servido. Em suma, o homem que mais serve aos outros e é útil, em sua época e geração, é justamente o maior aos olhos de Cristo. Esforcemo-nos para fazer uso prático desse princípio. (...) Haverá algum serviço que possamos prestar aos nossos irmãos na fé? Haverá algum ato de gentileza que possamos fazer para ajudá-los e promover a felicidade deles? Se a resposta é sim, façamos isso sem demora. (...) Os homens que estão dispostos a ser os últimos e servos de todos, por amor a Cristo, são sempre bem poucos. Não obstante, esses são os homens que fazem o bem, que derrubam por terra os preconceitos, que convencem os incrédulos de que o cristianismo é uma realidade e que sacodem o mundo. (...) A carne e o sangue não são capazes de perceber outra forma de grandeza senão o poder, a riqueza e as elevadas posições sociais no mundo. O Filho de Deus declarou que a verdadeira grandeza consiste em nos devotarmos a cuidar dos mais fracos e humildes de seu rebanho”.

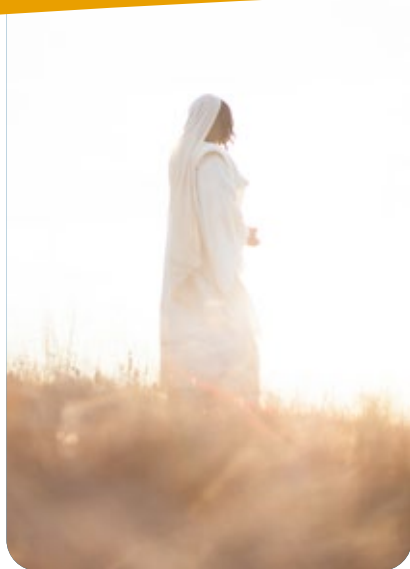
Livro: **Meditações no Evangelho de Marcos** (RYLE, John Charles. 2. ed., São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2018, pp. 163-164).

LIÇÃO 7

MARCOS 9: A TRANSFIGURAÇÃO DO SERVO

Texto Áureo

"As suas vestes tornaram-se resplandecentes e sobremodo brancas, como nenhum lavandeiro na terra as poderia alvejar."
Mc 9.3



Leitura Bíblica Para Estudo Marcos 9.2-29

Verdade Prática

O discípulo de Cristo deve cultivar uma vida de serviço humilde e abnegado e não de busca de elogio humano.

INTRODUÇÃO

I. O SERVO É TRANSFIGURADO Mc 9.1-8

1. Brilho incomparável Mc 9.2
2. Presenças ilustres Mc 9.4
3. Entendimento limitado Mc 9.5

II. O PODER DA FÉ GENUÍNA Mc 9.9-32

1. Correção teológica Mc 9.11
2. Reação demoníaca Mc 9.17
3. Disciplina espiritual Mc 9.24

III. O SERVIÇO LEVA À HONRA Mc 9.33-50

1. Vaidade e ambição Mc 9.33
2. Humildade e tolerância Mc 9.35
3. Renúncia e santidade Mc 9.43

APLICAÇÃO PESSOAL

Devocional Diário

S	T	Q	Q	S	S
Mc 9.7	Mc 9.23	Mc 9.29	Mc 9.31	Mc 9.39	Mc 9.40

Hinos da Harpa: 20 - 192

INTRODUÇÃO

Chegamos à segunda metade do Evangelho de Marcos. A partir de agora, o Servo de Deus marchará firmemente em direção à cruz. Neste capítulo 9, Jesus manifesta um vislumbre da beleza da sua glória, ensina sobre o poder da fé genuína e corrige o rumo de corações egoístas. Para tanto, em cada evento, preciosos segredos de seu Reino são revelados.

I. O SERVO É TRANSFIGURADO

(Mc 9.1-8)

1. Brilho incomparável (Mc 9.2)
Seis dias depois, tomou Jesus consigo a Pedro, Tiago e João e levou-os sós, à parte, a um alto monte. Foi transfigurado diante deles.

Seis dias depois da confissão de Pedro e da revelação da natureza sacrificial do discipulado (Mc 8.29-38), Tiago, João e Pedro estavam com o Servo em um “alto monte” (v. 2). Na ocasião, Jesus foi transfigurado diante deles, a ponto de suas vestes refletirem um brilho incomparável (v. 3). Mateus refere que o rosto de Jesus resplandecia como o sol (Mt 17.2).

Não fazia muito, Jesus chamara seus opositores de “hipócritas” (Mc 7.6) – termo que remete ao cenário teatral, onde o uso de máscaras expressa simples mudança exterior, sem equivalência interior. A transfiguração, porém,

retratou o oposto: exterior refletindo o interior (Jo 8.12).

Séculos antes, Deus revelou sua glória a Moisés no Monte Sinai, a ponto de seu rosto resplandecer (Êx 34.29). Os “seis dias” representam outro paralelo de Marcos com esse evento central da história de Israel (Êx 24.16). Diferentemente, porém, Moisés refletiu a glória de Deus, ao passo que Jesus refletiu sua própria glória (Jo 1.14).

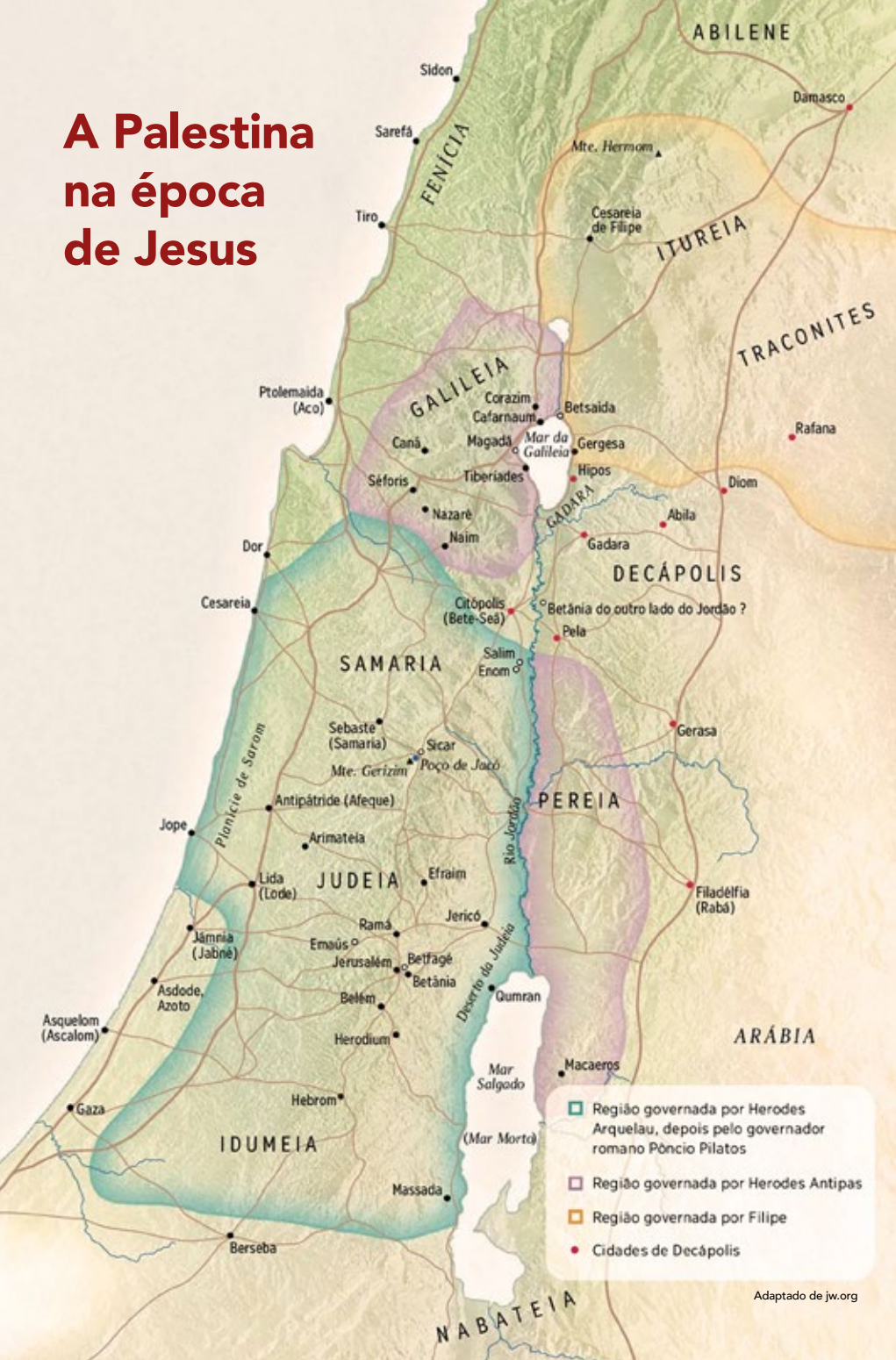
2. Presenças ilustres (Mc 9.4)

Apareceu-lhes Elias com Moisés, e estavam falando com Jesus.

Personagens de destaque estavam presentes na transfiguração de Jesus, tudo a proclamar profundas verdades espirituais. De fato, Moisés e Elias ali compareceram e dialogavam com o reluzente Servo (v. 4). O tema da conversa é revelado exclusivamente por Lucas: a “partida” de Jesus para Jerusalém (do grego *exodos*, “saída” – Lc 9.30-31). Ou seja, a morte, ressurreição e ascensão de Jesus representaria a grande libertação da humanidade no Novo Testamento, assim como o êxodo do Egito representou a libertação no Antigo Testamento.

Ademais, Moisés representava a lei, enquanto Elias retratava os profetas – dois elementos centrais na história do povo judeu (Ml 4.4-5) que se cumpriram em Jesus (Mt 5.17). Igualmente, Moisés morreu e foi sepultado (Dt 34.5-6), mas Elias foi arrebatado (2Rs 2.11). Assim, suas presenças também

A Palestina na época de Jesus



Cronologia e local dos principais acontecimentos da vida de Jesus em Marcos

Data	Lugar	Acontecimento	Ref.
29 d.C., abril	Deserto, Rio Jordão	João Batista inicia seu ministério	1.1-8
29 d.C., outubro	Rio Jordão, próx. Betânia	Jesus é batizado	1.9-11
	Deserto da Judeia	Jesus é tentado pelo diabo	1.12,13
30 d.C., Páscoa	Tiberíades	João Batista é preso [Jesus viaja para a Galileia]	6.17-20
30 d.C	Galileia	Jesus anuncia o Evangelho pela 1ª vez	1.14,15
	Mar da Galileia	Jesus chama 4 discípulos: Simão, André, Tiago e João	1.16-20
	Cafarnaum	Cura a sogra de Pedro e outros	1.21-34
	Galileia	1ª viagem com os 4 discípulos; cura leproso; multi-dões o seguem	1.35-45
	Cafarnaum	Cura parálítico; chama Mateus; come com cobra-dores de impostos; pergunta sobre jejum	2.1-22
31 d.C., Páscoa	Retorno de Jerusalém (?)	Jesus: "Senhor do sábado"	2.23-28
	Galileia	Cura no sábado; multidões o seguem; cura muitos	3.1-12
	Mte. próx. Cafarnaum	Escolhe os 12 apóstolos	3.13-19
	Galileia	Expulsa demônios; pecado imperdoável; Sua mãe e irmãos chegam; diz que discípulos são seus parentes	3.19-35
31 ou 32 d.C.	Região de Cafarnaum	Ilustrações sobre o Reino	4.1-34
	Mar da Galileia	Acalma tempestade	4.35-41
	Região de Gadara	Manda demônios para os porcos	5.1-20
	Cafarnaum (?)	Cura mulher do fluxo de sangue; ressuscita a filha de Jairo	5.21-43
	Nazaré	Novamente rejeitado em sua cidade	6.1-5
	Galileia	3ª viagem à Galileia; envia apóstolos	6.6-13
	Tiberíades	Herodes mata João Batista e fica perplexo com Jesus	6.14-29
32 d.C., perto da Páscoa	Cafarnaum (?); lado NE do mar da Galileia	Apóstolos voltam da pregação; Jesus alimenta 5 mil homens	6.30-44
	Lado NE do mar da Galileia; Genesaré	Povo quer fazer de Jesus rei; anda sobre o mar; cura muitas pessoas	6.45-56
	Cafarnaum	Tradições invalidam a Palavra de Deus	7.1-23
	Fenícia; Decápolis	Cura filha de mulher siro-fenícia; alimenta 4 mil homens	7.24-8.9
	Magadã	Jesus não dá sinais, exceto o de Jonas	8.10-12
	Mar da Galileia; Betsaida	Em viagem para Betsaida, Jesus alerta contra o fermento dos fariseus; cura cego	8.13-26
	Cesareia de Filipe	Chaves do Reino; profetiza sua morte e ressurreição	8.27-9.1
	Talvez Mte. Hermom	Transfiguração; Deus fala	9.2-13
	Cesareia de Filipe	Cura menino endemoninhado	9.14-29
	Galileia	Profetiza novamente sua morte	9.30-32
	Cafarnaum	O maior no Reino; ilustrações da ovelha perdida e do escravo que não perdoou	9.33-50

Data	Lugar	Acontecimento	Ref.
32 d.C., após a Festividade da Dedicção	Pereia	Ensina sobre casamento e divórcio; abençoa crianças; pergunta do jovem rico; ilustração dos trabalhadores no vinhedo e mesmo salário	10.1-31
	Pereia (?)	Profetiza sua morte pela 3ª vez; pedido de posição no Reino para Tiago e João	10.32-45
	Jericó	No caminho, cura dois cegos; visita Zaqueu; ilustração das dez minas	10.46-52
33 d.C. 9 de nissã	Betânia	Maria derrama óleo na cabeça e nos pés de Jesus	14.3-9
	Betânia – Betfagé – Jerusalém	Entra em Jerusalém montado num jumento	11.1-11
10 de nissã	Betânia – Jerusalém	Amaldiçoa figueira; purifica o templo novamente	11.12-17
	Jerusalém	Principais sacerdotes e escribas tramam matar Jesus	11.18, 19
11 de nissã	Betânia–Jerusalém	Lição sobre figueira que secou	11.20-25
	Templo em Jerusalém	Sua autoridade é questionada; ilustração dos dois filhos	11.27-33
		Ilustrações: lavradores assassinos, banquete de casamento	12.1-12
11 de nissã	Templo em Jerusalém	Responde a perguntas sobre Deus e César, ressurreição, maior mandamento; Pergunta se Cristo é filho de Davi; Ai dos escribas e fariseus; Vê a contribuição da viúva	12.13-44
	Monte das Oliveiras	Fala sobre o sinal de sua presença	13.1-37
12 de nissã	Jerusalém	Judeus tramam matá-lo; Judas combina a traição	14.1-2; 10-11
13 de nissã (tarde de quinta)	Jerusalém e proximidades	Prepara a última Páscoa	14.12-16
14 de nissã	Jerusalém	Jesus Celebra a Páscoa; identifica Judas como traidor; institui a Ceia do Senhor	14.17-25
	Monte das Oliveiras, Getsêmani	Profetiza que Pedro o negaria e que os apóstolos o abandonariam; angustiado no jardim; traído e preso	14.26-52
14 de nissã	Jerusalém	Interrogado por Anás; julgado no Sinédrio; Pedro o nega	14.53-72
		Perante Pilatos, depois perante Herodes e de novo perante Pilatos; judeus preferem Barrabás; sentenciado à morte numa cruz	15.1-19
Sexta, 15h	Gólgota	Morre na cruz	15.20-41
	Jerusalém	Seu corpo é tirado da cruz e sepultado	15.42-47
16 de nissã	Jerusalém e proximidades; Emaús	Jesus ressuscita; aparece a Maria Madalena e a dois discípulos	16.1-13
Após 16 de nissã	Jerusalém; Galileia	Comissão de fazer discípulos; ascende aos céus	16.14-20



Assuntos exclusivos de Marcos

Nº	Referência	Descrição
01	Mc 4.26-29	Parábola da semente que germina
02	Mc 7.31-37	Cura do surdo e gago
03	Mc 8.22-26	Cura gradual do cego de Betsaida
04	Mc 14.51-52	Fuga do jovem desnudo durante a prisão de Jesus

Profecias sobre a morte de Cristo cumpridas em Marcos

Nº	Profecias	Cumprimento
01	Sl 35.11	Mc 14.56 - Falsas testemunhas
02	Sl 41.9	Mc 14.10 (Jo 13.18-19) - A traição de Judas
03	Is 53.1-3	Mc 15.29-32 - Desprezado e rejeitado pelos homens
04	Is 53.4-6	Mc 15.25 (1Pe 2.24) - Crucificado por nossos pecados
05	Is 53.12	Mc 15.27-28 - Foi morto entre os transgressores
06	Zc 13.7	Mc 14.27,50 - Seus discípulos o abandonaram

Adaptado de: **A Bíblia Anotada**: edição expandida (Charles C. Ryrie. São Paulo, Mundo Cristão, 2007).

apontam para o fato de que Jesus, quando voltar, ressuscitará os corpos dos que já morreram no Senhor e arrebatará os santos que estiverem vivos (1Ts 4.13-18).

3. Entendimento limitado (Mc 9.5)

Então, Pedro, tomando a palavra, disse: Mestre, bom é estarmos aqui e que façamos três tendas: uma será tua, outra, para Moisés, e outra, para Elias.

Pedro, Tiago e João estavam no monte da transfiguração testemunhando a glória de Deus. Todavia, não alcançaram as alturas espirituais do evento. Pedro, impulsivamente, fala a primeira coisa que lhe vem à mente, propondo a construção de três tendas, igualando a Jesus com Moisés e Elias (v. 5) – embora somente Jesus tenha se transfigurado (v. 2). Com isso, demonstrou pouco discernimento quanto ao verdadeiro significado daquele santo colóquio.

O Pai, que também estava presente, imediatamente corrigiu a teologia dos discípulos, dizendo-lhes: *“Este é o meu Filho amado; a ele ouvi”* (v. 7). De repente, todos desapareceram, restando com eles somente a Jesus (v. 8). A espiritualidade sadia é cristocêntrica (Cl 1.18). Sendo Filho de Deus, Cristo é maior que Moisés e Elias (Lc 24.25-27; Hb 1.1-3).

Essas mesmas e amorosas palavras do Pai também serviram para revigorar o coração do Filho a fim de que cumprisse cabalmente

a etapa mais difícil de sua missão: sofrer e morrer em resgate por muitos (Mc 10.45). De toda forma, a trilha rumo à cruz não impediu a manifestação da glória de Deus. Em verdade, eis aí o segredo revelado: é o caminho do sofrimento que conduz à glória (Fp 2.5-11).

II. O PODER DA FÉ GENUÍNA (Mc 9.9-32)

1. Correção teológica (Mc 9.11)

E interrogaram-no, dizendo: Por que dizem os escribas ser necessário que Elias venha primeiro?

Devido às suas pressuposições culturais, os discípulos enfrentaram dificuldades para entender o que havia acontecido no monte da transfiguração, haja vista presumirem que os justos ressuscitariam simultaneamente (Dn 12.2) e o próprio Elias viria no fim dos tempos para preparar a vinda do Senhor (Ml 3.1 e 4.5).

Agora, é o Filho quem promove oportunas correções teológicas. Para tanto, esclarece que Elias já veio (v. 13), sendo que seu papel fora cumprido em João Batista (Mt 17.11-13; Mc 1.2-7; Lc 1.17). Mas se Elias deveria voltar nos últimos dias, porque era necessário que o Filho do Homem morresse? Afinal, pressupunham que o Messias viria como rei conquistador e vitorioso (Jo 6.14-15). O fato é que essa concepção negligenciava a incontornável doutrina do sofrimento e morte do Servo (Sl 22; Is

53). Tal fé era equivocada. Logo, ineficaz em poder.

2. Reação demoníaca (Mc 9.17)
E um, dentre a multidão, respondeu: Mestre, trouxe-te o meu filho, possesso de um espírito mudo.

A vigorosa dinamicidade da narrativa de Marcos segue nos surpreendendo: no mesmo dia, os discípulos vão da glória do “alto monte” para a mais imunda ação satânica. Partem de uma grandiosa experiência espiritual para um surpreendente relato de fracasso ministerial. A vida cristã é mesmo uma “terra de montes e de vales” (Dt 11.11).

Desta feita, um demônio que tentava matar um jovem desde sua infância (v. 21) o havia transformado em surdo e mudo (v. 25). Embora tivessem tentado, os discípulos de Jesus haviam falhado na tentativa de expeli-lo (v. 18). Debate lançado: o fracasso dos seguidores colocava em dúvida o ministério do Mestre (v. 14; Mc 6.7).

Física e emocionalmente esgotado, o pai do rapaz, desesperado e banhado em lágrimas, não hesitou em confessar ao Servo sua humildade espiritual: *“Ajuda-me na minha falta de fé!”* (v. 24). Jesus não despreza o clamor de quem lhe deposita toda a confiança: expulsou o demônio e restaurou o menino a seu pai (v. 25-27). Embora pequena, tal fé era genuína e, por conseguinte, eficaz em poder (Mc 4.30-32).

3. Disciplina espiritual (Mc 9.24)
E imediatamente o pai do menino exclamou [com lágrimas]: Eu creio! Ajuda-me na minha falta de fé!

Marcos continua a narrar sobre fé. Por que os discípulos tiveram insucesso na expulsão daquele demônio? Porque negligenciaram algum aspecto da vida com Deus. Afinal, conforme o ensino de Jesus, fé madura envolve persistente disciplina espiritual, em especial a prática da oração e do jejum (v. 29).

No âmago de todo pecado há uma recusa em crer nas verdades de Deus, trocando-as por mentiras (Rm 1.25). A humildade desse pai deve nos inspirar a nunca nos estribar em nossas próprias forças, mas sempre confiar inteiramente no Senhor Jesus (Jr 17.5-7). O fracasso em nossa caminhada cristã aponta para a necessidade de buscarmos mais a Deus através da oração e do jejum (Dn 9.3; Jl 2.12). Descortinado mais um segredo: fé genuína e disciplina espiritual geram grande poder na batalha contra o mal (Ef 6.10-18).

Incrivelmente, porém, àquela altura, mesmo os discípulos ainda nutriam dúvidas a respeito de elementos básicos dessa fé poderosa (v. 30-32).

III. O SERVIÇO LEVA À HONRA (Mc 9.33-50)

1. Vaidade e ambição (Mc 9.33)
Tendo eles partido para Cafarnaum, estando ele em casa, inter-

rogou os discípulos: De que é que discorriéis pelo caminho?

Jesus promove uma conversa a sós com seus discípulos (v. 33). Pergunta sobre o que haviam discorrido pelo caminho a Cafarnaum, recebendo como resposta um silêncio constrangedor. Sabendo que Jesus era um exímio leitor de corações (Mc 2.6-8), logo perceberam que o Servo sabia que andaram discutindo entre si sobre quem era o maior (v. 34).

Não fazia muito que Jesus expusera a necessidade de seu sofrimento e morte em favor de pecadores (v. 31; Mc 8.31). Todavia, os corações dos discípulos engajaram-se em triilha oposta, mergulhados em um espantoso jogo de vaidade e ambição. Procuremos ser servos humildes e deixemos as grandezas nas mãos de Deus (Ap 4.9-11).

2. Humildade e tolerância

(Mc 9.35)

E ele, assentando-se, chamou os doze e lhes disse: Se alguém quer ser o primeiro, será o último e servo de todos.

Para corrigir esses corações egoístas, Jesus ensinou que aquele que se esforça em servir aos outros é o maior aos olhos de Deus (v. 35). Para o mundo, grande é aquele que é servido e exerce poder sobre outros. Porém, no Reino de Deus, grande é aquele que serve e considera os outros superiores a si mesmo (Fp 2.3). O verdadeiro líder tem coração de servo (Lc 22.26-27).

Em seguida, tomou uma criança em seus braços e disse: *"Qualquer que receber uma criança, tal como esta, em meu nome, a mim me recebe; e qualquer um que a mim me receber, não recebe a mim, mas ao que me enviou"* (v. 37). Ora, naquela época, crianças não eram vistas como inocentes e puras, mas, sim, como fracas e inferiores. Acolher os mais frágeis e esquecidos da sociedade é o caminho para o reconhecimento divino (Mt 25.34-40; Tg 1.27).

João ainda tentou defender os discípulos, apontando para seu zelo (v. 38), porém, sem êxito (v. 39). Jesus aproveita para liberar mais um esplêndido segredo espiritual: *"... quem não é contra nós, é por nós"* (v. 40). De fato, o Reino de Deus é maior que nossa experiência dele. Por isso, sejamos tolerantes e também honremos aqueles que servem a Cristo fora do nosso grupo ou de modo diferente daquele com o qual estamos acostumados. Se Cristo estiver sendo pregado, então, alegremo-nos (Fp 1.18)!

Como já foi dito: "nas questões essenciais, a unidade; nas periféricas, liberdade; em todas as coisas, o amor."

3. Renúncia e santidade (Mc 9.43)

E, se tua mão te faz tropeçar, corta-a; pois é melhor entrares maneta na vida do que, tendo as duas mãos, ires para o inferno, para o fogo inextinguível.

Jesus, por fim, ensina que o Reino de Deus exige renúncia com-

pleta de tudo aquilo que nos afasta da santidade e determinação radical para fazer morrer a nossa natureza terrena (Cl 3.5), ainda que o custo dessa renúncia seja altíssimo – em linguagem metafórica e com propósitos pedagógicos, o Mestre valeu-se de três figuras expressivas do corpo humano: mãos, pés e olhos (v. 43-47).

Verdadeiramente, o ato de seguir a Jesus não pode ser motivado pelo simples desejo de conquistar realizações pessoais. O discipula-

do é difícil e demanda uma vida de sacrifícios (Mc 8.34-38). Há uma guerra em curso (Ef 6.10-12). Portanto, cicatrizes são inevitáveis para o cristão verdadeiro (Gl 6.17). Ceder à tentação e viver em pecado nos conduzirá a algo bem pior: o inferno, *“onde não lhes morre o verme, nem o fogo se apaga”* (v. 47-48). A promessa é esta: humilhemo-nos sob a poderosa mão de Deus e, em tempo oportuno, ele nos exaltará (1Pe 5.6). Serviço abnegado conduz à honra (v. 41).

APLICAÇÃO PESSOAL

Uma vida de amor incondicional a Cristo e rejeição firme ao pecado nos levará a atender às necessidades dos outros sem esperar por recompensas terrenas. O coração do cristão verdadeiro não anela satisfação própria, mas a glória de Deus.

RESPONDA

1) Que personagens do Antigo Testamento aparecem conversando com Jesus no monte da transfiguração?

2) Segundo a lição, a convicção de que o Messias viria como rei conquistador e vitorioso negligenciava que importante doutrina das Escrituras?

3) No Reino de Deus, quem é considerado como grande?



LIÇÃO 8

MARCOS 10: O SERVO VEIO PARA SERVIR A TODOS

SUPLEMENTO EXCLUSIVO DO PROFESSOR

Afora o suplemento do professor, todo o conteúdo de cada lição é igual para alunos e mestres, inclusive o número da página.

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Em Marcos 10 há 52 versos. Sugerimos começar a aula lendo, com todos os presentes, Marcos 10.23-45 (5 a 7 min.).

A revista funciona como guia de estudo e leitura complementar, mas não substitui a leitura da Bíblia.

Olá, professor(a)! Nas próximas páginas, Jesus nos orientará sobre situações complexas da vida humana, ajudando-nos a viver segundo os princípios da Sua mensagem. O Messias falou sobre casamento e sobre os homens de coração duro; sobre a necessidade de sermos crianças em relação ao Reino e a de resistirmos à cobiça. Discípulos fiéis vivem voltados exclusivamente para o Mestre, pois ele é o caminho da salvação. Por falar em caminho, o jovem rico não seguiu aquele que o Senhor lhe apresentou, mas o próprio Jesus seguiu, humildemente, para a cruz. Nos nossos dias, pregações triunfalistas ensinam que riquezas são sinal de bênção, mas é preciso cuidar para que o dinheiro não nos escravize.

OBJETIVOS

- **Defender** o matrimônio indissolúvel e monogâmico.
- **Praticar** a humildade em todos os nossos relacionamentos.
- **Renunciar** às coisas ou projetos que nos afastem de Jesus.

PARA COMEÇAR A AULA

Professor, aplique os ensinamentos de Jesus aos tempos de hoje, mas com o cuidado para não se afastar do contexto bíblico. Não estaríamos fascinados pelas posições que ocupamos na congregação, como os discípulos estavam (Mc 10. 35-37)? E se o cantor precisasse deixar o microfone para assumir a portaria? E se a líder dos casais tivesse que deixar o cargo para assumir a limpeza do templo? A lógica do Reino é oposta a este mundo: quanto mais servirmos com desprendimento, mais honra receberemos.

RESPOSTAS DA PÁGINA 52

- 1) As escolas de Shammai (mais rigorosa) e Hillel.
- 2) Consciência do pecado e da necessidade de Cristo.
- 3) Tiago e João (Mc 10.35-37).

LEITURA ADICIONAL

“Qual a sua atitude em relação a dinheiro? Não é coincidência o fato de que, para cada vez que Jesus alerta sobre construirmos nossa vida com base em sexo e romance, ele alerta dez vezes sobre o perigo de fazermos o mesmo em relação ao dinheiro. O dinheiro sempre tem sido visto como um dos salvadores mais comuns. A possibilidade de frequentar restaurantes badalados, de comprar coisas novas e interessantes, de transitar em círculos profissionais ou de amizade – todas essas coisas provavelmente são mais importantes para você do que percebe. Mas como saber que o dinheiro para você é mais do que apenas dinheiro? Seguem algumas dicas. Você é incapaz de abrir mão de quantias significativas de dinheiro. Sente-se atemorizado diante da perspectiva de ter menos dinheiro do que está acostumado. Repara em pessoas que estão sendo mais bem-sucedidas que você, muito embora você tenha trabalhado mais ou seja um ser humano melhor do que elas, e o sucesso delas aborrece você. Quando isso acontecer, você já está com um pé na armadilha. Pois o dinheiro não se tornou apenas uma ferramenta; agora é uma medida de sucesso. É a sua essência, a sua identidade. (...) Por que o coração de Jesus de repente se encheu de amor por aquele homem? (...) Será que Jesus o amou pelo potencial que via no jovem para ser um líder? Ou foi por causa do que o jovem lhe disse? Não, acredito que não foi por isso. Jesus, que nessa época tinha cerca de trinta e um anos, olha para aquele jovem e se identifica com ele. Jesus também era um jovem rico, bem mais rico do que aquele jovem poderia imaginar. Ele havia vivido na dimensão incompreensível de glória, riqueza, amor e alegria da Trindade, por toda a eternidade. Mas já tinha deixado essa riqueza para trás. Paulo nos diz que, embora Jesus fosse rico, ele se fez pobre por nós (2Co 8.9). (...) 'Estou abrindo mão de absolutamente tudo. Por quê? Por você. Agora é a sua vez de abrir mão de tudo para me seguir (...) Não estou pedindo que você faça nada mais do que eu mesmo já fiz'. (...) A única maneira que conheço de lutar contra o poder que o dinheiro tem na sua vida é olhando para o maior dos jovens ricos, o maior de todos, que abriu mão de absolutamente tudo o que tinha para vir até você, para salvá-lo e amá-lo”.

Livro: **A cruz do Rei** (KELLER, Timothy. Tradução de Marisa Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2012, pp. 162-164).

LIÇÃO 8

MARCOS 10: O SERVO VEIO PARA SERVIR A TODOS

Texto Áureo

*"Pois o próprio Filho do Homem não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos."
Mc 10.45*



Leitura Bíblica Para Estudo Marcos 10.23-45

Verdade Prática

Somos salvos para servir a Jesus e ao próximo.

INTRODUÇÃO

I. FAMÍLIA E DIVÓRCIO Mc 10.1-12

1. Armadilha maldosa Mc 10.2
2. Aula profunda Mc 10.7
3. Coração endurecido Mc 10.9

II. CRIANÇAS E RICOS Mc 10.13-31

1. Indignação de Jesus Mc 10.14
2. Riquezas e autojustiça Mc 10.20
3. Amor ao dinheiro e encorajamento Mc 10.27

III. O MAIOR É O QUE SERVE

Mc 10.32-52

1. Exemplo de humildade Mc 10.32
2. Ânsia pelo poder Mc 10.37
3. Modelo de discípulo Mc 10.52

APLICAÇÃO PESSOAL

Devocional Diário

S	T	Q	Q	S	S
Mc 10.5	Mc 10.8	Mc 10.15	Mc 10.28	Mc 10.30	Mc 10.43

Hinos da Harpa: 156 - 147

INTRODUÇÃO

À medida que se aproxima de Jerusalém, em sua solene marcha rumo ao Gólgota, o Servo prossegue seu ministério, pondo-se a revelar diretrizes do Reino de Deus aplicáveis a temas práticos da complexa realidade humana: divórcio, crianças, posses e ambição. Para tanto, Jesus enfrenta cada situação valendo-se de sua incomparável sabedoria.

I. FAMÍLIA E DIVÓRCIO

(Mc 10.1-12)

1. Armadilha maldosa (Mc 10.2)

...É lícito ao marido repudiar sua mulher?

Os fariseus voltam a armar ciladas contra Jesus. Desta feita, abordam o polêmico tema do divórcio: *“É lícito ao marido repudiar sua mulher?”* (Mc 10.2). Mateus revela que o questionamento continha ardiloso detalhe: *“É lícito ao marido repudiar sua mulher por qualquer motivo?”* (Mt 19.3). Se afirmativa a resposta, Jesus seria acusado de afrouxar a lei mosaica. Se negativa, de afrontá-la.

Naquela ocasião, Jesus estava na Pereia, território também governado por Herodes Antipas, o mesmo que mandara prender e degolar João Batista por ter denunciado seu divórcio e novo casamento como ilegais (Mc 6.17-28). Portanto, o sórdido propósito dos fariseus era colocar Jesus em situação difícil, tanto em termos religiosos quanto políticos.

2. Aula profunda (Mc 10.7)

Deixará o homem a seu pai e mãe [e unir-se-á a sua mulher].

Os inquiridores desejavam debater filigranas interpretativas da lei mosaica a respeito do divórcio, mais precisamente em relação à expressão “coisa indecente” (Dt 24.1), objeto, à época, de intensa controvérsia entre duas escolas rabínicas: a escola de Shammai (mais rigorosa) e a escola de Hillel (mais permissiva – ao que parece, influente entre os contemporâneos de Jesus [Mt 19.3] e mesmo entre alguns dos discípulos [Mt 19.10]).

Jesus responde à pergunta capciosa dos fariseus com outra: *“O que Moisés disse na lei a respeito do divórcio?”* (v. 3). Neste primeiro momento, a sábia intenção do Mestre era estabelecer uma base correta para o debate: a Palavra de Deus (Sl 119.105).

Ao responderem que Moisés havia “permitido” o divórcio, Jesus avança em sua estratégia: proferir uma profunda aula sobre casamento. Para tanto, remete a atenção de seus ouvintes para a vontade originária de Deus, fazendo-os recordar que o casamento deve ser monogâmico (único cônjuge), monossomático (uma só carne) e indissolúvel (toda a vida) (v. 6-9).

3. Coração endurecido (Mc 10.9)

Portanto, o que Deus ajuntou não separe o homem.

Agora, Jesus estava pronto para seu terceiro passo argumen-

tativo em resposta aos fariseus: discorrer sobre natureza, causa e ocorrência prática do divórcio.

A respeito da natureza, deixou claro que Deus instituiu o casamento (Gn 2.24), não o divórcio. O matrimônio é digno de especial honra (Hb 13.4), porém o divórcio, obra humana (v. 9), é odiado pelo Senhor (Mt 2.16). Quanto à sua causa, o Servo explicou que o divórcio é fruto da necessidade de regulamentação de práticas não ideais que, por causa da dureza do coração humano (v. 5; Mt 19.8), precisaram ser justificadas.

Por fim, transcendendo as discussões legalistas entre as duas escolas rabínicas, Jesus atinge o âmago da questão: o divórcio, embora legítimo em remotas hipóteses (Mt 19.9; 1Co 7.15), não é desejável nem obrigatório, mas meramente permitido (v. 5) – tão-só para os casos onde o poder do perdão não encontrou solo fértil para florescer (Os 1-3; 1Co 13.1-8). Enfim, aos olhos de Deus, o casamento é uma aliança para a vida toda (v. 9).

II. CRIANÇAS E RICOS

(Mc 10.13-31)

1. Indignação de Jesus (Mc 10.14)

Deixai vir a mim os pequeninos...

Crianças são bênção, não peso ou maldição (Sl 127.3-5). Nada obstante, os discípulos repreenderam pessoas que traziam crianças para que Jesus as tocasse (v. 13). Talvez imaginassem estar ajudando Jesus

a não desperdiçar tempo e energia. A verdade, porém, é que não deram importância às crianças, demonstrando, de novo, insensibilidade e desobediência, uma vez que o Servo já havia reiterado a lição de valorizá-las (Mc 9.36-37).

A reação de Jesus foi de forte reprovação (v. 14a), sendo essa a única passagem dos evangelhos em que se diz que Jesus ficou “indignado” (do grego *aganaktein*, “ficar com raiva”). A seguir, disse que deixassem ir até ele os pequeninos, “*porque dos tais é o reino de Deus*” (v. 14b). E prosseguiu: “*Quem não receber o reino de Deus como uma criança, de maneira nenhuma entrará nele*” (v. 15). Por fim, não apenas as tocou, como as tomou nos braços, impôs-lhes as mãos e as abençoou (v. 15).

Não se trata de qualquer virtude própria às crianças (pureza, inocência ou espontaneidade). Jesus não nos acolhe em razão de nossas qualidades ou méritos (Ef 2.8-9). Eis a sabedoria: a criança é totalmente dependente; recebe tudo como aqueles que não têm crédito, nem reivindicações. Como destaca James Edwards, as criancinhas são modelo no Reino de Deus, pois só mãos vazias podem ser enchidas.

2. Riquezas e autojustiça (Mc 10.20)

...Mestre, tudo isso tenho observado desde a minha juventude.

Um homem rico (v. 22) e importante (Lc 18.18) está em busca espiritual e, literalmente, lança-se aos pés de Jesus. “*Bom Mestre, que*

farei para herdar a vida eterna?” (v. 17b). Inquirido sobre os Dez Mandamentos (Êx 20.1-17), não hesitou em afirmar cumpri-los desde a juventude (v. 20). Ingênua resposta: quando aplicada corretamente, a lei não gera certificados de auto-justiça; antes, denuncia nosso incontornável fracasso em cumprir os preceitos divinos (Rm 3.19-20), conscientizando-nos da urgente necessidade de Cristo (Gl 3.24).

Jesus fitou-o com amor – exclusividade da narrativa de Marcos (v. 21). O Servo contemplou a alma daquele homem com grande interesse e especial compaixão e, sabiamente, cumprindo o papel da lei e fazendo-se ele próprio de espelho, oportunizou ao jovem uma segunda chance para contemplar as mazelas do próprio coração. *“Só uma coisa te falta: Vai, vende tudo o que tens, dá aos pobres e terás um tesouro no céu; então, vem e segue-me” (v. 21). Noutros termos: “Imagine a sua vida sem todo o dinheiro e patrimônio que possui e tendo somente a mim. Conseguiria viver assim?”.*

Lamentavelmente, o jovem *“retirou-se triste, porque era dono de muitas propriedades” (v. 22). O sacrifício requerido por Jesus foi tido por ele como demasiado alto (Gn 22). Afinal, seu coração já tinha um deus: o dinheiro. Ele não estava disposto a perder a vida, em Cristo, para poder salvá-la (Mc 8.35).*

3. Amor ao dinheiro e encorajamento (Mc 10.27)

Jesus, porém, fitando neles o olhar, disse: Para os homens é impossível; contudo, não para Deus, porque para Deus tudo é possível.

O episódio do jovem rico deixou os discípulos perplexos. *“Então, quem pode ser salvo?” (v. 26). Afinal, riqueza era comumente considerada sinal da aprovação divina (Jó 1.10; Is 3.10). Mas Jesus acabara de desconstruir essa cultura simplista ao destacar que a riqueza material pode dificultar (v. 23) e até impedir o exercício da fé (v. 25).*

Não que a riqueza material seja um mal em si. Jesus foi muito claro: *“Filhos, quão difícil é [para os que confiam nas riquezas] entrar no reino de Deus!” (v. 24). Logo, pecado não é ser rico, mas confiar nas riquezas. O problema não é o dinheiro, mas o amor ao dinheiro (1Tm 6.10).*

Por fim, Jesus encorajou os discípulos com mais três significativas lições: a) salvação não é obra humana, mas divina (v. 27; Jo 3.5-8); b) qualquer renúncia do cristão nesta vida será abundantemente recompensada, tanto aqui quanto na vida eterna (v. 29-30); c) aparências enganam: humildes e desprezados terão prioridade (v. 31; 1Co 1.26-29). De alguma forma, o jovem rico foi exemplo para cada uma delas.

III. O MAIOR É O QUE SERVE (Mc 10.32-52)

1. Exemplo de humildade (Mc 10.32)

Estavam de caminho, subindo para Jerusalém, e Jesus ia adiante dos seus discípulos. Estes se admiravam e o seguiam tomados de apreensões. E Jesus, tornando a levar à parte os doze, passou a revelar-lhes as coisas que lhe deviam sobrevir...

Jesus, pela terceira e última vez, prediz sua morte e ressurreição (Mc 8.31; 9.31; 10.33-34). Agora, a revelação é mais detalhada: Jerusalém será o palco desses eventos. Na subida para a cidade santa, em direção à cruz, Jesus não estava atrás, como um prisioneiro que se dirige à forca; antes, “*ia à frente*” (v. 32), como um comandante rumo ao triunfo. Por puro amor, humilhou-se, fazendo-se figura humana e assumindo a forma de servo a fim de morrer na cruz por amor a cada um de nós (Fp 2.5-11).

Esse exemplo de humilhação não está perdido na narrativa, como aparenta ao olho apressado. Essa verdade serve de lição para as duas pontas da narrativa: o relato anterior, como exemplo de despojamento que deveria ter sido seguido pelo jovem rico (v. 22); o relato seguinte, como padrão de humildade que deveria nortear o coração de seus apóstolos (v. 37 e 45).

2. Ânsia pelo poder (Mc 10.37)

Permite-nos que, na tua glória, nos assentemos um à tua direita e o outro à tua esquerda.

Os discípulos pareciam acreditar que Jesus estabeleceria o Reino

messiânico assim que chegasse em Jerusalém (At. 1.6). No caminho (v. 32), Tiago e João, dois de seus discípulos mais próximos, revelam o desejo egoísta de ocupar postos de destaque no Reino vindouro (v. 35-37). Mais uma vez, os discípulos fracassam ao buscar grandeza ao invés de serviço. Misturaram adoração e discipulado com anseio por posição e prestígio. Nem imaginavam que, em breve, dois bandidos ladeariam a Jesus, cada qual com sua cruz (Mc 15.27).

Jesus questiona: “*Podeis vós beber o cálice que eu bebo ou receber o batismo com que eu sou batizado?*” (v. 38). Os discípulos não discernem a admoestação e pioram as coisas: “Podemos” – entendem “cálice” como taça de ouro da realeza e “batismo” como unção para cargo elevado. Todavia, Jesus empregou esses termos em sentido oposto: “cálice” como sofrimento/morte (Mc 14.36) e “batismo” no sentido de julgamento divino (Is 30.28). Mesmo assim, o Mestre anuncia que Tiago e João experimentarão essa realidade (v. 39b). De fato, Tiago será o primeiro apóstolo a ser martirizado (At 12.2) e João será exilado em Patmos (Ap 1.9).

O pedido gera indignação entre os discípulos (v. 41). Mas Jesus, paciente e sabiamente, reitera o conteúdo de lições espirituais anteriores: a virtude suprema do Reino de Deus é o serviço ao próximo (v. 43-44; Mc 9.35) e o exemplo perfeito desse serviço é dado pelo próprio

Jesus, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate por muitos (v. 45; Is 53.10).

3. Modelo de discípulo (Mc 10.52) ... e seguia a Jesus estrada fora.

Para fechar, o Espírito Santo, pela instrumentalidade de Marcos (2Pe 1.21), oferece-nos um modelo humano de discípulo: Bartimeu. Embora desejasse chegar a Jerusalém, Jesus atendeu a esse insistentemente cego mendigo (v. 46), que, apesar de suas limitações e oposições, acreditava que as misericórdias de Deus estavam abundantemente derramadas em Jesus (v. 47-

48). Para a mesma pergunta feita a Tiago e João (v. 36), ao invés de pedir fama, Bartimeu professa sua vigorosa fé no Servo (v. 51).

Logo que curado, Bartimeu deixa seu lugar “à beira do caminho” (v. 46) e passa a seguir a Jesus em direção a Jerusalém (v. 52). Eis a sabedoria divina em sua manifestação sintética final, neste capítulo: a essência do discipulado está em crer em Jesus e segui-lo, inclusive em seu glorioso caminho de sofrimento (v. 33-34). Jesus vai à nossa frente (v. 32); cabe-nos segui-lo, como fez Bartimeu (v. 52; Hb 12.2).

APLICAÇÃO PESSOAL

Atentemos para que nossas famílias, posses e pretensões do coração sejam em tudo santificadas, espelhando as sábias lições de Jesus. Afinal, devemos viver de acordo com os padrões do Reino de Deus, não com os do mundo.

RESPONDA

1) Segundo a lição, à época de Jesus, que escolas rabínicas rivalizavam na interpretação da lei mosaica?

2) Segundo a lição, quando aplicada corretamente, o que a lei gera no ser humano?

3) Quais discípulos pediram a Jesus postos de destaque em um glorioso reino vindouro?



LIÇÃO 9

MARCOS 11 e 12: A ENTRADA TRIUNFAL DO SERVO

SUPLEMENTO EXCLUSIVO DO PROFESSOR

Afora o suplemento do professor, todo o conteúdo de cada lição é igual para alunos e mestres, inclusive o número da página.

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Em Marcos 11 e 12 há 33 e 44 versos, respectivamente. Sugerimos começar a aula lendo, com todos os presentes, Marcos 11.1-19 (5 a 7 min.). A revista funciona como guia de estudo e leitura complementar, mas não substitui a leitura da Bíblia.

Caro(a) professor(a), nesta lição, vamos acompanhar a entrada de Jesus em Jerusalém e os preparativos para a sua Páscoa. As festividades judaicas renovavam a expectativa pela chegada do Messias, mas o povo não havia percebido claramente a missão espiritual de Jesus. Ainda como servo, Jesus dá sinais claros de como agirá como juiz ao amaldiçoar a figueira e ao restituir a dignidade do templo. Quão glorioso é o Senhor, pois ele nos ensina a viver uma fé frutífera, da qual ele mesmo é o centro, cujo objetivo é produzir frutos de arrependimento dos nossos pecados e perdão aos que nos ofenderem. Na sequência, a autoridade e a sabedoria de Jesus novamente calam seus adversários.

OBJETIVOS

- **Testemunhar** que Jesus é o centro da nossa fé.
- **Praticar** uma vida de serviço aos irmãos.
- **Compreender** a dimensão espiritual do culto.

PARA COMEÇAR A AULA

Professor(a), uma boa estratégia é levar os irmãos a refletir sobre o culto que oferecemos a Deus. Será que não estamos dedicados a um ritualismo infrutífero, baseado nas celebrações grandiosas, mas sem substância? Cada um volte seu coração para Jesus; viva para servir, conforme nos foi ensinado. Do contrário, corremos o risco de viver de euforias passageiras, como a multidão à entrada de Jerusalém, ou de exibir folhagem sem fruto.

RESPOSTAS DA PÁGINA 58

- 1) Zacarias (Zc 9.9).
- 2) É alicerçada em Cristo e gera perdão ao próximo.
- 3) O governo humano é legítimo, porém a autoridade suprema da vida é Deus.

LEITURA ADICIONAL

“As figueiras do Oriente Médio davam dois tipos de fruto. Quando as folhas estavam começando a despontar, na primavera, antes de os figos nascerem, os galhos da figueira produziam pequenos nódulos em abundância. Eram muito gostosos para se comer. Os viajantes gostavam de apanhá-los e comê-los quando passavam pelas estradas. Caso alguém encontrasse uma figueira com folhas novas, mas que não tivesse esses deliciosos nódulos, saberia que havia algo de errado com ela. À distância, ela poderia até parecer normal, pois as folhas haviam brotado, mas, se ela não tivesse esses nódulos, deveria estar doente ou até mesmo morrendo por dentro. Crescimento sem frutos era um sinal de deterioração. Jesus estava simplesmente dizendo que esse era o caso dessa figueira. Lembre-se de que isso aconteceu entre sua primeira ida ao templo e seu retorno ao templo no dia seguinte. Jesus aproveita a oportunidade para dar uma aula particular e memorável, uma parábola contra a religiosidade superficial, e a figueira era um recurso visual. Mas, afinal, o que ensina nessa aula? Jesus depara-se com uma figueira que não cumpre a sua função. A figueira torna-se uma metáfora perfeita para Israel, e mais do que isso, para aqueles que alegam ser o povo de Deus, mas não geram frutos para Deus. Ao voltar ao templo, Jesus estava voltando para um lugar repleto de atividades religiosas, exatamente como muitas igrejas de hoje: uma porção de coisas para fazer, uma série de compromissos a cumprir, muito barulho, muita gente indo e vindo, muita interação. Mas toda essa agitação não trazia em si uma só gota de espiritualidade. Ali ninguém realmente orava. Há muitas coisas que podemos fazer que podem parecer sinais de fé verdadeira, mas que crescem sem uma verdadeira mudança no coração. É evidente que podemos nos ocupar com muitas atividades na igreja sem que haja uma verdadeira mudança em nosso coração e sem ter um envolvimento real e compassivo com as pessoas. Mais tarde, naquele mesmo dia, Jesus limparia o templo de toda aquela atividade que não gerava fruto algum. Ele transformaria aquela aula particular e objetiva sobre a figueira em um necessário espetáculo público. Com isso, ele está dizendo que queria mais do que mera agitação; quer o tipo de transformação de caráter que vem apenas da percepção de que você foi resgatado, redimido”.

Livro: **A cruz do Rei** (KELLER, Timothy. Tradução de Marisa Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2012, pp. 189-190).

LIÇÃO 9

MARCOS 11 e 12: A ENTRADA TRIUNFAL DO SERVO

Texto Áureo

*"Tanto os que iam adiante dele
como os que vinham depois clama-
vam: Hosana! Bendito o que vem
em nome do Senhor!"
Mc 11.9*



Leitura Bíblica Para Estudo Marcos 11.1-19

Verdade Prática

*Vida de aparências não impres-
siona a Deus. O Senhor ordena
que seu povo dê frutos.*

INTRODUÇÃO

I. SERVO E REI Mc 11.1-11

1. Preparativo incomum Mc 11.2
2. Entrada triunfal Mc 11.9
3. Saída discreta Mc 11.11

II. SERVO E JUIZ Mc 11.12-26

1. Figueira estéril Mc 11.14
2. Templo estéril Mc 11.17
3. Fé frutífera e disposição para
perdoar Mc 11.24

III. SERVO E PROFETA Mc 11.27-12.44

1. Autoridade questionada Mc 11.28
2. Responsabilidade e cidadania Mc 12.14
3. Prioridade do amor Mc 12.30

APLICAÇÃO PESSOAL

Devocional Diário

S	T	Q	Q	S	S
Mc	Mc	Mc	Mc	Mc	Mc
11.10	11.15	11.23	11.25	12.10	12.17

Hinos da Harpa: 42 - 254

INTRODUÇÃO

Inicia-se o ministério do Servo em Jerusalém. Doravante, Marcos se ocupará dos últimos dias da vida de Jesus em seu ministério terreno. Os detalhes dessa agitada semana final ocupam um terço do evangelho de Marcos (Mc 11-16) e quase metade do evangelho de João (Jo 12-21), demonstrando a enorme importância espiritual desse período. Nos capítulos 11 e 12, mais precisamente, Marcos narra a atuação de Jesus nas funções de Rei, Juiz e Profeta.

I. SERVO E REI (Mc 11.1-11)

1. Preparativo incomum (Mc 11.2)

E disse-lhes: Ide à aldeia que aí está diante de vós e, logo ao entrar, achareis preso um jumentinho, o qual ainda ninguém montou; desprendei-o e trazei-o.

Jesus chega ao Monte das Oliveiras, cerca de 91 metros mais alto que Jerusalém e local historicamente associado à manifestação do Messias (Ez 11.23). Mas os preparativos para sua gloriosa entrada na cidade santa diferem dos praticados pelos grandes generais romanos: Jesus envia dois discípulos para tomarem de empréstimo um jumentinho em uma aldeia vizinha. O Servo também antecipa detalhes sobre onde, quando e como esse animal seria encontrado. Tudo se dá exatamente como previsto e a missão é exitosa (Mc 11.1-6).

Não há surpresas nem improvisações: a vinda de Jesus foi um plano traçado desde a eternidade (Gn 3.15; Mt 25.34). O Rei adentraria os portões de Jerusalém montado em seu jumentinho, como profetizado no Antigo Testamento (1Rs 1.38-48; Zc 9.9). Não há ostentação militar, mas mansidão e humildade: Seu Reino é espiritual e Sua missão era morrer por nós (Jo 18.36; Mc 10.33-34).

2. Entrada triunfal (Mc 11.9)

Tanto os que iam adiante dele como os que vinham depois clamavam: Hosana! Bendito o que vem em nome do Senhor!

Era tempo de Páscoa, quando a esperança de libertação do povo judeu se revigorava. Quando Jesus se aproxima da descida do Monte das Oliveiras (Lc 19.37), a multidão se alegra vendo o famoso profeta da Galileia (Mt 21.11). Espalhando mantos e ramos diante de seu caminho, entoam: “*Hosana! Bendito é o que vem em nome do Senhor! Bendito é o reino que vem, o reino de nosso antepassado Davi! Hosana no mais alto céu!*” (Mc 11.8-10).

Um clima messiânico paira no ar. De fato, para além do uso profético do jumentinho (Zc 9.9), a palavra hebraica *hosana* significa “salva agora”: um clamor pelo Salvador. Já a frase “*Bendito o que vem em nome do Senhor!*” remonta a dizeres do salmista em alegria pelo Salvador (Sl 118.25-26). Não bastasse, o estender de ramos e mantos diante de

Jesus é sugestivo da recepção cerimoniosa de um rei (2Rs 9.13).

3. Saída discreta (Mc 11.11)

E, quando entrou em Jerusalém, no templo, tendo observado tudo, como fosse já tarde, saiu para Betânia com os doze.

De repente, a multidão se dispersa de maneira tão misteriosa quanto apareceu. O relato termina de forma inesperada: a entrada de Jesus no templo se dá sem alvoroço e sua saída de Jerusalém é discreta, partindo com os doze para descansar em Betânia (Mc 11.11). Desfecho surpreendente, haja vista a marcante euforia do povo e os claros traços messiânicos existentes no cenário. O Rei dos reis estava entre eles!

Entretanto, mesmo os próprios discípulos só alcançariam a real compreensão desse evento com a glorificação do Senhor (Jo 12.16). Mas essa triste desatenção espiritual contrasta com o olhar aguçado de Jesus. Marcos diz que ele observou a “tudo” nessa primeira visita ao templo (Mc 11.11), ou seja, fez uma inspeção espiritual minuciosa. O juízo de Deus estava preparado: de Rei, o Servo passará à função de Juiz.

II. SERVO E JUIZ (Mc 11.12-26)

1. Figueira estéril (Mc 11.14)

Então, lhe disse Jesus: Nunca jamais coma alguém fruto de ti! E seus discípulos ouviram isto.

No dia seguinte, cedo de manhã (Mt 21.18), quando saíra de Betânia, Jesus teve fome. Avistando, de longe, uma figueira com folhas, dirigiu-se a ela para ver se achava algo, todavia “*nada achou, senão folhas*”. Então, à vista dos discípulos, disse-lhe: “*Nunca mais coma alguém fruto de ti!*” (Mc 11.12-14). A figueira secou desde a raiz (Mc 11.20).

Os frutos das figueiras normalmente cresciam com as folhas verdes (Os 9.10). No caso, a figueira ostentava abundância de folhas e estava em um solo aparentemente bom, pois sua folhagem havia crescido antes da temporada (Mc 11.13b). Contudo, essa era uma árvore com muitos sinais de fruto, mas sem um fruto sequer.

Esse intrigante episódio de Jesus e a figueira detém forte sentido simbólico: a maldição da figueira representa o juízo de Deus sobre a hipocrisia e a infrutuosidade da liderança espiritual de Israel e do templo, apesar da exuberância das aparências. Assim, Jesus não amaldiçoou a figueira apenas porque não tinha frutos; antes, ele a usou para proclamar um sinal profético, como antigos profetas já haviam feito (Jr 29.17; Jl 1.7).

2. Templo estéril (Mc 11.17)

Também os ensinava e dizia: Não está escrito: A minha casa será chamada casa de oração para todas as nações? Vós, porém, a tendes transformado em covil de salteadores.

Na área maior do templo, no chamado Pátio dos Gentios, mercadores vendiam ovelhas e pombo para o sacrifício com o único propósito de obter cada vez maior lucro. Havia ainda cambistas para trocar moedas gregas e romanas pela dos judeus, aplicando taxas de câmbio exorbitantes. Também era comum os próprios sacerdotes, buscando enriquecimento ilícito e mancomunados com os vendedores, rejeitarem animais que os peregrinos traziam para sacrifício, forçando-os a procurarem os mercadores do templo. Mamom tinha tomado o lugar de Deus (Lc 16.13).

Jesus percebeu que a casa do Senhor tinha perdido completamente a razão de ser, apesar de toda a sua grandiosidade e imensidão, pelo que promoveu simbólica limpeza espiritual no templo, expulsando negociadores, derribando mesas de cambistas e impedindo que o templo servisse de atalho para transporte de utensílios e recipientes com mercadorias (Mc 11.15-16). De fato, a perda de reverência tinha sido total. Por isso, o Servo foi firme em seu julgamento: ao invés de casa de oração para todas as nações (Is 56.7), o templo havia se transformado em covil de salteadores (Mc 11.17; Jr 7.11).

3. Fé frutífera e disposição para perdoar (Mc 11.24)

Por isso, vos digo que tudo quanto em oração pedirdes, crede que recebestes, e será assim convosco.

Ora, todos esses julgamentos retratavam a triste condição espiritual da nação de Israel e do culto judaico. Como destaca o Pr. Hernandes Dias Lopes, apesar de seus muitos privilégios e oportunidades, Israel estava externamente sem frutos (figueira) e internamente corrompida (templo): tinha pompa, mas não vida; tinha rituais, mas não comunhão com Deus.

Depois de condenar a religião sem vida e a perda de significado dos símbolos religiosos, o Servo ensina aos seus discípulos a respeito da fé frutífera: a) aquela alicerçada na autoridade messiânica de Jesus (dimensão vertical) (Jo 15.5), a mesma autoridade exercida perante a figueira e o templo, todavia com potencial demasiadamente superior (“mover montanhas” – Mc 11.23-24; Jo 14.12-14); b) e fundada em um permanente espírito perdoador para com o próximo (dimensão horizontal) (Mc 11.25-26; Mt 6.12; Cl 3.13).

Uma relação frutuosa com Deus requer confiança plena em Cristo e disposição sincera de reconciliação com nossos semelhantes.

III. SERVO E PROFETA

(Mc 11.27–12.44)

1. Autoridade questionada

(Mc 11.28)

E lhe perguntaram: Com que autoridade fazes estas coisas? Ou quem te deu tal autoridade para as fazeres?

A estratégia de emboscar o

Servo de Deus prossegue, sujeitando-o a diversos testes e a temas variados. Aqui, membros do Sinédrio (Mc 11.27) colocam em dúvida uma das bases de seu julgamento anterior: a fonte de sua autoridade (Mc 11.28). O Servo responde com outra pergunta: *“O batismo de João era do céu ou dos homens?”* (Mc 11.30). O questionamento não é irrelevante ou evasivo, já que a unção pública de Jesus para seu ofício messiânico se deu perante João Batista (Mc 1.9-11). Seus inquiridores ficam atônitos: se positiva a resposta, entrariam em conflito consigo próprios; se negativa, com o povo, pois João era considerado profeta (Mc 11.31-32; Lc 20.6).

Encurralados, os opositores respondem de maneira conveniente e pragmática: *“Não sabemos”*. A verdade, porém, é que a ignorância sobre as coisas de Deus era geral (Mc 12.24). Percebendo que não havia disposição para um diálogo sincero, Jesus encerra a conversa com firmeza: *“Nem eu tampouco vos digo com que autoridade faço estas coisas”* (Mc 11.33). Não se lança pérolas aos porcos (Mt 7.6).

Em seguida, Jesus apresenta uma parábola que revela para onde os pecados de seus inquiridores os estavam levando: já haviam permitido que João Batista fosse morto e, em breve, estariam pedindo a crucificação do próprio Filho de Deus (Mc 12.1-12). Profecia certa (Mc 15.10-15).

2. Responsabilidade e cidadania (Mc 12.14)

Chegando, disseram-lhe: Mestre, sabemos que és verdadeiro e não te importas com quem quer que seja, porque não olhas a aparência dos homens; antes, segundo a verdade, ensinas o caminho de Deus; é lícito pagar tributo a César ou não? Devemos ou não devemos pagar?

Apesar de inimigos naturais, fariseus e herodianos, mais uma vez, somam forças contra Jesus (Mc 3.6 e 12.13). Sabendo que pagar impostos era uma dor contínua para judeus devotos, perguntam-lhe se era lícito pagar tributo a César (Mc 12.14). Eis o dilema: se positiva a resposta, as pessoas se afastariam de Jesus, pois odiavam pagar impostos; se negativa, seria tido por revolucionário pelo governo romano, resultando em sua prisão.

Valendo-se de uma moeda romana (denário), Jesus, então, questiona: *“De quem é esta efígie [imagem] e inscrição?”*. *“De César”* – respondem. E arremata: *“Dai a César o que é de César e a Deus o que é de Deus”* (Mc 12.15-17). De fato, a moeda, tendo a imagem de César, pertencia a César. Porém, o homem, sendo imagem de Deus (Gn 1.26), pertence a Deus. Como o ser humano é mais importante que coisas (Mc 2.27), Deus é mais importante que César. A sutileza e sabedoria da resposta consiste em reconhecer a legitimidade do governo humano, mas afirmando que a autoridade suprema da vida é Deus (Rm 13.1-8; 1Pe 2.13).

3. Prioridade do amor (Mc 12.30)

Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força.

Entre os antigos rabinos, discutia-se quais mandamentos tinham maior e menor peso. Na ocasião, o Servo é inquirido por um dos escribas a respeito do principal de todos os mandamentos (Mc 12.28). Em resposta, Jesus cita famosas confissões de fé da Lei (Mc 12.29-31): em síntese, amar a Deus sobre todas as coisas (Dt

6.4-5) e amar ao próximo como a si mesmo (Lv 19.18).

Nossa prioridade na vida é amar (Rm 13.8-10; Cl 3.14). Afinal, foi o amor que fez Deus vir ao mundo como homem (Jo 3.16), propiciando que um “filho” de Davi (Is 11.1) também fosse Senhor de Davi (Mc 12.35-37; Sl 110.1). Também foi o amor que motivou Jesus a fazer dois alertas finais no encerramento do Capítulo 12 de Marcos: uma contra o orgulho dos escribas (v. 38-40) e outra contra o orgulho dos ricos (v. 41-44).

APLICAÇÃO PESSOAL

Não viva uma vida cristã superficial e estéril. Comprometa-se, diariamente, em amar a Deus e ao próximo, gerando frutos dignos do Reino do Senhor Jesus.

RESPONDA

1) A entrada triunfal de Jesus em Jerusalém montado em um jumentinho remete a que profeta do Antigo Testamento?

2) Segundo a lição, quais as características de uma fé frutífera?

3) Segundo a lição, em síntese, o que Jesus quis dizer em Marcos 12.17?

MARCOS 13: O SERVO REVELA O FUTURO

SUPLEMENTO EXCLUSIVO DO PROFESSOR

Afora o suplemento do professor, todo o conteúdo de cada lição é igual para alunos e mestres, inclusive o número da página.

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

*Em Marcos 13 há 37 versos. Sugere-
mos começar a aula lendo, com
todos os presentes, Marcos 13.1-23
(5 a 7 min.).*

*A revista funciona como guia de es-
tudo e leitura complementar, mas
não substitui a leitura da Bíblia.*

Olá, professor(a)! Neste encontro, vamos estudar o Sermão Profético. Veremos o cuidado pastoral de Jesus revelado nos avisos que nos deixou acerca do que ocorrerá antes da sua volta. No tempo em que vivemos, cheio de tantas situações extremas, o cristão precisa “ler” os acontecimentos atuais à luz das profecias deste sermão. Apesar de profetizar um tempo de dores, Jesus nos encorajou ao garantir que em tudo somos capacitados pelo Espírito e que, ainda que haja sofrimento, o maligno nunca prevalecerá. Aleluia! Por serem profecias de sentido reiterado, certamente ainda se cumprirão. Quanto a nós, permaneçamos firmes a fim de alcançarmos a glória reservada aos que forem fiéis.

OBJETIVOS

- **Anunciar** com altivez as profecias de Jesus, para que muitos creiam.
- **Praticar** uma fé madura, capaz de reconhecer os sinais profetizados.
- **Cultivar** uma fé ativa em favor dos irmãos até que tudo seja cumprido.

PARA COMEÇAR A AULA

Os temas escatológicos merecem tratamento cuidadoso. Comece explicando aos irmãos que algumas profecias podem ter sentido reiterado, ou seja, que algumas podem ter se cumprido no passado, mas, ainda assim, tornarão a se cumprir. Fatos como o sacrilégio cometido por Antíoco são apenas figuras do que ainda virá. Mostre aos irmãos que o crente maduro observa atentamente os fatos históricos atuais com prudência e crendo que muitos anunciam a próxima vinda de Jesus.

RESPOSTAS DA PÁGINA 64

- 1) Comandante Tito, em 70 d.C.
- 2) Ao livro de Daniel (Dn 9.27, 11.31 e 12.11).
- 3) Isaías (13.10) ou Joel (2.10).

LEITURA ADICIONAL

“Sem dúvida, as tribulações fazem parte da vida de todos os homens, desde o dia em que Adão pecou. Essas tribulações vieram junto com os espinhos e abrolhos. (...) Todavia, há tribulações especiais, às quais os crentes em Jesus Cristo estão sujeitos; e foi acerca dessas tribulações que nosso Senhor os advertiu claramente. Os crentes devem esperar tribulações da parte do mundo. Eles não podem esperar ajuda da parte de ‘governadores e reis’. Eles descobrirão que suas maneiras de agir e suas doutrinas não os favorecem perante as autoridades. Pelo contrário, com frequência serão encarcerados, espancados e conduzidos à presença dos juízes, como se fossem malfeitores, sem qualquer outro motivo senão a dedicação ao evangelho de Cristo. Os crentes devem esperar tribulações da parte de seus próprios parentes. (...) As pessoas de seu próprio sangue e de sua própria carne, com frequência, haverão de se esquecer de amar os crentes, porquanto odeiam a religião deles. Assim, em muitos casos, os crentes descobrirão que a inimizade da mente carnal contra Deus é mais forte do que os próprios laços de família e sangue. Faríamos bem em entesourar no coração essas instruções e ‘calcular o custo’ de sermos crentes. Não devemos pensar como coisa estranha se a nossa religião traz consigo algumas amarguras. (...) precisamos estar preparados para enfrentar certa dose de dificuldades se somos crentes verdadeiros e decididos. Devemos contentar-nos em ter de enfrentar a chacota, o ridículo, a zombaria, a calúnia e até mesmo as perseguições. Às vezes, temos de ouvir palavras duras e desagradáveis de nossos parentes mais próximos e queridos. O ‘escândalo da cruz’ ainda não cessou. ‘O homem natural não aceita as coisas do espírito de Deus, porque lhe são loucura’ (1Co 2.14). Aqueles que ‘nasceram segundo a carne’ perseguirão aqueles que nasceram ‘segundo o Espírito’ (Gl 4.29). A maior coerência na vida não será capaz de impedir isso. Se já nos convertemos, então nunca nos devemos surpreender ao descobrir que somos odiados por causa de Cristo”.

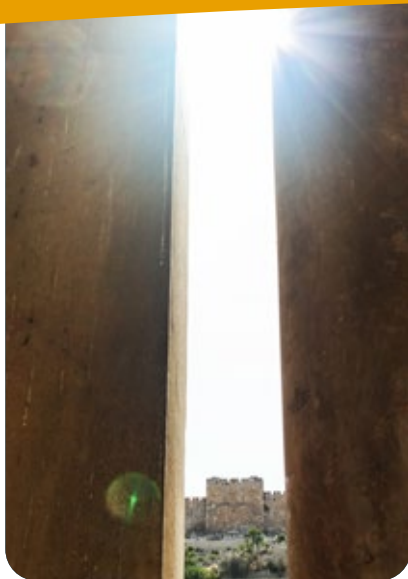
Livro: **Meditações no Evangelho de Marcos** (RYLE, John Charles. 2. ed., São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2018, pp. 234-235).

LIÇÃO 10

MARCOS 13: O SERVO REVELA O FUTURO

Texto Áureo

"Sereis odiados de todos por causa do meu nome; aquele, porém, que perseverar até o fim, esse será salvo."
Mc 13.13



Leitura Bíblica Para Estudo Marcos 13.1-23

Verdade Prática

A glória da volta de Jesus é maior do que qualquer perseguição que enfrentemos por causa do Evangelho.

INTRODUÇÃO

I. PRINCÍPIO DAS DORES Mc 13.1-13

1. Destruição do templo e queda de Jerusalém Mc 13.2
2. Engano, guerras e calamidades naturais Mc 13.8
3. Perseguição e dissoluções familiares Mc 13.13

II. A GRANDE TRIBULAÇÃO Mc 13.14-23

1. Sacrilégio Mc 13.14a
2. Desespero Mc 13.14b
3. Angústia Mc 13.19

III. A VINDA DO FILHO DO HOMEM Mc 13.24-37

1. Retorno em glória Mc 13.26
2. A lição da figueira Mc 13.28
3. Exortação à vigilância Mc 13.37

APLICAÇÃO PESSOAL

Devocional Diário

S	T	Q	Q	S	S
Mc	Mc	Mc	Mc	Mc	Mc
13.7	13.11	13.27	13.31	13.32	13.35

Hinos da Harpa: 323 - 74

INTRODUÇÃO

No capítulo 13 de Marcos, temos o famoso Sermão Profético ou Sermão do Monte das Oliveiras (v. 3). Nele, Jesus profetiza a inesperada destruição do templo e a trágica queda de Jerusalém. Porém, ao longo da narrativa, esses eventos servem também como poderosas figuras escatológicas, ou seja, sinalizações para eventos que ocorrerão ao final dos tempos.

I. PRINCÍPIO DAS DORES

(Mc 13.1-13)

1. Destruição do templo e queda de Jerusalém (Mc 13.2)

Mas Jesus lhe disse: Vês estas grandes construções? Não ficará pedra sobre pedra, que não seja derribada.

Uma obra de restauração e ampliação do templo começou antes do nascimento de Jesus, no governo de Herodes, o Grande, que buscava apoio político dos judeus. Quando do discurso profético, esse trabalho no templo ainda não estava finalizado, mas sua exuberância já era marcante, sendo motivo de grande orgulho para os judeus (v. 1b; Lc 21.5). De fato, à época, o templo de Jerusalém figurava entre as mais formidáveis construções da antiguidade.

Todavia, a expressão “ao sair Jesus do templo” (v. 1a), mais que mera descrição física, simboliza uma definitiva ruptura espiritual entre o Servo e o templo – que, vale

lembrar, já havia sido condenado como “covil de ladrões” (Mc 11.17) e simbolizado por uma figueira que secou desde a raiz (Mc 11.12-20). Sua magnífica beleza exterior contrastava com sua terrível podridão espiritual. Era chegado o momento de Jesus profetizar sua destruição, literalmente. De fato, em 70 d. C., Jerusalém foi duramente tomada pelas forças do comandante romano Tito. O templo foi destruído, a cidade ficou em ruínas e inúmeros judeus perderam suas vidas.

2. Engano, guerras e calamidades naturais (Mc 13.8)

Porque se levantará nação contra nação, e reino, contra reino. Haverá terremotos em vários lugares e também fomes. Estas coisas são o princípio das dores.

Do alto do Monte das Oliveiras, defronte do templo, os quatro discípulos que Jesus chamou por primeiro (Mc 1.16-20) pedem ao Servo, em particular, mais detalhes sobre essa chocante profecia. Apenas Marcos cita seus nomes (v. 3-4).

Os discípulos querem conhecer o futuro, mas Jesus os direciona com firmeza para o presente: “Vede que ninguém vos engane” (v. 5). O Servo alerta seus discípulos sobre personagens que aparecerão com aparência messiânica, enganando a muitos (v. 6). Portanto, a primeira grande ameaça destacada por Jesus seria interna, dentro da própria família de fé.

Em seguida, Jesus menciona desavenças humanas e calamida-

des naturais: guerras, rumores de guerras, terremotos e fomes (v. 7-8). Ameaças que atingirão a crentes e não crentes. A menção a “princípio das dores” é impactante, pois remete às dores de parto, espécie das mais aflitivas – e tudo isso será só o “início” dessas dores.

3. Perseguição e dissoluções familiares (Mc 13.13)

Sereis odiados de todos por causa do meu nome; aquele, porém, que perseverar até ao fim, esse será salvo.

Jesus também profetiza duras perseguições a cristãos (v. 9 e 13). Por todos os lados: de judeus e gentios, de autoridades religiosas e seculares (v. 9) e mesmo de familiares (v. 12). Afinal, o servo não é maior que seu senhor (Jo 15.20). Mateus narra mais dois elementos: multiplicação da iniquidade e esfriamento generalizado do amor (24.12).

Longe de qualquer sucesso imediato, com primazia da verdade e paz, Jesus estava alertando a seus seguidores que deveriam esperar exatamente o contrário: engano, guerras, frieza e perseguição. Chegou a hora de cada cristão carregar a sua própria cruz (Mc 8.34).

Todavia, Jesus nos apresentava com três promessas consoladoras: a) as portas do inferno não prevalecerão contra a Igreja, pois o Evangelho será pregado a todas as nações (v. 10; Mt 16.18b); b) sereis especialmente ajudados pelo Espírito Santo nos momentos mais difíceis (v. 11); c) aqueles que per-

manecerem fiéis até o fim colherão gloriosa recompensa (v. 13).

II. A GRANDE TRIBULAÇÃO (Mc 13.14-23)

1. Sacrilégio (Mc 13.14a)

Quando, pois, virdes o abominável da desolação situado onde não deve estar...

“Abominável da desolação” ou “sacrilégio assolador” são termos que remontam ao Profeta Daniel (9.27, 11.31 e 12.11), referindo-se à profanação do templo de Jerusalém (Mt 24.15), liberando sofrimentos de magnitude indescritível ao povo judeu. Em seu contexto original, referia-se à ação do excêntrico general sírio Antíoco Epifânio que, em 167 a.C., erigiu um ídolo a Zeus no templo e sacrificou um porco no altar do holocausto.

Alguns fatos históricos poderiam ser apontados como cumprimento dessa profecia: a) entre 67-68 d.C., os zelotes assumiram o controle do santuário e nomearam pessoa desqualificada como sumo sacerdote (Farias), permitindo o cometimento de homicídios dentro do santuário; b) em 70 d.C., quando Jerusalém foi destruída, Tito e seus soldados entraram no santuário, inclusive trazendo seus estandartes para dentro do templo.

É provável que essa profecia seja de cumprimento complexo e reiterado, referindo-se a essas evidentes profanações do templo, todavia também apontando para

tristes eventos relacionados ao fim dos tempos, no cenário do anticristo (Ap 13; 2Ts 2.3-4).

2. Desespero (Mc 13.14b)

...Os que estiverem na Judeia, fujam para os montes.

Jesus profetiza que o sacrilégio desolador desencadeará uma onda de desespero geral, com fuga às pressas. Neste ponto, rememorar elementos histórico-culturais ajudará a dar mais sentido às palavras do Servo.

Com efeito, naquela região, os montes eram um seguro refúgio para abrigar fugitivos, pois repletos de cavernas (v. 14b). A cobertura das casas da época era plana e podia ser usada para receber visitas, fazer refeições, conversar com vizinhos e até orar (Mc 2.4; At 10.9). Como o acesso a essa área dava-se por uma escada exterior, em caso de fuga repentina, não se teria tempo para acessar o interior da casa para levar consigo algum objeto (v. 15).

Da mesma forma, aquele que estivesse no campo não deveria voltar em casa nem para pegar sua capa, manto externo essencial para proteção contra o frio, à noite (v. 16). Igualmente, gestantes e lactantes não conseguiriam correr rápido o suficiente para escapar da invasão (v. 17). Ademais, no inverno, além da escassez de provisões, o clima é frio e chuvoso, quando os vales e o próprio rio Jordão estão cheios, dificultando deslocamentos (v. 18).

3. Angústia (Mc 13.19)

Aqueles dias serão de tamanha tribulação como nunca houve desde o princípio do mundo.

A catástrofe que se abateu sobre Jerusalém em 70 d.C. representa uma poderosa figura escatológica dos eventos que advirão com a grande tribulação, no fim dos tempos (Dn 12.1), quando as circunstâncias serão tão horrendas que não haverá episódio anterior ou posterior sequer comparável (v. 19; Ap 9.6) – a tal ponto que, se Deus não operasse intervenção abreviadora, por causa dos eleitos, “ninguém se salvaria” (v. 20).

Tem continuidade a advertência sobre falsos profetas que realizam sinais e maravilhas para enganar, se possível, os próprios eleitos (v. 22). Jesus encerra este tópico com um sonoro chamado para ficarmos alertas (v. 23). O crente verdadeiro não se preocupa em prever o futuro, mas em ser fiel e perseverante no presente (v. 13), vivendo com sobriedade e vigilância (1Ts 5.6; 1Pe 5.8).

III. A VINDA DO FILHO DO HOMEM (Mc 13.24-37)

1. Retorno em glória (Mc 13.26)

Então, verá o Filho do Homem vir nas nuvens, com grande poder e glória.

Os eventos da tribulação culminarão em um completo colapso cósmico e caos mundial (v. 24-25; Lc 21.25-26; 2Pe 3.10), sinais esses preditos pelos profetas (Is 13.10; Jl

2.10). Em seguida, Jesus voltará à terra não mais como servo sofredor depositado em singela manjedoura (Mc 10.45; Lc 2.7), mas com grande poder e glória, envolto em nuvens (v. 26; Dn 7.13-14). Recorde-se que, no Antigo Testamento, em geral, as nuvens simbolizam a presença da glória de Deus (Êx 16.10).

A relevância universal de Cristo também será evidenciada com um maravilhoso ajuntamento dos eleitos, outrora dispersos por vastas regiões, mas que serão reunidos com Jesus (v. 27; 2Ts 2.1). Essa dispersão humana gloriosamente unificada em Jesus espelha a imensa complexidade e diversidade da própria criação, cujo ponto de convergência também é Cristo (Ef 1.10).

Apesar da severidade das perseguições e da tragicidade dos acontecimentos, o povo de Deus sempre nutrirá viva esperança em relação ao futuro. Afinal, nosso Senhor continua com as rédeas da história em suas poderosas mãos (Ap 1.8). A história não termina em catástrofe: Jesus é o Princípio, mas também é o Fim (Ap 22.13).

2. A lição da figueira (Mc 13.28)
Aprendei, pois, a parábola da figueira: quando já os seus ramos se renovam, e as folhas brotam, sabeis que está próximo o verão.

Jesus volta ao assunto da queda de Jerusalém (“estas coisas” – v. 29), valendo-se da figueira, mais uma vez (Mc 11.13-14), como valioso instrumento pedagógico. Afirma

que quando seus ramos se renovam e suas folhas brotam, está próximo o verão. Assim, “quando virdes acontecer estas coisas, sabeis que está próximo, às portas” (v. 28-29). Ora, a maioria das árvores da Terra Santa não sofre mudanças ao longo das estações do ano. A figueira, porém, só revela suas folhas ao final da primavera, quando o tempo quente se aproxima. Assim como a figueira é uma ótima referência para identificar estações do ano, esses preocupantes sinais apontarão para a iminência da vinda de Cristo.

A autoridade profética do Servo prossegue em pleno exercício ao decretar, inclusive, que já aquela própria geração testemunharia tamanha ruína (v. 30). De fato, Jerusalém foi destruída pelo exército romano cerca de 40 anos depois dessas palavras – à época, exatamente o tempo médio de uma geração (Nm 32.13).

3. Exortação à vigilância (Mc 13.37)
O que, porém, vos digo, digo a todos: vigiai!

Jesus não desejava que seus discípulos perdessem tempo com conjecturas sobre o futuro; antes, advertiu-os a permanecerem focados em suas responsabilidades do presente. Por isso, o Servo encerra o Sermão do Monte das Oliveiras com dois importantes esclarecimentos: a) devemos ter plena confiança em sua palavra, pois ela sempre se cumpre (v. 31; Is 55.11); b) os eventos descritos

terão consumação repentina, sendo que datas precisas estão escondidas no coração do Pai, exclusivamente (v. 32; At 1.6-7). A propósito, esta é a única passagem de Marcos em que Jesus se chama de “Filho” (v. 32) – por mais paradoxal que seja, para afirmar seu desconhecimento quanto a algo. O capítulo inicia com um pedido de esclarecimentos (v. 4), todavia finda com uma expressiva nota de mistério.

Nessa incômoda mistura de certezas e incertezas, o que fazer? Nosso Senhor nunca nos deixa de-

sorientados. Quanto ao que virá, Jesus assume a postura humilde de reconhecer limitações humanas e se submeter por completo à soberania do Pai (v. 32), dando-nos o exemplo de como proceder (Fp 2.5-6). Por fim, exorta-nos à constante vigília (v. 33, 35 e 37). Jesus virá de surpresa, pelo que devemos estar sempre despertos e atentos (v. 34-36). Como se vê, no capítulo 13 de Marcos, o objetivo central do Servo não é transmitir conhecimento sobre o futuro, mas exortar seu povo à obediência, aqui e agora.

APLICAÇÃO PESSOAL

O mundo jaz no maligno e as circunstâncias tendem a se agravar no futuro. Nada obstante, por mais dura que possa ser nossa realidade, devemos permanecer firmes e vigilantes até a gloriosa volta de nosso Salvador.

RESPONDA

1) Em que ano e que comandante romano liderou forças que ocasionaram a trágica queda de Jerusalém, cumprindo a profecia de Jesus (Mc 13.2)?

2) No contexto da Grande Tribulação, os termos “abominável da desolação” ou “sacrilégio assolador” remetem a que livro do Antigo Testamento?

3) Os eventos da Tribulação culminarão em um completo colapso cósmico e caos mundial. Cite pelo menos um profeta do Antigo Testamento que previu esses trágicos acontecimentos.



LIÇÃO 11

MARCOS 14:

TRAÍÇÃO E PRISÃO DO SERVO

SUPLEMENTO EXCLUSIVO DO PROFESSOR

Afora o suplemento do professor, todo o conteúdo de cada lição é igual para alunos e mestres, inclusive o número da página.

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Em Marcos 14 há 72 versos. Sugerimos começar a aula lendo, com todos os presentes, Marcos 14.27-52 (5 a 7 min.).

A revista funciona como guia de estudo e leitura complementar, mas não substitui a leitura da Bíblia.

Querido(a) professor(a), esta lição trata da prisão do nosso Senhor. As autoridades judaicas tramaram contra o próprio Messias alegando zelo religioso. Para conseguir a cumplicidade romana, alegaram que Jesus ameaçava a ordem pública. Maria o adorou de modo incondicional, mas houve quem o traísse de modo covarde. Entre uma atitude e outra, Jesus institui conosco uma Nova Aliança. Durante a ceia ou enquanto agonizava no Getsêmani, Jesus nos amou; abandonado por todos, continuou nos amando. Vamos falar disso, da radicalidade do amor Cristão, o mesmo que devemos praticar. Devemos amar ao invés de punir ou desprezar; tomar a decisão de amar sob qualquer circunstância, como fez Jesus.

OBJETIVOS

- **Adorar** de forma prática, servindo a Jesus na pessoa do próximo.
- **Testemunhar** a eficácia da Nova Aliança que nos deu salvação.
- **Testemunhar** diariamente que somos discípulos de Jesus.

PARA COMEÇAR A AULA

Professor(a), comece sua aula reforçando a certeza de que o padrão ético de Jesus não mudou. Se realmente quisermos viver como ele, é preciso fazer de nossas vidas um serviço ativo dedicado aos irmãos. Não somos chamados a julgar quem merece ou não a nossa ajuda, mas a estender a mão; não nos cabe a violência nem a vingança, mas o perdão e a renúncia. Nosso desafio é grande, mas somos guiados pelo Espírito Santo, que nos capacita a viver de um modo estranho ao mundo, mas fiel a Jesus.

RESPOSTAS DA PÁGINA 70

- 1) Cerca de trezentos denários (1 ano de salário).
- 2) Salmos 41.9.
- 3) Pedro, Tiago e João (Mc 14.33).

LEITURA ADICIONAL

“Algo aconteceu no Getsêmani – Jesus viu, sentiu, percebeu algo –, e isso abalou o inabalável Filho de Deus. O que foi isso? Ele estava enfrentando algo que ia além do tormento físico, além da morte física – algo tão pior que essas coisas pareciam picadas de pulga em comparação. Ele estava sufocado pelo simples sopro do que iria enfrentar na cruz. Ele não sabia que iria morrer? Sim, mas não estamos falando de informação aqui. É claro que ele sabia; ele mesmo havia dito isso aos discípulos por várias vezes. Mas agora ele estava começando a provar o que ele iria experimentar na cruz e isso era algo que ia muito além da tortura e da morte física. Mas o que era assim tão terrível? Está no próprio cerne da oração que Jesus faz aqui. Ele diz: ‘Afasta de mim este cálice’. Lembre-se que, nas Escrituras Hebraicas, o ‘cálice’ é uma metáfora para a ira de Deus em razão da maldade humana. (...) Por toda sua vida, por causa da eterna dança de Jesus com o Pai e o Espírito, sempre que ele voltava para o Pai, o Espírito o inundava com amor. O que aconteceu de forma visível e audível no batismo e na transfiguração de Jesus acontecia de forma invisível e inaudível toda vez que Jesus orava. Mas, no jardim do Getsêmani, Jesus se volta para o Pai e tudo o que consegue ver diante de si é a ira, o abismo, a separação do cálice. Deus é a fonte de todo amor, toda vida, toda luz, toda coerência. Portanto, ser excluído de Deus é ser excluído da fonte de todo amor, toda vida, toda luz, toda coerência. Ali Jesus começou a experimentar a desintegração espiritual, cósmica e infinita que aconteceria quando ele se separasse do Pai na cruz. Jesus começou a experimentar uma mera antecipação disso e cambaleou. (...) Para Jesus, naquele momento ainda seria possível abortar sua missão e deixar que perecêssemos. Mas ele não considera isso como uma opção. Ele suplicou ao Pai que cumprisse a missão de outra forma, mas jamais pediu que desistisse dela por completo. Por quê? Porque, por mais terrível que fosse o cálice, Jesus sabia que seu desejo imediato (ser poupado) deveria curvar-se diante de seu desejo supremo (nos poupar). (...) Jesus não nega suas emoções e não evita o sofrimento. Ele ama sofrendo. Em meio ao sofrimento, ele obedece, por amor ao Pai – e por amor a nós”.

Livro: **A cruz do Rei** (KELLER, Timothy. Tradução de Marisa Lopes. São Paulo: Vida Nova, 2012, pp. 205-206 e 210-211).

LIÇÃO 11

MARCOS 14: TRAÍÇÃO E PRISÃO DO SERVO

Texto Áureo

"E dizia: Aba, Pai, tudo te é possível: passa de mim este cálice; contudo, não seja o que eu quero e sim o que tu queres."
Mc 14.36



Estudada em ____/____/____

Leitura Bíblica Para Estudo Marcos 14.27-52

Verdade Prática

O cristão fiel, diariamente, sacrifica a própria vontade em prol da vontade de Deus.

INTRODUÇÃO

I. ADORAÇÃO Mc 14.1-11

1. Ódio Mc 14.1
2. Amor Mc 14.3
3. Reconhecimento Mc 14.9

II. TRAÍÇÃO Mc 14.12-31

1. Traição em meio à comunhão Mc 14.18
2. Comunhão em meio à traição Mc 14.23
3. Abandono em meio à crise Mc 14.27

III. PRISÃO Mc 14.32-72

1. Angústia no Getsêmani Mc 14.34
2. Beijo de Judas e o jovem desnudo Mc 14.45,52
3. A deserção de Pedro Mc 14.71

APLICAÇÃO PESSOAL

Devocional Diário

S	T	Q	Q	S	S
Mc	Mc	Mc	Mc	Mc	Mc
14.6	14.7	14.16	14.21	14.22	14.24

Hinos da Harpa: 296 - 12

INTRODUÇÃO

O capítulo 14 é o mais extenso do evangelho de Marcos e continua a revelar o jogo de contrastes típico desse evangelista, instigando o leitor a se posicionar diante de Jesus. Adoração ou traição? Perante Cristo, não há neutralidade.

Temos outra exclusividade do evangelho de Marcos: no alvoroço da fuga, um jovem anônimo deixa sua capa ("lençol") para trás e corre desnudo (v. 51-52).

I. ADORAÇÃO (Mc 14.1-11)

1. Ódio (Mc 14.1)

E os principais sacerdotes e escribas procuravam como o prenderiam, à traição, e o matariam.

Era véspera da Páscoa (v. 1), quando o povo judaico celebra a libertação do Egito (Dt 26.5-9). A Páscoa dava início à festa dos pães sem fermento, com duração de uma semana (v. 1; Ex 12.15-20). Multidões vinham de todos os lugares até Jerusalém para participar de uma semana de festejo. Euforia para os judeus, mas grande tensão para os romanos: temendo motins, enviavam tropas especiais a Jerusalém e mesmo o governador vinha de Cesareia para ficar disponível, caso surgissem problemas.

Também havia ódio: há muito, autoridades tramavam a prisão e morte de Jesus (Mc 3.6). A menção de Marcos aos "*principais sacerdotes e os escribas*" (v. 1), aliada à

exposição de Mateus de que "*os anciãos do povo*" também integravam o complô (26.3), demonstram que, de fato, a resolução de matar Jesus foi uma decisão mais das lideranças judaicas que do povo. Por isso, a opção por articulações secretas não se dava por questão de escrúpulos, mas por temor de "*tumulto entre o povo*" (v. 2), que tinha grande estima por Jesus (Mc 12.37b).

2. Amor (Mc 14.3)

Veio uma mulher trazendo um vaso de alabastro com preciosíssimo perfume de nardo puro; e, quebrando o alabastro, derramou o bálsamo sobre a cabeça de Jesus.

Eis outro exemplo da famosa técnica de "sanduíche", característica de Marcos: uma linda declaração de amor (v. 3-9) está encravada entre registros de ódio e traição (v. 1-2 e 10-11). Como de costume, a história do meio provê a chave de compreensão do todo: Marcos faz um oportuno contraste entre a traição dos líderes judaicos e de Judas e o gesto de fidelidade de Maria.

Só João relata que se tratava de Maria de Betânia, irmã de Marta e Lázaro (Jo 12.2-3). Seu amor por Jesus é escancarado: em todas as três vezes em que mencionada nos Evangelhos, Maria está aos pés do Servo (Lc 10.39; Jo 11.32 e 12.3). Desta feita, o fato se dá na casa de Simão, o leproso (v. 3).

O que ocorreu foi que Maria, surpreendendo a todos, quebra um vaso com preciosíssimo perfume

de nardo puro e o derrama sobre a cabeça (v. 3) e os pés de Jesus (Jo 12.3). Nardo era um óleo aromático caríssimo, importado da Índia. A quantidade usada foi equivalente a trezentos denários (v. 4): salário de um ano de trabalho. Radical em sua adoração, Maria não usa parte do unguento; prefere quebrar o frasco, dedicando tudo a Cristo.

3. Reconhecimento (Mc 14.9)

Onde for pregado em todo o mundo o evangelho, será também contado o que ela fez, para memória sua.

O gesto de Maria gera escândalo e murmuração, sendo tido como desperdício de dinheiro, em especial diante dos pobres (v. 4-5). Jesus, porém, elogia-o (v. 6), revelando que Maria antecipou-se a ungi-lo para a sepultura (v. 8), ou seja, discerniu que o mistério do Evangelho é revelado no sofrimento e morte de Jesus (Is 53.3-7; Mc 8.31 e 10.45).

Maria reconhece o valor incomparável de Jesus, ao contrário do jovem rico (Mc 10.22). Reconhecendo a elogiável percepção espiritual e a incomum intensidade da adoração de Maria, Jesus disse que seu gesto seria lembrado onde fosse pregado o Evangelho (v. 9). Para Judas Iscariotes, porém, Jesus não tinha tanto valor assim (v. 10-11).

II. TRAIÇÃO (Mc 14.12-31)

1. Traição em meio à comunhão (Mc 14.18)

O que come comigo me trairá.

Após o anúncio de que Jesus seria traído por alguém de seu círculo próximo (v. 10), Marcos narra os preparativos para um cenário familiar: a ceia de Páscoa. Novamente (Mc 11.1-6), Jesus comissiona uma dupla de discípulos e demonstra presciência divina: discípulos seguem um homem carregando um cântaro de água (algo incomum para a cultura da época, pois era tarefa típica de mulheres) e obtêm do dono da casa permissão para realizarem a ceia de Páscoa em um “*espaçoso cenáculo mobiliado e pronto*” (v. 12-16).

A Páscoa deveria ser comida à noite, após o sacrifício do cordeiro, em ambiente de celebração familiar, reunindo uma ou duas famílias para partilharem a refeição (Êx 12.3-4 e 8). No Oriente, repartir o pão com alguém expressava aliança íntima. Portanto, culturalmente, trair pessoa com quem se tenha comido do mesmo prato (v. 17-20) era ato horrendo. No caso, espiritualmente, também era cumprimento profético (Sl 41.9).

2. Comunhão em meio à traição (Mc 14.23)

Tomai, isto é o meu corpo.

Mesmo sabendo que havia um traidor entre os discípulos (v. 18) e que, ao final, todos o abandonariam (v. 50), Jesus prossegue com sua missão de amor (Jo 3.16): institui a Ceia do Senhor, dando novo simbolismo ao pão e ao vinho (v. 22-25; 1Co 11.17-34). Não pretende romper laços; antes, deseja

estreitar comunhão com os discípulos. Jesus entrega sua vida não pelos justos, mas pelos doentes e pecadores (Mc 2.17; Rm 5.8).

A palavra grega para “corpo” (v. 22b) não é *sarx* (“carne”), mas *sôma* (“corpo” ou “ser”), indicando que Jesus está falando de si mesmo como uma dádiva total e sem reservas (Gl 1.4; Tt 2.14). Já a referência ao “cálice” como “meu sangue” remete à sua própria vida (Lv 17.11), derramada em favor de muitos (v. 23-24).

Quanto à afirmada “nova aliança” (v. 24), significa que, através da obra da cruz, Jesus derramaria o seu sangue precioso para remissão dos nossos pecados (Mc 10.45; Ef 1.7), assumindo-se como o verdadeiro Cordeiro Pascal (Jo 1.29; 1Co 5.7; 1Pe 1.19). Assim, Jesus, imolado de uma vez por todas, substituiria o modelo sacrificial anterior, baseado no derramar reiterado de sangue de animais e cuja eficácia frente ao pecado era apenas provisória e parcial (Lv 1-7; Hb 9.6-10.18).

3. Abandono em meio à crise (Mc 14.27)

Todos vós vos escandalizareis...

O gesto amoroso de Jesus ganha contorno mais impressionante diante da dolorosa profecia: todos, sem exceção, irão abandoná-lo em meio à crise (v. 27 e 50). Pode haver apenas um traidor direto (Judas Iscariotes), mas, ao amanhecer, a verdade é que todos os discípulos “traíam” o Servo, seja por cobiça (v.

10-11), fraqueza (v. 37-42), medo (v. 50-52) ou covardia (v. 66-72).

Todavia, como pastor preocupado com suas ovelhas, Jesus se apressa em ministrar palavras de esperança: reafirma que ressuscitará dos mortos e, em breve, irá para a Galileia a fim de se reencontrar com eles (v. 28). O Reino de Deus se estabelecerá pela soberana vontade do Senhor e não com base no acerto ou desacerto do ser humano (Mt 6.10).

III. PRISÃO (Mc 14.32-72)

1. Angústia no Getsêmani (Mc 14.34) *A minha alma está profundamente triste até à morte.*

Jesus está no Getsêmani (do hebraico, “prensa de azeite”). Ali, Jesus teve sua alma “prensada”, em uma das cenas mais impactantes da Bíblia: a vivência de um conflito espiritual que, de tão terrivelmente angustiante e traumático, faria o Servo suar profusamente como que gotas de sangue (v. 33-34; Lc 22.44).

Esse episódio só pode ser compreendido à luz daquilo que estava prestes a acontecer na cruz: ele carregaria em seus ombros os pecados de toda a humanidade (Is 53.4-6; 1Pe 2.24), tomaria sobre si a maldição da Lei (Gl 3.13) e, por consequência – e mais apavorante –, experimentaria o tenebroso vazio da total separação de Deus (Is 59.2; Mc 15.34). Esse era o “cálice” da ira de Deus que Ele haveria de beber (Jo 18.11). A dilaceração do corpo no Gólgota foi precedida do esmigalhar da alma no Getsêmani.

Sendo também plenamente humano, Jesus busca a companhia de amigos (v. 33) e põe-se a se derramar diante do Pai, em fervorosa e insistente oração (v. 32, 35 e 39), pedindo que, se possível, passasse dele tamanha tragédia, mas reconhecendo, expressamente, sua completa rendição à soberana vontade do Pai (v. 36).

Apesar de seu explícito pedido de ajuda (v. 32), Jesus, por três vezes, encontra Pedro, Tiago e João dormindo (v. 41), certamente antecipando as três negações por vir de Pedro (v. 30). O alerta é claro: obedecer a Deus demanda luta incessante contra o pecado que tenazmente nos assedia (v. 38; 1Co 9.27; Hb 12.1).

2. Beijo de Judas e o jovem desnudo (Mc 14.45,52)

E, logo que chegou, aproximando-se, disse-lhe: Mestre! E o beijou (Mc 14.45).

Por singelas trinta moedas de prata (Mt 26.15), valor equivalente a um escravo (Ex 21.32), Judas aceita trair Jesus e liderar grupo fortemente armado para prendê-lo em secreto, no jardim do Getsêmani (v. 41-43). Como era tarde da noite e alguns não conheciam a Jesus pessoalmente, combinou um sinal que serviria para identificá-lo: um beijo no rosto (v. 44).

Ao encontrar-se com o Servo, Judas não apenas o beija, mas o beija calorosamente, sem reservas. O termo grego para a palavra “beijo” no verso 45 é *kataphilein*,

remetendo a beijos longos e apaixonados. Puro cinismo e zombaria. A rendição não violenta de Jesus prova o exagero das armas usadas para prendê-lo (*“espadas e porretes”* – v. 43). Ao ser tratado como criminoso (v. 48), mais uma profecia se cumpre (Is 53.12). Com sua prisão, todos fogem (v. 50).

Neste ponto, outra exclusividade do evangelho de Marcos: Um jovem fugiu nu, deixando sua veste para trás (14.51-52). A fuga desse jovem é motivo de inúmeros comentários, pois não temos como saber se era João Marcos ou um seguidor anônimo. Provavelmente, a resposta mais acertada é que se trata do próprio escritor e que esta é sua maneira de dizer: “Eu, ainda jovem, estive ali”, sem mencionar o seu nome.

O acontecimento retrata o quão vergonhoso foi o fato de os discípulos terem abandonado Jesus. Falamos com frequência do sofrimento físico de Jesus durante Sua paixão, mas costumamos não tratar do sofrimento emocional decorrente da traição por Judas e do abandono por Seus amigos mais chegados, na hora de Sua maior necessidade. Durante todo o tempo em que Jesus sofreu na cruz e permaneceu morto na sepultura, eles haviam se escondido atrás de portas fechadas!

3. A deserção de Pedro (Mc 14.71)

Não conheço esse homem de quem falais!

Pedro fora elogiado por Jesus quando o reconheceu como Filho do Deus vivo (Mt 16.16-17). Testemunhou inúmeras curas e milagres – inclusive de sua sogra (Mc 1.30-31) – e experienciou a transfiguração de nosso Senhor (Mc 9.2). Até foi salvo por Jesus de morrer afogado no Mar da Galileia (Mt 14.28-32), integrando seu seletivo grupo de mais próximos (v. 33), afirmando-se inclusive como espécie de líder (Mc 9.5). Pedro desfrutou de momentos inesquecíveis e privilégios especiais, chegando a jurar fidelidade absoluta a Jesus (v. 29).

Porém, naquela mesma noite, Pedro nega a Jesus não uma, mas três vezes (v. 68, 70 e 71). Não apenas nega, mas jura e até pragueja que não conhecia “*esse homem*” (v. 71) – o mesmo “homem” que estivera, lado a lado, por cerca de três anos (Mc 1.16-18).

Confrontado com sua trágica pecaminosidade, Pedro “*desatou a chorar*” (v. 72). Marcos encerra o capítulo 14 nos impondo tocante reflexão: pode haver um “Judas” em cada um de nós. Aquele que pensa estar em pé, cuide para que não caia (1Co 10.12). Vigiai e orai (v. 38)!

APLICAÇÃO PESSOAL

Em momentos decisivos, o melhor a fazer é prostrar-se aos pés do Pai, em oração, na busca de força e sabedoria. Assim fazendo, nossas ações e reações realizarão mais a vontade de Deus que a nossa.

RESPONDA

1) Em termos de dinheiro, quanto valia o vaso repleto de preciosíssimo perfume importado que Maria de Betânia consagrou a Jesus?

2) Segundo a lição, que referência do Antigo Testamento contém a profecia de que Jesus seria traído por alguém que lhe era muito próximo?

3) Quais discípulos Jesus convidou para estarem com ele no Jardim do Getsêmani?



LIÇÃO 12

MARCOS 15:

SOFRIMENTO E MORTE DO SERVO

SUPLEMENTO EXCLUSIVO DO PROFESSOR

Afora o suplemento do professor, todo o conteúdo de cada lição é igual para alunos e mestres, inclusive o número da página.

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Em Marcos 15 há 47 versos. Sugerimos começar a aula lendo, com todos os presentes, Marcos 15.22-47 (5 a 7 min.).

A revista funciona como guia de estudo e leitura complementar, mas não substitui a leitura da Bíblia.

Olá, professor(a)! Trataremos do sacrifício perfeito do Senhor e dos episódios que o antecedem. Jesus silencia diante das acusações porque sabia que precisava destruir a serpente, como prometido (Gn 3.15). Para cumprir o que o Pai determinou, ele suportou um açoite brutal, submeteu-se ao escárnio de torturadores e acusadores e à morte mais indigna imposta pelos romanos. Cada detalhe do sacrifício de Jesus deve estar vivo na nossa memória para que saibamos quanto ele é Santo e quanto somos indignos. Fomos justificados com sangue para que o véu do lugar santo se abrisse e pudéssemos ter acesso a Deus. O mínimo a fazer é testemunhar a misericórdia e o amor que recebemos para nossa salvação.

OBJETIVOS

- **Testemunhar** que só há salvação para os que creem em Jesus.
- **Compreender** que o sacrifício de Jesus foi cumprimento profético.
- **Testemunhar** que estamos sob a Nova Aliança, celebrada através do sacrifício de Jesus.

PARA COMEÇAR A AULA

Professor(a), um tema importante a ser discutido nesta lição é a infalibilidade do sacrifício de Cristo. Nenhum de nós deve cultivar a vaidade de acreditar que há algo a ser feito. Somos discípulos de Jesus e, como tais, precisamos compreender que o nosso Senhor cumpriu, por amor, o que estava determinado em nosso favor. Tudo que precisamos é crer, servir aos irmãos como ele nos serviu e confessá-lo como Salvador. Jesus nos abriu passagem de volta para casa; o guia para o caminho é o Evangelho.

RESPOSTAS DA PÁGINA 76

- 1) Sedição e traição contra o Império Romano.
- 2) Simão, da cidade de Cirene.
- 3) Por volta da "hora nona" (três da tarde).

LEITURA ADICIONAL

“... vemos Jesus sendo alvo de zombarias, enquanto morria, como se fosse algum impostor, como se não fosse capaz de salvar a si mesmo. Mas por que isso lhe sucedeu? A fim de que nós, em nossos últimos momentos de vida, mediante a fé em Cristo, tenhamos forte consolação. Todas essas coisas aconteceram a Cristo a fim de que desfrutássemos uma inabalável segurança, sabendo em quem temos crido e podendo descer ao vale da sombra da morte sem temer mal algum. Deixemos essa passagem com um profundo senso de dívida que todos os crentes têm para com Cristo. Tudo que os crentes são, têm e esperam deve-se à vida e à morte do Filho de Deus. Por meio da condenação dele, os crentes têm absolvição; por meio de seus sofrimentos, eles desfrutam paz; por meio do opróbrio que ele sofreu, eles irão à glória; e, mediante a sua morte, eles receberam vida. Os pecados deles foram lançados na conta de Cristo. A retidão dele lhes foi imputada. (...) Deixemos essa passagem com o mais profundo senso do indizível amor de Cristo por nossas almas. Lembremos aquilo que somos: corruptos, vis e miseráveis. Recordemos quem é o Senhor Jesus: o eterno Filho de Deus, o Criador de todas as coisas. Então, não esqueçamos que foi por nossa causa que Jesus suportou, voluntariamente, a mais dolorosa, horrível e desgraçada morte. Certamente, quando pensamos nesse amor, isso deveria constranger-nos a viver diariamente não para nós mesmos, mas para Cristo. Isso deveria tornar-nos dispostos e desejosos de apresentar nossos corpos como um sacrifício vivo àquele que viveu e morreu por nós (2Co 5.14; Rm 12.1). Que a cruz de Cristo esteja sempre em nossas mentes! Corretamente compreendido, é possível que nenhum outro assunto, em todo o cristianismo, tenha um efeito tão santificador e consolador para nossas almas”.

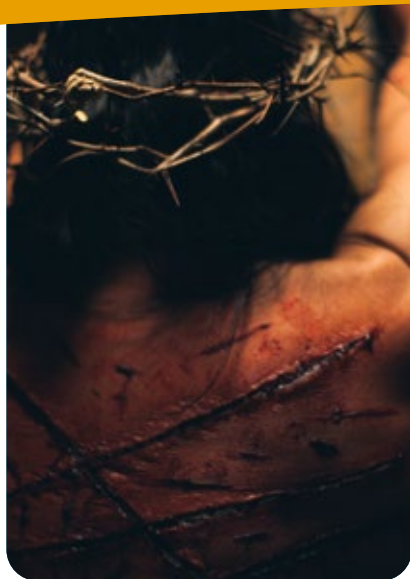
Livro: **Meditações no Evangelho de Marcos** (RYLE, John Charles. 2. ed., São José dos Campos, SP: Editora Fiel, 2018, p. 288).

LIÇÃO 12

MARCOS 15: SOFRIMENTO E MORTE DO SERVO

Texto Áureo

*"O centurião que estava em frente dele, vendo que assim expirara, disse: Verdadeiramente, este homem era o Filho de Deus."
Mc 15.39*



Estudada em ____/____/____

Leitura Bíblica Para Estudo Marcos 15.22-47

Verdade Prática

O propósito divino de salvação se cumpre na morte de Jesus. A fé no Servo Sofredor é garantia de vida eterna.

INTRODUÇÃO

I. JULGAMENTO Mc 15.1-20

1. Pilatos enrascado Mc 15.1
2. Barrabás solto Mc 15.15
3. Soldados cruéis Mc 15.19

II. CRUCIFICAÇÃO Mc 15.21-32

1. Rumo ao Gólgota Mc 15.22
2. Sofrimento horripilante Mc 15.24
3. Insultos e escárnios Mc 15.30

III. MORTE Mc 15.33-47

1. Trevas Mc 15.33
2. Jesus expira Mc 15.37
3. Sepultamento Mc 15.46

APLICAÇÃO PESSOAL

Devocional Diário

S	T	Q	Q	S	S
Mc	Mc	Mc	Mc	Mc	Mc
15.5	15.14	15.28	15.34	15.38	15.39

Hinos da Harpa: 291 - 191

INTRODUÇÃO

Jesus segue firme em seu propósito de ser “obediente até à morte e morte de cruz” (Fp 2.8). Neste capítulo 15, Marcos relata a submissão de Jesus à cruel engrenagem de perseguição romana: da astuta sentença de Pôncio Pilatos, passando pelas mãos de soldados abusivos, até chegar à selvageria da morte por crucificação.

I. JULGAMENTO (Mc 15.1-20)

1. Pilatos enrascado (Mc 15.1)

E amarrando a Jesus, levaram-no e o entregaram a Pilatos.

Cedo da manhã, encerrada a reunião do Sinédrio, os líderes judaicos entregam Jesus a Pôncio Pilatos (v. 1), governador romano da Judeia. O Sinédrio não tinha autoridade para aplicar pena de morte (Jo 18.31). No tribunal judaico, o Servo sofrera acusação religiosa (blasfêmia – Mc 14.64). Agora, sofrerá acusação política: sedição e traição contra o império romano (Lc 23.2).

Pilatos fica maravilhado com o silêncio de Jesus diante de seus acusadores (v. 4-5; Is 53.7) e intui a verdadeira razão do alvoroço – inveja (v. 10) –, declarando sua percepção inicial de inocência de Jesus (Lc 23.14). Todavia, falta-lhe coragem para manter sua decisão. Político sagaz, percebe um potencial de rebelião no conflito (Mt 27.24). Depois de frustrada tentativa de transferir sua responsabilidade para Herodes (Lc 23.6-12), Pilatos

se convence de que terá que julgar essa complicadíssima causa.

2. Barrabás solto (Mc 15.15)

Então, Pilatos, querendo contentar a multidão, soltou-lhes Barrabás; e, após mandar açoitar a Jesus, entregou-o para ser crucificado.

Pilatos vê uma oportunidade de transferir novamente suas responsabilidades, inclusive com ganhos políticos junto à multidão, aplicando o costume da época. Ele propôs ao povo a libertação de um preso: Jesus ou Barrabás, este um assassino e revolucionário (v. 6-7). Pilatos tinha autoridade para perdoar qualquer criminoso.

A estratégia não vingou: apesar de suggestionar, insistentemente, o nome de Jesus (v. 9; Lc 23.20), o povo segue a orientação das autoridades religiosas judaicas e escolhe Barrabás (v. 11). Preocupado com um repentino e intrigante alerta de sua esposa (Mt 27.19), Pilatos continua a insistir na absolvição de Jesus (Lc 23.22), todavia o povo já se agitava, gritando pela crucificação do Servo (v. 13-14). Desejando evitar rebelião, Pilatos lava suas mãos, astutamente, e entrega Jesus à multidão para morte de cruz, com açoitamento prévio (v. 15; Mt 27.24-26).

3. Soldados cruéis (Mc 15.19)

Davam-lhe na cabeça com um canhão, cuspiam nele e, pondo-se de joelhos, o adoravam.

Um severo açoitamento costumava preceder a crucificação. O cri-

minoso era despido e amarrado a um poste para ser flagelado com chicotes de couro com pedaços afiados de ferro e ossos costurados em suas tiras. O açoitamento lacerava a pele e arrancava pedaços, abrindo feridas profundas que, não raro, expunham ossos e entranhas. Os golpes eram tão brutais que alguns prisioneiros morriam antes de chegar à cruz.

Mas o açoitamento de Jesus tem acréscimos pavorosos: sua notória fragilidade física, o incomum alvoroço social e os especiais componentes políticos e religiosos do caso instigam a cultura abusiva dos soldados romanos. De fato, ao colocarem-lhe, jocosamente, veste de púrpura e coroa de espinhos (púrpura e coroa são típicos símbolos de realeza), os soldados zombam dele como rei dos judeus (v. 17-18). Ao golpear sua cabeça com um caniço, cuspirem-no e ajoelharem-se para “adorá-lo”, escarnecem de Jesus como Filho de Deus (v. 19).

Esse chocante sofrimento fora predito com detalhes pelo profeta Isaías (50.6 e 53.7) e pelo próprio Jesus (Mc 10.33-34). O propósito do Servo está se cumprindo com perfeição (Mc 10.45).

II. CRUCIFICAÇÃO

(Mc 15.21-32)

1. Rumo ao Gólgota (Mc 15.22)

E levaram Jesus para o Gólgota, que quer dizer Lugar da Caveira.

O lugar da crucificação era o Gólgota (“caveira”, em hebraico)

(v. 22), fora dos muros da cidade (Lv 24.14; Hb 13.12-13). A crucificação era um aterrorizante espetáculo público: o condenado era obrigado a carregar sua cruz (ou, mais comumente, a barra horizontal) até o local da execução. Não espanta, porém, que tenham faltado forças para Jesus cumprir essa penosa tarefa: havia sido surrado e humilhado, impiedosamente, já por duas vezes (v. 17-20; Mc 14.65).

Simão, da cidade de Cirene (norte da África), foi obrigado pelos soldados romanos a carregá-lo a cruz (v. 21). Oficiais romanos podiam impor a qualquer cidadão que lhes prestasse serviços, o que desagradava aos judeus (Mt 5.41). Os leitores de Marcos provavelmente conheciam os filhos de Simão Cireneu, Alexandre e Rufo (v. 21), pois este último integrava a igreja de Roma (Rm 16.13).

2. Sofrimento horripilante

(Mc 15.24)

Então, o crucificaram e repartiram entre si as vestes dele, lançando-lhes sorte, para ver o que levaria cada um.

A crucificação é uma das formas mais abomináveis de execução já criadas pelo homem. Remonta aos medos e persas, no século 7 a.C., mas essa prática se espalhou pelo leste do Mediterrâneo no século 4 a.C., por meio de Alexandre, o Grande. O império romano a adotou como for-

ma dominante de execução até 337 d.C., quando foi proibida por Constantino.

Na crucificação, a morte era lenta, dolorosa e humilhante. Chegando ao local da execução, o sentenciado era deitado de costas no chão, seus braços eram esticados e depois amarrados ou pregados à barra horizontal. No caso de Jesus, grossos cravos atravessaram-lhe os ossos das mãos ou pulsos (Jo 20.25-27; Cl 2.14). Em seguida, a barra era levantada junto com o crucificado e presa ao poste vertical, já fixado ao solo.

Por vezes despido, o condenado permanecia exposto ao público em infundável vergonha e com dores lancinantes, emitindo gemidos tenebrosos. Enquanto estendia os braços e puxava as pernas para respirar, sofria incontáveis ataques agudos, desmaiando em exaustão.

Alguns sobreviviam por dias, sujeitando-se a sol e chuva, calor e frio; não raro, corvos e cães devoravam o corpo antes mesmo do falecimento. Para evitar morte rápida por asfixia, comumente um suporte para os pés ou um assento era colocado no poste vertical. A morte acontecia pela perda expressiva de sangue, asfixia por exaustão, desidratação crônica ou por parada cardíaca – ou uma combinação dessas causas.

3. Insultos e escárnios (Mc 15.30)
Salva-te a ti mesmo, descendo da cruz!

Segundo Marcos, Jesus foi crucificado à hora terceira (v. 25), ou seja, às 9h da manhã. Os judeus calculavam as horas das seis da manhã às seis da tarde. Contrariando as autoridades judaicas, Pilatos colocou na placa de acusação de Jesus: “*O Rei dos Judeus*” (v. 26) – em hebraico, latim e grego (Jo 19.19-22).

Era comum pessoas oferecessem ao condenado substâncias narcóticas que ajudavam a minorar a dor (Pv 31.6). Jesus recusou essa oferta (v. 23). Desejava manter-se plenamente sóbrio no cumprimento de sua missão de beber o cálice da ira de Deus (Mc 10.38 e 14.36).

Os quatro Evangelhos registram que os soldados romanos dividiram entre si as roupas de Jesus (v. 24; Mt 27.35; Lc 23.34; Jo 19.23-24), dando cumprimento à profecia (Sl 22.18). A crucificação entre dois criminosos também é cumprimento profético (v. 27-28; Is 53.12), bem como transeuntes meneando a cabeça (v. 29; Lm 2.15).

Interessante: em geral, ao retratar o sofrimento de Jesus, Marcos enfatiza mais a ridicularização que seu sofrimento físico. Aqui, todos escarnecem do Servo: transeuntes (v. 29-30), principais sacerdotes e escribas (v. 31) e mesmo quem com ele fora crucificado (v. 32). Escarnecem também quanto a tudo: como Profeta (v. 29), como Salvador (v. 31) e como Rei (v. 32).

III. MORTE (Mc 15.33-47)

1. Trevas (Mc 15.33)

Chegada a hora sexta, houve trevas sobre toda a terra até a hora nona.

Todos os nossos pecados estavam sobre os ombros de Jesus naquela cruz (1Pe 2.24), gerando forçosa separação com Deus (Is 59.1), a verdadeira fonte de luz e vida (Sl 36.9). O próprio sol ocultou sua face. Por isso, em pleno meio-dia ("hora sexta"), miraculosa escuridão cobriu a terra, fenômeno que durou três horas (v. 33).

Ao fim desse tempo ("hora nona"), Jesus angustiou-se, pois vivenciava o momento mais aflitivo de sua caminhada: o afastamento do Pai (v. 34; Sl 22.1). As trevas cobriram não apenas a terra, mas também o coração do povo (v. 35-36).

Certamente, alguns judeus lembraram da primeira Páscoa: a nona praga do Egito foi uma escuridão total que durou três dias, seguida da última praga: morte dos primogênitos (Êx 10.22-11.9). A escuridão no Calvário anunciava que o Filho Primogênito de Deus estava prestes a entregar sua vida pelos pecados do mundo (Mc 1.11; Cl 1.15-18).

2. Jesus expira (Mc 15.37)

Mas Jesus, dando um grande brado, expirou.

Marcos trata da morte de Jesus com impressionante simplicidade (v. 37). A morte do Autor da vida (At 3.15) veio de forma repentina, por volta das três da tarde ("hora

nona" – v. 34), ou seja, hora em que a oferta regular do final da tarde era oferecida no Templo. Pilatos admirou-se pela rapidez da morte de Jesus (v. 44) – talvez pela severidade dos açoites que recebeu.

A morte do Servo não representou um fim trágico. Pelo contrário, trata-se do retumbar triunfante de uma nova história para a humanidade, já que, com sua morte, o Filho de Deus abriu um novo e vivo caminho de acesso ao Pai (Hb 10.19-20), pondo fim ao antigo sistema sacrificial (Lv 1-7). Para demonstrar essa realidade, o próprio Deus rasga o véu do Templo em duas partes, do céu para a terra ("de alto a baixo" – v. 38).

Marcos registra outro exemplo prático desse novo tempo espiritual: um centurião (oficial romano responsável por cem soldados) reconhece, publicamente, que aquele homem morto e desfigurado, pendurado em uma cruz, era o Filho de Deus (v. 39). Tamanha confissão indica que, por revelação divina, foi-lhe descortinada ao coração a fé salvífica em Jesus (Mt 16.17; Ef 2.8). Uma fé viva e sincera, a mesma que inspirava corajosas mulheres a continuar seguindo ao Servo (v. 40-41). Judeus e gentios, homens e mulheres, libertos e escravos: todos poderão agora estar reunidos na mesma fé em Cristo (Gl 3.28).

3. Sepultamento (Mc 15.46)

Este, baixando o corpo da cruz, envolveu-o em um lençol que comprara e

o depositou em um túmulo que tinha sido aberto numa rocha; e rolou uma pedra para a entrada do túmulo.

O sábado começaria com o pôr do sol, poucas horas depois da morte de Jesus, quando não se poderia realizar trabalho (Êx 31.15). No caso, esse seria um sábado especial, por causa da Páscoa (Jo 19.31). Era importante, pois, que o local fosse liberado rapidamente.

Eram comuns negativas de sepultamento a crucificados. Em regra, seus corpos eram lançados em campos abertos para cães e abutres

ou jogados em grandes lixões. Era preciso muita coragem para pedir ao governador o corpo de um homem executado como inimigo de Roma. Mesmo assim, ousadamente, José de Arimatéia, sujeito rico e influente, membro do Sinédrio e seguidor secreto do Servo, conseguiu audiência com Pilatos fora do horário de expediente e obteve autorização para remover o corpo de Jesus. Com a ajuda de Nicodemos, sepultou-o a tempo e com dignidade (v. 42-46; Mt 27.57-60; Jo 19.38-42). Mais uma profecia se cumpre (Is 53.9).

APLICAÇÃO PESSOAL

Jesus sofreu uma morte dolorosa e humilhante para que pudéssemos ter vida em abundância. Portanto, cumpre-nos viver para Cristo, que nos amou e a si mesmo se entregou por nós.

RESPOSTA

1) Segundo a lição, quando submetido a Pôncio Pilatos, de que crimes Jesus foi acusado?

2) Qual o nome do homem que foi obrigado pelos soldados romanos a carregar a cruz de Jesus?

3) A morte de Jesus aconteceu em que horário do dia?



LIÇÃO 13

MARCOS 16:

GLÓRIA E TRIUNFO DO SERVO

SUPLEMENTO EXCLUSIVO DO PROFESSOR

Afora o suplemento do professor, todo o conteúdo de cada lição é igual para alunos e mestres, inclusive o número da página.

ORIENTAÇÃO PEDAGÓGICA

Em Marcos 16 há 20 versos. Sugerimos começar a aula lendo, com todos os presentes, Marcos 16.1-20 (5 a 7 min.).

A revista funciona como guia de estudo e leitura complementar, mas não substitui a leitura da Bíblia.

Amado(a) professor(a), o cumprimento de tudo que Jesus profetizou e o testemunho dos apóstolos nos dão a certeza de que Ele está vivo. Nosso desafio é crer sem ter visto, pois é da natureza humana crer apenas no que a visão percebe, por isso as imagens – digitais, inclusive – são tão idolatradas hoje quanto na antiga Babilônia. Mas, é pela fé que devemos ver aquele que somente pelo Evangelho está revelado. Também pela fé devemos cumprir a comissão que nos foi ordenada, pois aquele que ordenou em breve cobrará frutos. Sejam empenhados e diligentes em testemunhar; ligeiros em ensinar e dinâmicos em anunciar a mensagem que transformou nossas vidas.

OBJETIVOS

- **Proclamar** o Evangelho da salvação até que Jesus nos arrebate.
- **Proclamar** a certeza de que Jesus, assim como subiu ao céu, em breve voltará.
- **Adorar** intimamente o Sacerdote Eterno, que está à direita de Deus.

PARA COMEÇAR A AULA

Esta lição deve ser ministrada com desejo apostólico de cumprir o que nos foi comissionado. A fé que nos move é uma dádiva imerecida concedida pelo Espírito à Igreja, mas os dons não devem ser guardados. Devemos agir na vida dos irmãos que ainda não creem, pois eles estão sob nossa responsabilidade. Se não formos a cada pessoa para pregar o Evangelho, como elas poderão crer? O mover do Espírito é ativo, como no Pentecostes. Não é pela emoção que se reconhece uma igreja fiel, mas pela evangelização.

RESPOSTAS DA PÁGINA 82

- 1) Seu testemunho era considerado menos confiável.
- 2) Maria Madalena (Mc 16.9; Jo 20.11-18).
- 3) Durante quarenta dias (At 1.3).

LEITURA ADICIONAL

“... Tendo assentado Jesus na esfera celestial depois de ressuscitá-lo dos mortos, Deus também assentou os fiéis nesse lugar de autoridade a fim de demonstrar a realidade da graça divina (Ef 1.20; 2.6-7). (...) O assentar de Jesus denota posição de autoridade sobre outras autoridades; de modo semelhante, nosso assentar sugere que não somos mais obrigados a aceitar a autoridade de outros poderes. Podemos resistir a eles (Ef 6.12). (...) Assim, a ressurreição de Jesus significa que os fiéis continuam a usufruir de vida física, mas também se relacionam com esse outro reino. Eles também não foram apenas ressuscitados – ou mesmo ressuscitados apenas a uma nova forma de vida terrena –, mas ressuscitados a uma vida celestial. Seu espírito está nos céus, embora seu corpo esteja na terra. Por isso, os discípulos devem buscar as coisas do alto, focar a mente nas coisas de cima (Cl 3.1-2). (...) Foco celestial não quer dizer que a vida atual e terrena das pessoas não importe. O corpo na terra e o espírito nas regiões celestiais englobam uma única pessoa. O próprio Jesus promete coisas aos discípulos na esfera do material e do exterior, como herança territorial, comida e vestimenta, embora lhes diga para não se preocuparem com isso (Mt 5.5; 6.25-34). Ressaltar o céu revoluciona a vida das pessoas na terra em vez de privá-las de significado. É à luz do fato de ter ressuscitado com Jesus que os fiéis devem matar (*nekroō*) práticas terrenas como imoralidade sexual, ganância (que é idolatria), ira, malícia, engano e instinto de divisão (judeu e gentio, nós e eles, escravo e livre), fazendo distinções cuja importância foi abolida para aqueles que se despiram do velho homem e se revestiram do novo (Cl 3.5-11). No lugar disso, devem cultivar práticas que refletem realidades celestiais, como compaixão, humildade, gentileza, paciência, perdão e paz – tudo que, como princípio global, expressa cuidado por outras pessoas. Fiéis devem revestir-se de características de sua natureza celestial (Cl 3.12-15)”.

Livro: **Teologia Bíblica: o Deus das Escrituras Cristãs** (GOLDINGAY, John. Rio de Janeiro: Thomas Nelson Brasil, 2020, pp. 386-387).

LIÇÃO 13

MARCOS 16: GLÓRIA E TRIUNFO DO SERVO

Texto Áureo

"Ele, porém, lhes disse: Não vos atemorizeis; buscais a Jesus, o Nazareno, que foi crucificado; ele ressuscitou, não está mais aqui; vede o lugar onde o tinham posto."

Mc 16.6



Leitura Bíblica Para Estudo Marcos 16.1-20

Verdade Prática

Ser cristão é seguir as pegadas do Cristo ressurreto, confiando naquele que tem todo o poder nos céus e na terra.

INTRODUÇÃO

I. RESSURREIÇÃO *Mc 16.1-8*

1. Amor transbordante *Mc 16.2*
2. Cristo vive *Mc 16.6*
3. Primeiras testemunhas *Mc 16.7*

II. APARIÇÕES *Mc 16.9-14*

1. Transformação *Mc 16.9*
2. Incredulidade *Mc 16.11*
3. Diversas aparições *Mc 16.12*

III. ASCENSÃO *Mc 16.15-20*

1. Grande Comissão *Mc 16.15*
2. À destra de Deus *Mc 16.19*
3. Sinais *Mc 16.20*

APLICAÇÃO PESSOAL

Devocional Diário

S	T	Q	Q	S	S
<i>Mc</i>	<i>Mc</i>	<i>Mc</i>	<i>Mc</i>	<i>Mc</i>	<i>Mc</i>
16.3	16.4	16.5	16.10	16.14	16.17

Hinos da Harpa: 183 - 545

INTRODUÇÃO

No último capítulo do Evangelho de Marcos, o Servo Sofredor rompe os grilhões da morte, restaura a comunidade de discípulos e assenta-se, triunfante, à destra do Pai. A narrativa demonstra que Jesus vive e reina para todo o sempre, tendo toda autoridade nos céus e na terra.

I. RESSURREIÇÃO (Mc 16.1-8)

1. Amor transbordante (Mc 16.2)
E, muito cedo, no primeiro dia da semana, ao despontar do sol, foram ao túmulo.

Todos os discípulos abandonaram Jesus (Mc 14.50). Mas existiam mulheres de fidelidade exemplar: serviram-no durante todo o seu dinâmico ministério e também se dispuseram a acompanhar tanto a agonia da cruz quanto o silêncio do sepultamento (Mc 15.40-41 e 47).

Como ato de devoção, antes do funeral, os judeus ungiam os corpos com óleo misturado com mirra e aloés. Sabendo que José de Arimatéia e Nicodemos cuidaram às pressas do corpo de Jesus (Jo 19.38-42), Maria Madalena, Salomé e Maria (mãe de Tiago) compraram essências aromáticas (v. 1) e, logo cedo, no domingo, foram ao sepulcro para perfumar o corpo do Senhor (v. 2).

Últimas a saírem do Calvário; primeiras a chegarem ao sepulcro. Amor transbordante pelo Servo: na alegria e na tristeza.

2. Cristo vive (Mc 16.6)

Ele, porém, lhes disse: Não vos atemorizeis; buscais a Jesus, o Nazareno, que foi crucificado; ele ressuscitou, não está mais aqui; vede o lugar onde o tinham posto.

Para impedir a entrada de ladrões ou animais, os jazigos eram fechados com rochas circulares. Logo, como de costume, seria necessário um grupo de homens fortes para rolar a pedra e abrir o sepulcro. Recorde-se que os discípulos de Cristo estavam escondidos (Jo 20.19). Por isso, ao longo da caminhada, aquelas piedosas mulheres indagavam-se: “*Quem nos removerá a pedra da entrada do túmulo?*” (v. 3). Marcos é o único que registra esse diálogo.

Mas, ao chegarem, surpreendem-se: a pedra “*já estava removida*” (v. 4). Em Marcos, a menção de que a pedra “*era muito grande*” (v. 4) implica que a rolagem da rocha foi obra divina, percepção confirmada e detalhada por Mateus, inclusive relatando o desmaio dos guardas que vigiavam o sepulcro de Jesus (Mt 28.2-4).

Focando em apenas um dos anjos (Lc 24.4), Marcos anuncia, com extrema simplicidade, o evento-chave do cristianismo (1Co 15.14): “*ele ressuscitou, não está mais aqui*” (v. 6). A morte não tem poder para vencer a vida (Jo 11.25). Deus o ressuscitou (At 2.24 e 32; 1Co 6.14). Jesus é o Filho de Deus, Salvador e Senhor (Rm 1.4).

3. Primeiras testemunhas (Mc 16.7)
Mas ide, dizei a seus discípulos e a Pedro que ele vai adiante de vós para a Galileia; lá o vereis, como ele vos disse.

Afirmada a ressurreição de Cristo, o anjo convida as mulheres a ver o sepulcro vazio (v. 6) e, em seguida, proclama palavra cheia de encorajamento: “*ide, dizei a seus discípulos e a Pedro que ele vai adiante de vós para a Galileia*” (v. 7). O pecado entrou no mundo pela mulher (Gn 3.6); mas, por ela, vieram o Salvador (Gn 3.15; Lc 1.30-31) e a propagação primeira da ressurreição. Estonteante sabedoria divina (Rm 11.33).

No mais, tudo muito familiar: Jesus havia dito que, após a ressurreição, os reencontraria na Galileia (Mc 14.28). Também já havia afirmado que a essência do discipulado consistia em seguir as suas pegadas (Mc 1.20; 8.34; 10.21 e 52).

A referência específica a Pedro é de uma riqueza espiritual comovente: mesmo sua chocante deserção (Mc 14.72) não impediu que o primeiro movimento do Jesus ressurreto fosse um explícito e restaurador ato de perdão, colocando em prática seus ensinamentos (Mc 11.25).

Todavia, a missão de testemunhar a ressurreição encontraria sérios obstáculos: a) psicologicamente, as mulheres ficaram atordoadas com aquela experiên-

cia sobrenatural (v. 5); b) culturalmente, à época, o testemunho de mulheres era menos confiável que o de homens; c) espiritualmente, ao que parece, mesmo a visitação de anjos no sepulcro vazio falhou em estimular fé. O resultado? Medo, fuga e desobediência (v. 8).

II. APARIÇÕES (Mc 16.9-14)

1. Transformação (Mc 16.9)

Havendo ele ressuscitado de manhã cedo no primeiro dia da semana, apareceu primeiro a Maria Madalena, da qual expelira sete demônios.

Depois de algum tempo de reflexão, Maria Madalena é a única que consegue romper esses duros limitadores e correr para contar a Pedro e João o que havia descoberto (Jo 20.2-10), demorando-se um pouco no túmulo depois que eles partem. Nesse instante, o próprio Senhor aparece, propiciando-lhe encontro memorável. Maria Madalena é a primeira a encontrar-se com o Jesus ressurreto (Jo 20.11-18) – sim, justamente ela, de quem o Servo outrora havia expelido sete demônios (v. 9; Lc 8.2).

Eis o milagre da transformação: aquela que um dia aninhou dentro de si diversos seres malignos, agora portará as boas-novas da ressurreição de Cristo. O Evangelho não é uma ideia nem filosofia, mas o poder de Deus

para a salvação de todo aquele que crê (Rm 1.16). Mais tarde, as demais mulheres também teriam seu próprio encontro pessoal e restaurador com o Jesus ressurreto (Mt 28.9-10).

2. Incredulidade (Mc 16.11)

Estes, ouvindo que ele vivia e que fora visto por ela, não acreditaram...

A postura ousada de Maria Madalena contrasta com a reação insistentemente cética dos discípulos (v. 10; Mc 14.50; Jo 20.19). Desprezaram o testemunho de Maria Madalena (v. 10-11) e das demais mulheres (Lc 24.10-11). Também não creram no testemunho da dupla que encontrou com o Senhor no caminho de Emaús (v. 12-13; Lc 13.34).

Jesus, enfim, aparece e censura-lhes a dureza de coração, confirmando os testemunhos anteriores (v. 14) – e, mesmo assim, não sem antes muita resistência em aceitar que verdadeiramente o próprio Cristo estava entre eles (Lc 24.36-43). O testemunho da Igreja a respeito da ressurreição de Jesus é o testemunho do próprio Senhor ressurreto (At 9.1-5).

Impressiona a indisposição dos discípulos em crer naquilo que tantas testemunhas relatavam com convicção, que as Escrituras sinalizavam com clareza (Sl 16.9-10; Is 26.19; Os 6.1-2; 1Co 15.3-4) e que o próprio Servo – prévia, expressa e reiteradamente – já havia

dito que aconteceria (Mc 8.31; 9.31; 10.33-34).

Não importa quantas experiências espirituais tenhamos vivido. A fraqueza de fé desses privilegiados homens que andaram lado a lado com Jesus constitui um eloquente alerta para permanecermos vigilantes na luta contra a catástrofe da incredulidade (Hb 3.7-4.13; 2Co 13.4-5).

3. Diversas aparições (Mc 16.12)

Depois disto, manifestou-se em outra forma a dois deles que estavam de caminho para o campo.

Após ressurreto, aconteceram, registrados na Bíblia, pelo menos, onze eventos de aparição de Jesus antes de sua ascensão. Confira-se: à Maria Madalena (Jo 20.14-18), ao grupo de mulheres (Mt 28.9-10), a Pedro (Lc 24.34; 1Co 15.5), aos dois discípulos no caminho para Emaús (Lc 24.13-35), aos discípulos em Jerusalém (Lc 24.36-43; Jo 20.19-23), a Tomé e aos outros (Jo 20.24-29), aos sete junto ao lago (Jo 21.1-23), aos discípulos no monte (Mt 28.16-20), a quinhentos seguidores (1Co 15.6), a Tiago (1Co 15.7) e aos discípulos, quando da ascensão (Lc 24.44-53; At 1.1-12).

As aparições de Cristo foram centrais para a pregação na Igreja primitiva (At 2.32; 3.15; 10.41; 13.31) e para seu ensino (1Co 15.5-8). Jesus promoveu essas aparições durante um período de quarenta dias (At 1.3).

III. ASCENSÃO (Mc 16.15-20)

1. Grande comissão (Mc 16.15)

E disse-lhes: Ide por todo o mundo e pregai o evangelho a toda criatura.

Uma vez cumprido seu ministério terreno (Mc 1.14-15 e 10.45), não havia mais razões para Jesus permanecer fora de casa (Jo 14.2-3). Antes, porém, o Senhor restaura a comunidade de discípulos, bem como sua chamada missionária (Mc 6.7-13), constituindo-os, enfim, como seus genuínos embaixadores nesta terra (Is 61.1-3; 2Co 5.20; 1Pe 2.9). Com efeito, a palavra deve ser pregada a todas as criaturas e em todo o mundo (v. 15). Discípulos de todas as nações deverão ser formados e batizados em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo (Mt 18.18-19).

É certo que a Palavra de Deus é espada de dois gumes: gera vida, mas também sentencia com a morte (v. 16; Jo 3.18; Hb 4.12). Entretanto, como afirma Dewey Muhlolland, para a Igreja, optar pelo silêncio é um perigo maior que a perseguição e a morte: o Evangelho só será boas novas se for compartilhado (Rm 10.14-17).

Logo, não podemos ser tímidos ou negligentes na tarefa de, com amor e sabedoria, pregar o Evangelho a todos, em qualquer lugar e a qualquer tempo (2Tm 4.1-2). Antes, pelo contrário,

devemos estar sempre preparados para ser boca de Deus (2Tm 2.15), com a firme convicção de que Jesus está conosco (Dt 31.6; Mt 28.20) e garantirá a eficácia de Sua Palavra por meio de sinais que acompanharão os que creem (v. 17-18; Is 55.10-11).

2. À destra de Deus (Mc 16.19)

De fato, o Senhor Jesus, depois de lhes ter falado, foi recebido no céu e assentou-se à destra de Deus.

As aparições e desapareções de Jesus depois da ressurreição foram instantâneas (Jo 20.19); a ascensão, porém, foi gradual (At 1.6-11). Sua partida da terra deu-se com uma lenta e emocionante subida – assim como sua entrada ao mundo foi uma “descida” (Ef 4.9-10). Igualmente, como sua entrada no mundo foi sobrenatural (Lc 1.35 e 2.13-14), assim também o foi sua partida.

A ascensão de Jesus marcou a conclusão de seu ministério na terra e o começo de seu ministério no céu, agora como Sumo Sacerdote e Advogado de seu povo (Hb 7-10; 1Jo 2.1-3).

Importante lembrar que, para os judeus, não haveria novidade em um grande herói ascender visivelmente aos céus, como ocorrera com Elias (2Rs 2.11). Mas Jesus não só subiu, como também foi recebido nas alturas “e assentou-se à destra de Deus” (v. 19), ou seja, lugar de suprema honra e autoridade (Sl 110.1; Mc 12.36),

tanto no céu quanto na terra (Mt 28.18; 1Pe 3.22). Jamais houve alguém cujo nome fosse digno de tamanha exaltação (Fp 2.9-11; Ap 5.11-14). Todas as coisas do universo estão debaixo dos pés do Cristo exaltado (Ef 1.20-23).

3. Sinais (Mc 16.20)

E eles, tendo partido, pregaram em toda parte, cooperando com eles o Senhor e confirmando a palavra por meio de sinais, que se seguiam.

Diante de tão imensa glória, poder e autoridade, não nos espanta saber que, com a obediência dos discípulos em pregar o Evangelho por toda a parte, o Senhor tenha cooperado fielmente com eles, confirmado a palavra por meio de sinais (v. 20; Mt 11.5). Até hoje, quando a Igreja proclama a mensagem de Deus, o próprio Deus se encarrega de confirmar essa mensagem com a manifestação de seu poder (Jo 14.12; At 1.8-9; 1Co 2.4; 1Ts 1.5).

APLICAÇÃO PESSOAL

Temos o mais poderoso Senhor e a mais poderosa mensagem. Portanto, deixando de lado todo medo ou timidez, preguemos com ousadia o Evangelho de Cristo a tantos quantos estiverem ao nosso alcance.

RESPONDA

1) Culturalmente, qual o problema para que mulheres testemunhassem a respeito da ressurreição de Jesus?

2) Segundo a lição, qual a primeira pessoa que se encontrou com o Jesus ressurreto?

3) Depois da ressurreição, durante quantos dias Jesus promoveu aparições antes de ser elevado às alturas (At 1.9)?

INVISTA NO SEU FUTURO TEOLOGIA EAD

ONDE O CONHECIMENTO TRAZ LIBERDADE



BOLSAS DE ESTUDO
DE ATÉ

70%

www.fbnovas.edu.br

 *fbnovasoficial*

 (92) 98121 - 2373



Faculdade
BOAS NOVAS



Todas as Revistas no seu Celular ou Tablet...

Baixe o Aplicativo

Revista da Escola Dominical

na loja de Aplicativos no seu Tablet ou Smartphone.

PROGRAMA DE EDUCAÇÃO CRISTÃ CONTINUADA
MATRIZ CURRICULAR
ESTUDO, LEITURA E CÓPIA MANUSCRITA DA BÍBLIA
EM 8 ANOS

Ano	Trin	Antigo Testamento	Trin	Novo Testamento
1º 2021	1ª	Gênesis	2ª	Mateus
	3ª	Êxodo, Levítico	4ª	Atos
	1ª	Números, Deuteronômio	2ª	Romanos
2º 2022	3ª	Josué	4ª	Marcos
	1ª	Juizes (Rute)	2ª	1 Coríntios
3º 2023	3ª	1,2 Samuel	4ª	Lucas
	1ª	1,2 Reis; 1,2 Crônicas	2ª	2 Coríntios
4º 2024	3ª	Esdras, Neemias (Ester)	4ª	Jó
	1ª	Jô	2ª	Salmos de I Davi
5º Ano Pácul 2025	3ª	Salmos de Celebração	4ª	Provérbios, Cantares
	1ª	Isaías	2ª	Galatas, Efésios
6º 2026	3ª	Jeremias, Lamentações	4ª	Filipenses, 1,2 Timóteo
	1ª	Ezequiel	2ª	1,2 Timóteo, Filemon
7º 2027	3ª	Daniel	4ª	Hebreus e 1,2 Pedro
	1ª	Oseias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miqueias	2ª	1,2 Pedro; 1,2,3 Judas
8º 2028	3ª	Nauim, Habacuque, Sô-lomias, Ageu, Zacarias, Malaquias	4ª	Apocalipse



Para assinaturas e suporte:

Ligue: **91 98488-6910**

ou acesse o nosso site:

educacaocristacontinuada.com.br



PROGRAMA DE
EDUCAÇÃO CRISTÃ
CONTINUADA

Estude todos os Livros da Bíblia na Escola Dominical em 8 anos

Acompanhe o cronograma de estudos na contracapa

Jovens e Adultos



Adolescentes



Crianças



Revista de Adultos agora disponível em Audiobook. Acesso: educacaocristacontinuada.com.br/v2/revista/audio/



Acompanhe as teleaulas para professores no Youtube: youtube.com/user/educacaocrista



Acompanhe as aulas em áudio no Spotify pelo podcast da Assembleia de Deus em Belém

Para adquirir o material:
ligue: **91 98488-6910** ou
acesse o nosso site:
educacaocristacontinuada.com.br

Baixe o Aplicativo
Revista da Escola Dominical
Disponível para
Tablets e Smartphones.



MEDALHA DO MÉRITO BÍBLICO



DOUTOR DO NOVO TESTAMENTO:

Premiação para a criança que concluir a cópia manuscrita do Novo Testamento até os 12 anos de idade.

OURO

Premiação Individual ou coletiva pela conclusão da cópia manuscrita da Bíblia completa.

PRATA

Premiação Individual ou coletiva pela conclusão da cópia manuscrita do Antigo ou do Novo Testamento.

DIA DA BÍBLIA

2º DOMINGO DE DEZEMBRO

Celebre o Dia da Bíblia honrando com um diploma quem concluir a leitura completa da Bíblia e com uma medalha os que produziram a cópia Manuscrita da Bíblia.

CATEGORIAS

COLETIVAS:

FAMÍLIA
TEMPLO
DEPARTAMENTO
MISSÃO

INSPIRE-SE E CELEBRE TAMBÉM EM SUA CIDADE



Escanele o código ao lado ou insira o link em seu navegador para conhecer um pouco mais sobre a premiação da Bíblia Manuscrita.
youtu.be/n3LBc8IPYsQ

Para mais informações ligue:
91 98488-6910

ou acesse o nosso site:

www.educacaocriatacontinuada.com.br